

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS

JOSIEL ECCO

**TRADUÇÃO DE FICÇÃO CIENTÍFICA: ETS E A GRAPHIC NOVEL *PROTOCOLO
BLUEHAND***

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO-PR
2019

JOSIEL ECCO

TRADUÇÃO DE FICÇÃO CIENTÍFICA: ETS E A GRAPHIC NOVEL *PROTOCOLO BLUEHAND*

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso Superior de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura.

Linha de Pesquisa: Estudos da Tradução Literária/Estudos Descritivos da Tradução.
Orientadora: Prof.^a Dra. Mirian Ruffini.

PATO BRANCO-PR
2019



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Josiel Ecco**

Título: **Tradução de ficção científica: ETs e a Graphic Novel *Protocolo Bluehand***

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em
04 / 12 / 2019 pela comissão julgadora:

Profa. Dr^a. Mirian Ruffini- UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Profa. Dr^a. Camila Paula Camilotti- UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Wellington Ricardo Fiorucci – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a Ma. Rosângela Aparecida Marquezi

Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer aos meus pais, por me incentivarem e acreditarem no meu potencial. Quero agradecer também a minha namorada Cristiane dos Santos, essa pessoa incrível que apareceu para iluminar minha vida e agradeço imensamente por me auxiliar e me apoiar sempre que precisei, durante toda a trajetória deste trabalho.

Quero agradecer especialmente a professora e orientadora Mirian, devo a ela todo o interesse despertado pela tradução, todo o incentivo proporcionado por esta pessoa encantadora e por sempre acreditar no meu potencial, mesmo não sendo tudo o que ela acredita ser. Acrescento aqui todo o corpo docente que tive durante a minha graduação.

Por último quero agradecer a meus amigos em especial aqueles que me ajudaram e me apoiaram durante todo o curso e TCC. Vocês ocuparam um espaço em meu coração. Alexandre “Tanaburs” por me auxiliar durante a fase final e me mostrar um mundo novo da tradução; Camila Dassi, por todas as idas e vindas ao R.U.; Cristiane Schell, por toda a passagem da UTF, pelos trabalhos acadêmicos e por ser uma excelente dupla. Acrescento aqui a senhorita Alana Bonfim por me aguentar nas minhas baixas e animar as noites intermináveis; não posso esquecer da Danielle Franco, por todo o suporte que me forneceu, sendo ele nos fins de semana e feriados; por fim, a todos que foram importantes para meu crescimento acadêmico e pessoal durante todos esses anos.

RESUMO

ECCO, Josiel. **Tradução de Ficção Científica: ETs e a Graphic Novel *Protocolo Bluehand***. 2019. 127 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2019.

Este trabalho de conclusão de curso refere-se a uma análise tradutória, de cunho descritivo, de um dos capítulos da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), do gênero de ficção científica produzida pelo autor brasileiro Eduardo Spohr (1976). O objetivo desta análise é verificar os processos tradutórios necessários durante uma tradução; considerando que a partir desta é possível difundir as obras nacionais num âmbito internacional, para que consumidores de literatura inglesa tenham acesso às obras brasileiras. Para atingir este objetivo, primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca do universo da *Graphic Novel*, tendo como precursor desse gênero o escritor americano Will Eisner (1917-2005). Também, foram discutidos os aspectos que remetem ao gênero literário de ficção-científica e especulativa, além de trazer um estudo sobre a obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), bem como apresentar considerações sobre as teorias e procedimentos da tradução realizada. Como resultado, obtém-se uma reflexão das escolhas tradutórias, e a tradução do capítulo selecionado. A partir de toda a análise e discussão proposta neste trabalho, é possível observar que obras brasileiras possuem potencial de mercado para serem reproduzidas e comercializadas mundialmente.

Palavras-chave: “Análise tradutória”; “*Graphic Novel*”; “Ficção-científica”; “*Protocolo Bluehand*”.

ABSTRACT

ECCO, Josiel. **Science Fiction Translation: ETs and the Graphic Novel *Bluehand Protocol***. 2019. 127 page. Monograph - Graduation degree on Letras - Portuguese and English , Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2019.

This monography refers to a descriptive translation analysis of one of the chapters of the *Protocolo Bluehand: Alienígena* (2017), from the science fiction genre, produced by the Brazilian author Eduardo Spohr (1976). The purpose of this analysis is to verify the translation processes required during a translation; considering that from this, it is possible to disseminate national works in an international scope, so that consumers of English literature have access to Brazilian works. To achieve this goal, first, a bibliography research was carried out about the universe of Graphic Novel, having as a precursor of this genre, the American writer Will Eisner (1917-2005). Also discussed were the aspects that refer to the literary genre of science fiction and speculative fiction, besides bringing a study on the work *Protocolo Bluehand: Alienígena* (2017), as well as presenting considerations on the theories and procedures of the translation performed. As a result, you get a consideration of the translation choices, and the translation of the selected chapter. From all the analysis and discussion proposed in this paper, it is possible to observe that Brazilian works have market potential to be reproduced and commercialized worldwide.

Keywords: "Translation Analysis"; "Graphic Novel"; "Science fiction"; "Bluehand Protocol".

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa de <i>Passionate Journey</i> (1919)	21
Figura 2 – Capa de <i>Destiny</i> (1930).....	21
Figura 3 – Capa de <i>He done her wrong</i> (1930)	22
Figura 4 – Capa da versão comemorativa de 30 anos da obra <i>The Dark Night Returns</i> (1986)	23
Figura 5 – Capa de <i>300</i> (1998).....	23
Figura 6 – Capa de <i>V for Vendetta</i> (1982).....	24
Figura 7 – Capa de <i>Watchmen</i> (1986)	24
Figura 8 – Capa de <i>Sandman</i> (1989)	25
Figura 9 – Capa de <i>Ghost in the Shell</i> (1989)	25
Figura 10 – Capa de <i>Protocolo Bluehand: Alienígenas</i> (2017).....	52
Figura 11 – Contracapa de <i>Protocolo Bluehand: Alienígenas</i> (2017).....	53
Figura 12 – Orelhas de <i>Protocolo Bluehand: Alienígenas</i> (2017).....	53
Figura 13 – Elementos de Micronível de <i>Protocolo Bluehand: Alienígenas</i> (2017) ..	54
Figura 14 – Exemplo de análise semiótica, guerra vs. sobrevivência, presente na obra <i>Protocolo Bluehand: Alienígenas</i> (2017)	55
Figura 15 – Exemplo de análise semiótica, segurança vs. perigo, presente na obra <i>Protocolo Bluehand: Alienígenas</i> (2017)	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Análise do Sistema Linguístico (Transposição, Modulação e Sinonímia)	45
Quadro 2 – Análise do Sistema Linguístico (Paráfrase e Equivalência Funcional) ..	46
Quadro 3 – Análise da Domesticação do Estilo (Omissão)	47
Quadro 4 – Análise da Domesticação do Estilo (Generalização e Especificação) ...	47
Quadro 5 – Análise da Domesticação do Estilo (Reconstrução)	48
Quadro 6 – Análise da Domesticação do Estilo (Mudança de Registro)	49
Quadro 7 – Análise da Domesticação Realidade Extralinguística (Transferência) ...	49
Quadro 8 – Deformidade de Empobrecimento e Alongamento Evitada	51
Quadro 9 – Deformidade de Quebra de Ritmo Evitada	51
Quadro 10 – Quadro Semântico	55
Quadro 11 – Quadro Semântico	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O UNIVERSO DA GRAPHIC NOVEL	15
1.1 HISTÓRICO DAS GRAPHIC NOVELS.....	15
1.2 TEÓRICOS DAS GRAPHIC NOVELS	18
1.3 SURGIMENTO DAS GNS E SUAS OBRAS	20
2 LITERATURA DE FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTÁSTICA	27
2.1 HISTÓRICO DA FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTÁSTICA	27
2.2 LITERATURA DE FICÇÃO ESPECULATIVA E SCI-FI	33
3 HISTÓRICO E ANÁLISE DO PROTOCOLO BLUEHAND	36
3.1 AUTORES E OBRA	36
3.2 TEORIAS E PROCEDIMENTOS DE TRADUÇÃO	40
3.3 EXPLICANDO A TRADUÇÃO E ANÁLISE	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICES	65
APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO CONCEDIDA PELO AUTOR EDUARDO SPOHR, PARA O USO E REPRODUÇÃO DE SUA OBRA, A FIM DE CUMPRIR COM A ANÁLISE E TRADUÇÃO PRESENTES NESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	66
APÊNDICE B – TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA INGLESA DO CAPÍTULO 5 DA OBRA PROTOCOLO BLUEHAND: ALIENÍGENAS (2017)	67
ANEXOS	96
ANEXO A – CAPÍTULO 5 ORIGINAL DA OBRA PROTOCOLO BLUEHAND: ALIENÍGENAS (2017).....	97

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema as narrativas gráficas, isto é, HQs e Graphic Novels (GN¹) e sua crescente relevância no âmbito literário e cinematográfico. Levando em consideração o aumento das adaptações cinematográficas de HQs, esta pesquisa pretende analisar a relevância do tema na cultura pop. De acordo com Silva (2013, p.3):

[...] as histórias em quadrinhos (HQs) são um produto direto da cultura de massas, mais especificamente da cultura jornalística, cujo início remonta à Revolução Industrial no início do século XVIII na Inglaterra. Também chamada de "arte sequencial" por Will Eisner, constitui-se basicamente da interação entre palavra e imagem.

É válido ressaltar que o gênero abordado durante esta análise é o da GN. Como dito por Eisner (2005), devido à necessidade de adaptação do mercado de quadrinhos para o público adulto, as HQs se desenvolveram em histórias mais adultas, maiores e com temas mais relevantes a esses leitores. A esse novo estilo foi dado o nome de Graphic Novel, gênero este correspondente à obra estudada neste projeto, *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), conforme abordada mais à frente.

Sendo assim, o mercado de HQs e GN vem ganhando grande interesse por parte de leitores jovens e adultos, e a procura pelas obras em língua materna ou a tradução de obras antigas gera um grande interesse por parte dos tradutores deste material.

Entretanto, qual será o interesse por obras brasileiras, nos Estados Unidos, onde a maior parte das criações são geradas? De que maneira a cultura americana, sendo pioneira na publicação de GNs, aceitaria uma obra brasileira desse gênero? De que modo autores brasileiros conseguem sair da marginalidade (ressaltando que este termo não se remete ao empobrecimento da obra, mas sim à falta de reconhecimento do que se é produzido fora dos cânones literários) e encontrar espaço entre os cânones literários internacionais de HQs e GN?

Como busca de resposta a esses e outros questionamentos, objetivou-se a possibilidade de tradução para a língua inglesa e análise do processo tradutório da GN, *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

¹ GN será a abreviatura usada para Graphic Novel até o final do trabalho.

O presente trabalho tem o intuito de traduzir e analisar o capítulo 5 da terceira edição da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), inicialmente publicada em 2011 pela editora NerdBooks e escrita por Eduardo Spohr, com o apoio de Alexandre Ottoni e Deive Pazos (donos da editora), a trama gira em torno de como a sociedade terrestre deve lidar com a possível invasão alienígena e como sobreviver ao ataque iminente, além de retomar a Terra de seus invasores. A história se passa ao longo de 336 páginas, divididas em 6 capítulos, dentre os quais analisou-se apenas o capítulo 5, e para isso se concretizar, utilizou-se como fundamento teóricos dos estudos da tradução.

Para concretizar esse objetivo geral maior, almeja-se conhecer o universo da GN e suas especificidades, de que maneira se realizam traduções de uma GN, e quais teóricos contribuem para o processo da análise tradutória, tratando-se de análises macro e microtextuais, juntamente dos paratextos que acompanham a obra.

Investigou-se da mesma forma a relevância do gênero sci-fi nas GNs e como esse gênero é percebido pelo leitor e pesquisadores. Analisou-se ao mesmo tempo a importância do tema da obra e como é identificada pelo público e a relevância do mercado, quando se trata de seres alienígenas em obras literárias.

Sendo assim, pensando na possibilidade de se traduzir a obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), surgiram dúvidas sobre os aspectos intersemióticos do livro, pois a leitura de uma GN não se faz apenas por meio da linguagem utilizada na obra, mas juntamente com as ilustrações e detalhes que foram adicionados cuidadosamente pelo autor, levando em consideração a interferência que essas imagens causam na leitura da obra visto que são uma peça fundamental na composição de uma GN.

Segundo a proposta que esta pesquisa apresenta, este projeto tem o potencial de ser desenvolvido e divulgado, pois o aumento de adaptações de HQs e GNs promove estimular, nos interessados pelas obras originais, o desejo de conhecer a história por meio da qual surgiram esses heróis e heroínas. Além disso, há novas histórias e autores desse gênero a cada dia, portanto, o leitor tende a procurar as adaptações de GNs, suas traduções e produtos associados no mercado.

Sendo assim, seria de extrema importância que autores brasileiros fossem reconhecidos no exterior, para que então obtivessem chance de que suas obras recebessem adaptações fílmicas, com o intuito de popularizar as suas criações,

expandindo assim seu público leitor e o reconhecimento do escritor por seu trabalho original.

Além disso, no decorrer deste projeto, foi estudada a análise semiótica da obra, pois esta conta com muitos recursos imagéticos, os quais são fundamentais para o desenvolvimento da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), que foi analisada e traduzida. Também foram identificados os métodos tradutórios, levando em conta as imagens e distribuição do texto estabelecidos pelo autor, analisando a tradução desta obra para a Língua Inglesa, na qual se descreve a Terra após a invasão e ataque extraterrestre.

No âmbito social, o presente trabalho traz a importância do estudo das traduções como um conteúdo a ser apresentado à sociedade, pois o público apenas tem acesso ao trabalho final do tradutor, sem saber os processos que sua obra passa até chegar em suas mãos. Sendo assim, pretende-se descrever e discutir o projeto tradutório envolvido na elaboração das traduções deste trabalho, como forma de socialização desses conteúdos ao público acadêmico e profissional das letras, juntamente com as reflexões acerca dos desafios e soluções encontrados no processo.

Já no âmbito acadêmico, busca-se demonstrar a importância de obras não canônicas e fora do eixo literário, porém sem ignorar a relevância do material e gênero abordados no estudo. Almeja-se comprovar, igualmente, que o gênero de GN pode ser estudado pela comunidade acadêmica e servir como material de estudo de pesquisas e análises tradutórias.

Junto a isso, podemos aventar a utilização do material oriundo deste trabalho por professores e alunos, pois percebe-se o potencial de utilização dos resultados aqui obtidos no âmbito escolar. A obra traduzida pode vir a ser trabalhada na disciplina de língua Inglesa, visto que, além de ser um gênero muito popular entre os jovens devido à grande ascensão dos Heróis de histórias em quadrinhos, acrescenta-se a gama crescente de adaptações de GNs para o cinema.

Percebeu-se, por meio de pesquisas, que a procura pelo uso de GNs em estudos acadêmicos vem crescendo em número a cada dia, bastando uma busca rápida para encontrar diversos exemplos de trabalhos como: *As histórias em quadrinhos e a tradução: o caso de sandman, romance gráfico de Neil Gaiman*, Almeida (2012); *Onde gatos e a máfia se encontram: traduzindo o romance gráfico "Lackadaisy"*, Silva (2014); *Quem vigia os tradutores? - análise de uma tradução de*

Watchmen no Brasil, Britto (2009), entre outras buscas, encontra-se esta demanda no meio acadêmico, destacando que também serviu de referencial teórico para esta pesquisa.

Pelo intermédio do conhecimento sobre o universo das GNs e suas características principais, este trabalho busca explorar os procedimentos tradutórios a fim de auxiliar a análise e tradução deste gênero.

As etapas deste projeto compreendem a revisão bibliográfica sobre o assunto e análise de dados obtidos. Com a revisão bibliográfica pretende-se aprofundar o conhecimento acerca dos procedimentos da tradução, juntamente com os processos e deformidades que se aplicam ao processo tradutório.

Para isto, serão utilizados os trabalhos dos teóricos: Rafael Lanzetti *et al* (2007) acerca dos procedimentos técnicos de tradução, José Lambert e Even-Zohar (2006) com a teoria dos Polissistemas. Segundo Lambert (2006, p.190):

Devido a sua origem cultural e institucional particulares, a Teoria do Polissistema se difundiu no panorama da pesquisa de literatura e cultura através de um número limitado de canais e subdisciplinas. A afirmação da Teoria do Polissistema tem tido uma desvantagem evidente por ter que lidar com tão grandes objetos de pesquisa como cultura, sistema de signos etc., onde tantas disciplinas se encontram.

O arcabouço teórico desta pesquisa segue com os postulados de Antoine Berman (2007), que introduz as categorias de deformidades nas traduções. Essas deformidades se referem ao que o tradutor tem que se sujeitar a fazer, para que o texto fique polido; como dito por Berman (2007, p.48), “Esta analítica parte da localização de algumas tendências deformadoras, que formam um todo sistemático, cujo fim é a destruição, não menos sistemática, da letra dos originais, somente em benefício do ‘sentido’ e da ‘bela forma’.

Também serviu de apoio teórico, Antonio Vicente Pietroforte (2007), no que se refere ao estudo da semiótica visual, e Will Eisner (2005), que versa sobre as narrativas gráficas. Além disso, são consultados os pesquisadores que já utilizaram de GN para seus estudos e pesquisas, sendo um deles José Manuel da Silva (2013), que aborda sobre os critérios de avaliação na tradução das histórias em quadrinhos.

Os estudos em relação ao tema da obra abordada, e a ficção científica, são cruciais para esta temática e com o suporte de autores como Daniel Iturvides Dutra

(2009a) e (2009b), Suzana Oliveira Da Silva (2012), Juan José Saer (2012) e Adriano Messias (2016), acredita-se embasar o leitor a respeito desse subgênero literário.

A pesquisa se dá de forma bibliográfica e tem como base os procedimentos dos estudos da tradução e intersemiótica, baseada no que os teóricos pesquisam e aplicam na análise.

Para a organização e disposição do conteúdo deste trabalho, conta-se com três diferentes capítulos. Primeiramente aborda-se o universo da GN, seu histórico, exemplos de narrativas gráficas e os principais teóricos que se dedicaram a este gênero.

Na sequência, apresenta-se a literatura de ficção científica especulativa e fantástica, bem como seu histórico e características, temáticas, elementos e personagens também ganharão destaque.

A fim de concluir o estudo aqui apresentado, realiza-se análise criteriosa da tradução do capítulo 5, da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas*, explorando a totalidade das características da obra fonte, além de descrever e explicar a transferência macro e microtextual realizada na tradução, bem como os procedimentos metodológicos adotados na solução dos problemas tradutórios deste projeto.

1 O UNIVERSO DA *GRAPHIC NOVEL*

Para que seja possível cumprir com os objetivos desta pesquisa, que implicam na análise e tradução da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), primeiramente é fundamental tomar conhecimento sobre o universo das *Graphic Novels*, gênero esse ao qual pertence ao objeto de estudo.

O estudo deste capítulo gira em torno do histórico do gênero literário citado acima, considerando desde o seu surgimento até o interesse de escritores atuais por este tipo de trama.

Nesse capítulo ainda, é salientado sobre a análise semiótica, a qual pode ser dividida em três sistemas, sendo eles: verbal, não verbal e sincrético, que visam o estudo dos signos; essencial para a interpretação em sua totalidade de uma obra de *Graphic Novel*.

Também aborda os principais teóricos, apresentados posteriormente, que relatam e defendem a importância e relevância das *Graphic Novels* como gênero literário.

Ademais, a fim de aprofundar a compreensão sobre o universo das *Graphic Novels*, este capítulo apresenta alguns dos principais escritores que fundamentaram suas obras a partir desse gênero literário. Dentre eles, se destacam Frans Masereel, Otto Nückel, Lynd Ward, Milt Gross, Frank Miller, Alan Moore e Masamune Shirow; todos apresentados posteriormente.

1.1 HISTÓRICO DAS *GRAPHIC NOVELS*

Inicialmente, faz-se necessário compreender que a literatura precisou acompanhar a mudança na rotina dos indivíduos. Com o passar do tempo, as pessoas dividiram sua rotina entre trabalho, estudo e família, deixando o lazer como última atividade. Dessa forma, a população se encontra mais atarefada, surgindo a necessidade de adaptar a literatura de certa maneira que sua leitura fosse rápida e de fácil interpretação. Para tal, o uso de imagens para expressar palavras tornou-se cada vez mais difundido em meio à sociedade. Sendo assim, de acordo com Silva (2013), foi neste aspecto que as HQs e GNs ganharam espaço.

Primeiramente, se faz importante ressaltar que as abreviações HQs e GNs se referem, respectivamente, aos gêneros literários de histórias em quadrinhos e *graphic novels*; que de agora em diante, referenciam esses termos.

É válido ressaltar que o gênero abordado durante esta análise é o da GN. Como dito por Eisner (2005), devido à necessidade de adaptação do mercado de quadrinhos para o público adulto, as HQs se desenvolveram em histórias mais adultas, maiores e com temas mais relevantes a esses leitores. A esse novo estilo foi dado o nome de Graphic Novel, gênero este que corresponde à obra estudada neste projeto, “Protocolo Bluehand: Alienígenas” (2017), conforme abordada mais à frente.

Com as definições e diferenças entre os gêneros de HQs e GNs, retoma-se a evolução desses gêneros literários. Como explica Eisner (2005, p.7):

Na segunda metade do século XX houve uma mudança na definição do que é literatura. A proliferação do uso de imagens como um fator de comunicação foi intensificada pelo crescimento de uma tecnologia que exigia cada vez menos a habilidade de se ler um texto. Dos sinais de trânsito às instruções mecânicas, as imagens ajudaram as palavras e, muitas vezes, até as substituíram. Na verdade, a leitura visual é uma das habilidades obrigatórias para a comunicação neste século. E as histórias em quadrinhos estão no centro desse fenômeno.

Pelo fato de as HQs basearem-se em imagens, a interpretação das histórias se tornaram facilitadas, narrando assuntos de menor complexidade. Porém, com a intensa propagação das HQs, estas precisaram estabelecer-se como um gênero literário propriamente dito. Foi então que, devido a esta necessidade, ocorreu a adaptação deste gênero literário com o intuito de retratar assuntos mais relevantes para a sociedade. Portanto, deu-se início às criações das GNs, como afirma Eisner (2005, p.8):

[...] os quadrinhos procuraram tratar de assuntos que até então haviam sido considerados como território exclusivo da literatura, do teatro ou do cinema. Autobiografias, protestos sociais, relacionamentos humanos e fatos históricos foram alguns dos temas que passaram a ser abraçados pelas histórias em quadrinhos. As *graphic novels*, com os chamados “temas adultos” proliferaram e a idade média dos leitores aumentou. [...] Acompanhando essas mudanças, um grupo mais sofisticado de talentos criativos foi atraído para essa mídia e elevou seus padrões.

Após esta análise, torna-se possível afirmar que uma GN é definida como uma categoria das HQs, pois se classifica como uma obra que possui imagens para

narrar a trama, abordando mais profundamente as temáticas da história. Dessa maneira, é relevante compreender a origem do termo, e a literatura de GNs, que são popularmente conhecidas como quadrinhos. Para tanto, destaca-se a fala de Silva (2013, p.3), a qual também discorre sobre o surgimento desse gênero literário:

[...] as histórias em quadrinhos (HQs) são um produto direto da cultura de massas, mais especificamente da cultura jornalística, cujo início remonta à Revolução Industrial no início do século XVIII na Inglaterra. Também chamada de "arte sequencial" por Will Eisner, constitui-se basicamente da interação entre palavra e imagem.

Como afirmado por Silva (2013), o gênero literário dos quadrinhos teve seu surgimento datado do período da revolução industrial, quando se tornou uma literatura de massa, visto que seu preço era acessível a todos os públicos. Em consequência da popularidade deste gênero literário em meio às diversas classes sociais, mais tarde acabou tornando-se um gênero abundantemente difundido entre jovens e adultos.

Inicialmente as GNs eram adquiridas objetivando um meio de diversão e alívio, já que se vivia uma época na qual a sociedade estava sofrendo com as consequências (estas caracterizadas por um período de demasiado desgaste emocional) da Segunda Guerra Mundial.

Em razão disso, o seu súbito aumento de vendas ocorreu durante as décadas de 30 e 40, período este conhecido na literatura como a época de ouro dos quadrinhos, trazendo heróis americanos que lutavam contra nazistas e inimigos dos Aliados; uma vez que a principal criadora desse gênero era os Estados Unidos.

Desse modo, as GNs configuraram-se como uma forma de entretenimento, rápida, com baixo custo e de fácil acesso. Além disso, foi nesse momento que houve a explosão da popularidade dos heróis de quadrinhos, que ainda hoje são bem conhecidos, tomando, por exemplo, a criação do Super-Homem e do Capitão América.

Após esse *boom* dos quadrinhos com respectivo acréscimo das vendas, ocorreu uma notável queda da procura das histórias deste tipo de gênero literário, entre as décadas de 1950 e 1960, quando os escritores voltaram suas histórias para um público infanto-juvenil.

Apenas voltou a ganhar destaque no início do século XXI, com a participação de grandes produtoras, as quais adaptaram as histórias para o cinema,

trazendo de volta a nostalgia em torno do gênero e o desejo do público de obter as HQs mais uma vez.

Dito isso, sabe-se que atualmente há um incremento na procura por pesquisadores interessados em envolver as HQs nos seus estudos, tendo em vista que este gênero pode ser analisado em diferentes aspectos, tais como, semântico e linguisticamente e suas respectivas traduções. O último aspecto é, por meio desta pesquisa, um dos principais focos deste projeto.

1.2 TEÓRICOS DAS *GRAPHIC NOVELS*

Como auxílio na análise semântica (estudo dos signos de uma obra literária) da GN *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), utiliza-se o aporte teórico de Antonio Vicente Pietroforte (2007), com sua obra *Semiótica Visual* (2007). Salientando que este não é o objetivo central desta pesquisa, mas servirá de norte para trabalhos futuros.

Em seu livro, Pietroforte expõe sua análise semiótica com base no que foi proposto por Algirdas Julien Greimas (1973 – 1997), que é conhecida como a “[...] teoria geral do signo chamada semiologia, é a ênfase dada não mais nas relações entre os signos, mas no processo de significação capaz de gerá-los.” (PIETROFORTE, 2007, p.7).

Pietroforte disserta sobre a relevância da análise semiótica em obras, sejam elas de caráter verbal, não verbal ou sincrético. Pietroforte (2007, p.11) explica que sistemas verbais são as línguas naturais, e os não verbais são como a música e as artes plásticas. Já os sistemas sincréticos se manifestam nas canções e nas histórias em quadrinhos, sendo essa última o gênero utilizado na obra analisada neste trabalho.

Com a finalidade de sustentar a análise semiótica em algumas imagens concebidas na GN, se emprega os processos discutidos por Pietroforte (2007, p.12-13), a respeito do percurso gerativo do sentido, na qual, se parte do nível geral até o abstrato. Para a semiótica, o sentido é como uma rede de relações, apenas se tem sentido quando os elementos do conteúdo têm relações entre si.

A fim de explicar essa relação de sentido, Pietroforte (2007, p.14) aplica o modelo de quadrado semiótico, no qual todas essas relações utilizadas na análise são classificadas em categorias semânticas, definidas como: vida vs. morte,

natureza vs. cultura, opressão vs. liberdade, e identidade vs. alteridade, sendo utilizados genericamente os termos s1 vs. s2.

Quando se trata a respeito de uma GN, é sugerido evitar a análise quadro a quadro, mas sim observar a página como um todo, segundo elucida Pietroforte (2007, p.92):

Nas histórias em quadrinhos é diferente, há mais de um deles na composição do texto, o que não significa que se deve analisar cada um separadamente. Na análise do plano de expressão das histórias em quadrinhos o que se pretende determinar são os processos que organizam a composição plástica do texto que, ao contrário de incidirem sobre um único quadrinho, incidem sobre a totalidade da história. Com essa propriedade, esses processos garantem a coesão plástica entre os quadrinhos ao longo de sua leitura.

Desse modo, a leitura da GN possui uma interpretação na sua totalidade, não apenas em cada quadro, pois o sentido da história se constrói em sua forma acabada e não em suas partes.

Para tal, cabe aqui reforçar o arcabouço teórico com os escritos de Will Eisner, que de acordo com Diego Assis, redator do UOL (2019, on-line), foi o escritor que cunhou o termo de arte-sequencial, nascido no Brooklyn, autor da obra que foi considerada, segundo o próprio Eisner, como sendo uma das primeiras GNs, *Contrato com Deus* (1978); também ensinou na *School of Visual Arts* de Nova Iorque, e é o autor da obra teórica a respeito de quadrinhos, conhecida como *Narrativas Gráficas* (2005). Em relação à construção das narrativas gráficas, Eisner (2005, p.115) detalha:

O processo de escrever para uma narração gráfica está relacionado com o desenvolvimento do conceito, a descrição dele e a construção da seqüência narrativa para traduzi-lo em imagens. O diálogo auxilia a imagem e ambos estão a serviço da história. Eles se combinam e imergem como um todo sem emendas. O processo ideal de escrita ocorre quando escritor e artista são a mesma pessoa. Isso, é claro, encurta a distância entre a ideia e sua tradução gráfica, criando um produto que reflete mais intimamente o intento do escritor.

Essa facilidade que ocorre na aproximação do escritor e do artista desempenha uma melhor elaboração visual da GN, pois a ideia que o escritor tem é traduzida no papel com maior eficácia, quando não precisa passar pela interpretação de um terceiro.

Durante a produção de uma GN, o escritor precisa pensar no modo como vai transmitir sua mensagem ao leitor por meio das imagens, as quais possuem um ritmo de narração diferente, como explica Eisner (2005, p.74), na GN os quadros usados devem ser mais conectados para que a ação se torne mais clara, diferente de uma ação realizada conforme apresentado no cinema.

Atualmente os quadrinhos estão ganhando destaque na cinematografia, resultando assim, em um aumento na procura por esse gênero. Entretanto, Eisner (2005, p.75) ressalta que o público do cinema e o leitor das HQs e GNs são diferentes:

[...] exige pouco mais da atenção de seu espectador, enquanto os quadrinhos precisam de um pouco de capacidade de leitura e participação. O espectador do filme fica aprisionado até um filme terminar, mas o leitor de quadrinhos está livre para folhar a revista, olhar o final da história, ou se deter numa imagem e fantasiar.

Após explicar o surgimento das HQs e referenciar seus principais teóricos e obras; na sequência, abordam-se alguns exemplos de GNs, bem como seus respectivos escritores. Essas referências citadas posteriormente caracterizam-se como sendo obras e autores fundamentais, os quais trazem notoriedade ao tópico desenvolvido nesse trabalho, ou seja, são percursos do gênero das GNs e HQs, ao qual também pertence à obra aqui analisada, *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

1.3 SURGIMENTO DAS GNs E SUAS OBRAS

O surgimento das GNs, de acordo com Eisner (2005), deu-se de uma maneira notavelmente interessante, observando que alguns escritores nem mesmo davam este nome ao gênero literário das suas obras. Somente mais tarde, por sua vez, a nomenclatura adequada para tais criações foi empregada por Eisner, e foi oficialmente utilizada a partir do ano de 1985.

Uma das primeiras obras a ser considerada GN foi desenvolvida em 1919, pelo escritor belga Frans Masereel, e ficou conhecida como *Passionate Journey*. Esse trabalho continha cento e sessenta e nove páginas destinadas exclusivamente ao uso de gravuras. Visto que o enredo retratava o cotidiano de um homem comum,

que vivia no século XX, na época, a obra de Masereel foi renomada como um romance sem palavras.

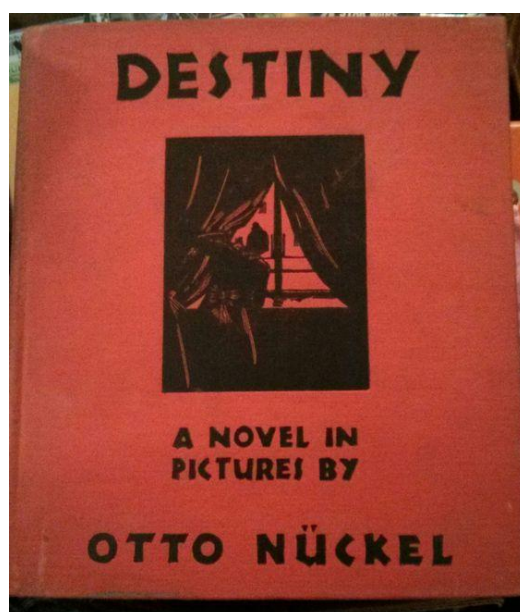
Figura 1 – Capa de *Passionate Journey* (1919)



Fonte: Amazon UK (2019).

Inspirado pelo sucesso da composição de Masereel, em 1930, nos Estados Unidos da América, o escritor alemão Otto Nüchel, também publicou sua produção, a qual se tratava de um romance gráfico intitulado *Destiny*.

Figura 2 – Capa de *Destiny* (1930)

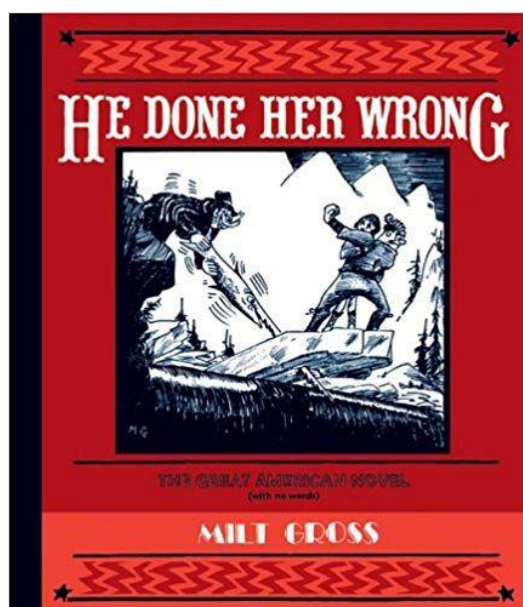


Fonte: Amazon (2019a).

Em meados deste mesmo período, outro escritor, conhecido como Lynd Ward, começou a divulgar e lançar seus romances gráficos, disponíveis em seis obras consecutivas, tendo como tema principal a jornada espiritual do homem ao longo da vida.

Ademais, em 1930, o autor Milt Gross popularizou seu trabalho, nomeado *He done her wrong*. Diferentemente dos seus precursores, a composição de Gross dedicava-se a uma paródia, não considerando tão severamente o tema em sua totalidade, como fizeram Masereel, Nücker e Ward, em suas respectivas obras. Não obstante, Gross preservou o formato de escrita de seus antecessores, característico do gênero literário ao qual uma GN se integra.

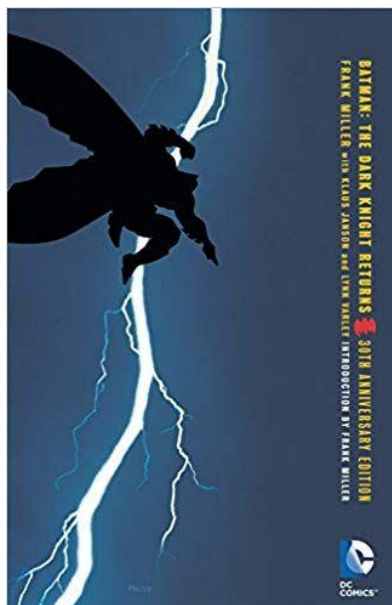
Figura 3 – Capa de *He done her wrong* (1930)



Fonte: Amazon (2019b).

Após este aumento de popularidade, as GNs tiveram o auge do seu sucesso, formalizando o processo de tradução intermediária para a cinematografia. Por intermédio deste recurso, enfatiza-se o romance *The Dark Night Returns*, escrito em 1986, pelo literato Frank Miller, narrando a história de Batman, o famoso herói dos quadrinhos.

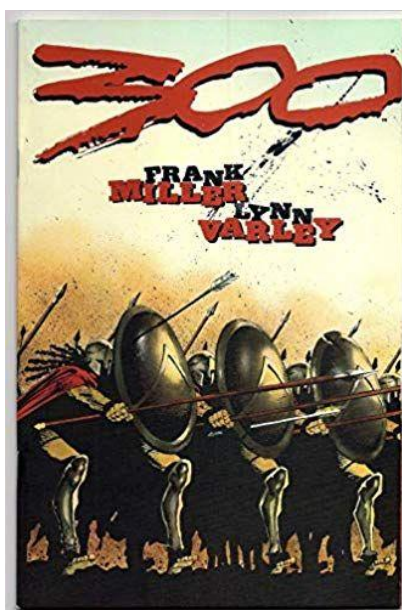
Figura 4 – Capa da versão comemorativa de 30 anos da obra *The Dark Knight Returns* (1986)



Fonte: Amazon (2019c).

A adaptação fílmica *Os 300 de Esparta*, lançada em 1962, narrando a história de trezentos guerreiros espartanos que retardam o avanço do exército persa liderado pelo imperador Xerxes I, serviu de inspiração para Miller, que em 1998, publicou *300*, obra pertencente ao gênero de GN.

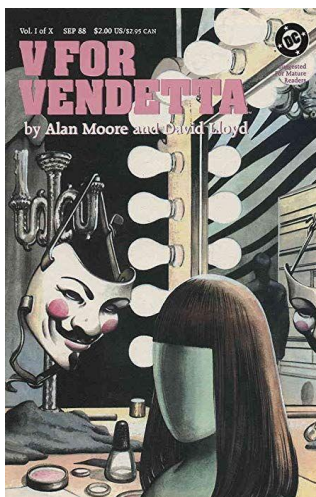
Figura 5 – Capa de *300* (1998)



Fonte: Amazon (2019d).

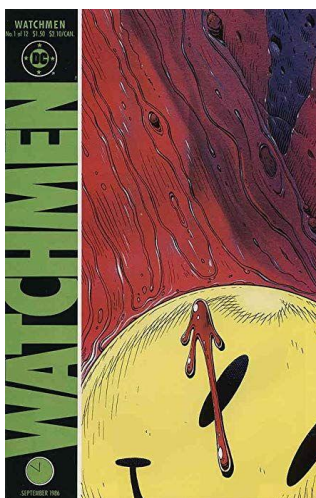
Proporcionalmente, também autor de GNs, o célebre Alan Moore veiculou suas obras intituladas *V for Vendetta* (1982) e *Watchmen* (1986). Na primeira criação, Moore redigiu sua narrativa em um futuro distópico e pós apocalíptico, desenrolado na capital britânica. *Watchmen* (1986) relatou, por intermédio de uma GN, os problemas éticos e psicológicos enfrentados pelos super-heróis. A obra refere-se a uma trama nunca antes abordada, visto como uma inovação no gênero, considerando que os personagens deste enredo caracterizam a humanização do herói, que é um elemento fictício da história.

Figura 6 – Capa de *V for Vendetta* (1982)



Fonte: Amazon (2019e).

Figura 7 – Capa de *Watchmen* (1986)

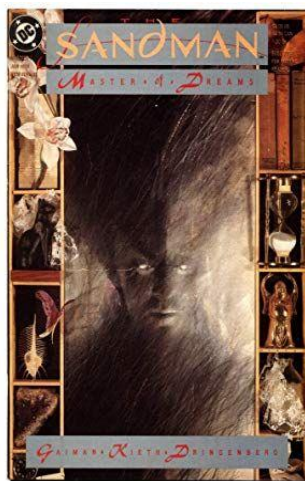


Fonte: Amazon (2019f).

Entre as GNs já produzidas, destaca-se também, *Sandman*, produzida em 1989, na qual se passa a perspectiva do personagem Sonho, sendo ele uma

representação antropomórfica do sonho. Em *Sandman*, história esta criada por Neil Gaiman, um grupo de humanos tenta prender a irmã mais velha do personagem Sonho, chamada Morte, a fim de tornarem-se imortais; todavia acabam por sequestrar a figura errada, Sonho.

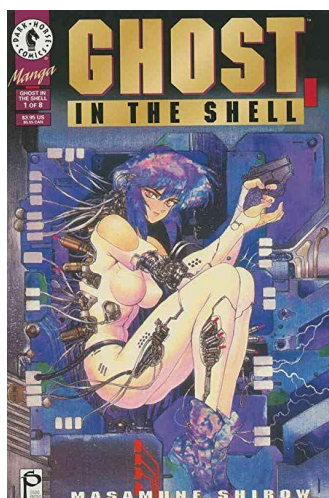
Figura 8 – Capa de *Sandman* (1989)



Fonte: Amazon (2019g).

Um tipo de HQ escrita no estilo japonês e também encontrada em formato de GNs no mercado americano, é o mangá publicado por Masamune Shirow, e denominado *Ghost in the Shell* (1989); a história é redigida com influências *cyberpunk* (futuro distópico em que a humanidade e as máquinas estão conectadas, formando um só ser).

Figura 9 – Capa de *Ghost in the Shell* (1989)



Fonte: Amazon (2019h).

Sobre as influências *cyberpunk*, André Lemos (2004, p.12), afirma:

O termo *cyberpunk* aparece para designar um movimento literário no gênero da ficção científica, nos Estados Unidos, unindo altas tecnologias e caos urbano, sendo considerado como uma narrativa tipicamente pós-moderna. O termo passou a ser usado, também, para designar os ciberrebeldes, o underground da informática, com os hackers, crackers, phreakers, cypherpunks, otakus, zippies . Esses seriam os *cyberpunks* reais. Assim, o termo *cyberpunk* é, ao mesmo tempo, emblema de uma corrente da ficção científica e marca dos personagens do submundo da informática.

Várias dessas histórias surgiram no início da década de 1980, e caracterizam-se por ser uma ramificação da literatura de ficção-científica (definida e explicada anteriormente), assim como as GNs.

A respeito das GNs, foram aqui referenciadas somente algumas das imensuráveis quantidades de obras que remetem a este fabuloso gênero literário, pois capaz de despertar a imaginação dos leitores, dispendo de imagens e textos associados de maneira a representar maravilhosamente uma história.

Dispendo do conhecimento necessário sobre o universo das GNs, a partir desse momento, apresentam-se definições, histórico, características, elementos, temáticas e escritores da literatura de ficção-científica e fantástica, que compreendem as GNs.

2 LITERATURA DE FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTÁSTICA

A partir do conhecimento em torno do universo das GNs, o qual foi abordado no capítulo anterior, a presente pesquisa dá início ao estudo da literatura da qual o gênero literário das GNs faz parte: a literatura de ficção-científica e fantástica.

Para isso, este capítulo destina-se primeiramente ao estudo das definições e principais diferenças entre as literaturas de ficção-científica e especulativa, abordando suas características, temáticas, e elementos, todos descritos adiante.

Além disso, mais à frente, a discussão estende-se aos escritores relevantes da literatura de ficção-científica, bem como descreve suas principais obras.

2.1 HISTÓRICO DA FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTÁSTICA

Primordialmente, antes de discorrer a respeito dos principais autores de literatura do gênero de ficção-científica e fantástica, bem como suas obras de sucesso, é fundamental tomar conhecimento de que, embora pareçam tratar de um mesmo gênero literário, estas temáticas possuem características e objetivos distintos. Como afirma Dutra (2009a, p.17): “[...] a ficção-científica não é literatura fantástica, e muito menos um derivado desse gênero, a ficção-científica é um gênero autônomo que possui suas próprias convenções”.

A literatura de ficção-científica é um gênero com suas origens pertinentes à Revolução Industrial, no século XIX, mediante o alvoroço social causado nessa época, ou seja, em meio às mudanças de cunho tecnológico trazidas pelo movimento, que afetaram diretamente a rotina das pessoas. Justamente por ter sido gestada nesse ambiente, sua temática busca retratar os avanços científicos e a evolução tecnológica, refletindo sobre o impacto que essas transformações podem causar na sociedade moderna e no futuro da humanidade. Essa definição pode ser analisada na fala de Harrison (1969, p.116, apud DUTRA, 2009a, p.15):

A ficção-científica trata do mundo real, do mundo no qual vivemos hoje, do mundo no qual viveremos amanhã. Vivemos num mundo em que a ciência afeta todos os aspectos de nossa vida, modificou-a completamente e continuará a fazê-lo cada vez mais no futuro. A ficção-científica é mais ou menos o impacto da ciência sobre as pessoas.

Quando após a leitura e interpretação da trama, o leitor fica em dúvida se realmente aconteceu algo de sobrenatural na história, ou se o conteúdo era somente uma narrativa da realidade, ou seja, quando o enredo é repleto de afirmações subjetivas, pode-se dizer que esta obra se refere a uma literatura fantástica. Todorov (1981, p.89), destaca:

Terá que se advertir aqui que, os melhores textos de ficção científica se organizam de maneira análoga. Os dados iniciais são sobrenaturais: os robôs, os seres extraterrestres, o marco interplanetário. O movimento do relato consiste em nos fazer ver até que ponto esses elementos aparentemente maravilhosos estão, de fato, perto de nós e são parte de nossas 90 vidas.

Desta forma, evidencia-se a diferença da literatura fantástica, na qual se criam elementos irrealis, porém leva o leitor a crer nessa invenção. Em contrapartida, a literatura de ficção-científica parte da realidade já conhecida para criar o que possui condições de realmente se tornar real.

De acordo com Todorov (1981, p.25) a literatura fantástica é dividida em duas categorias, sendo elas o maravilhoso e o estranho; e estas por sua vez, estão definidas em outras quatro subcategorias: o estranho puro, o fantástico estranho, o fantástico maravilhoso e o maravilhoso puro.

As categorias da literatura fantástica não são o foco desta pesquisa, somente está explicado abaixo, brevemente, o maravilhoso puro e fantástico maravilhoso, categorias nas quais a obra analisada se situa.

Como afirmado, a obra analisada neste trabalho, *Protocolo Bluehand: Alienígenas (2017)* se encontra entre as subcategorias do fantástico maravilhoso e o maravilhoso puro, que de acordo com Todorov (1981, p.30):

[...] No caso do maravilhoso, os elementos sobrenaturais não provocam nenhuma reação particular nem nos personagens, nem no leitor implícito. A característica do maravilhoso não é uma atitude, para os acontecimentos relatados a não ser a natureza mesma desses acontecimentos.

Ainda segundo Todorov (1981, p.30 e 31) para ser considerado maravilhoso puro, o sobrenatural não deve receber uma justificação, sendo este subdivido em quatro categorias: maravilhoso hiperbólico, maravilhoso exótico, maravilhoso instrumental; e contemplando a obra estudada neste trabalho, em que o sobrenatural é explicado de uma maneira racional, a partir das leis que a ciência

contemporânea não reconhece, há a categoria do maravilhoso cientista, denominada na atualidade como ficção-científica.

Como um dos precursores do gênero de ficção-científica, destaca-se o esplêndido escritor inglês, que se tornou admirável devido à quantidade de obras publicadas e sua relevância na literatura, Herbert George Wells. De berço humilde, Wells era professor de ciências, e tornou-se um autor renomado de literatura de ficção-científica em razão de sua criatividade e conhecimentos científicos, fatores que o ajudaram demasiadamente em sua carreira como escritor.

Uma das obras mundialmente famosas de Wells é conhecida como *The War of the Worlds*, e foi publicada pela primeira vez no ano de 1898. Traduzida para o português como *A Guerra dos Mundos*, tem o enredo decorrido na cidade de Londres, no início do século XIX. Conta a história de um personagem que foi convidado para visitar o observatório de Ottershaw, a fim de prestigiar a primeira explosão ocorrida no planeta Marte.

Porém, na trama, aquilo que se achava ser a queda de um meteoro, era na realidade um cilindro metálico. Com a ruptura deste objeto, marcianos são liberados e começam a destruir todos os humanos que se aproximam, contando com o poder de um raio da morte.

The War of the Worlds ganhou repercussão e foi transmitido pela rede de rádio do *Columbia Broadcasting System*, sendo dirigido e narrado por Orson Welles (roteirista e produtor americano), no ano de 1938. Durante o programa, um pânico inesperado tomou conta da população, a qual realmente acreditou que o mundo estava sofrendo um ataque extraterrestre naquele momento. Tal impacto tornou a obra ainda mais conhecida, ganhando também adaptações para as telas de cinema.

De acordo com Mourão (2005, p.1), Júlio Verne foi também um grande escritor da literatura de ficção-científica. As obras deste autor francês foram umas das mais traduzidas ao redor do mundo, encontrando-se atualmente, disponíveis em diversas línguas.

Verne contava com as inúmeras documentações científicas que lia, a fim de narrar romances. Suas histórias eram sempre repletas de reflexões de cunho político-social, ressaltando a importância e necessidade da ciência e da tecnologia. Muitas de suas autorias receberam prestígio cinematográfico, tornando-o admirável universalmente.

Viagem ao Centro da Terra (1864) e *Vinte Mil Léguas Submarinas* (1870) foram duas das obras de Verne com maior respaldo no ramo da literatura de ficção-científica. A primeira é ainda hoje considerada um clássico deste gênero, e relata as aventuras do personagem Axel, ao realizar um percurso com destino ao centro da Terra, logo após decifrar um manuscrito.

Já em *Vinte Mil Léguas Submarinas* (1870), originalmente publicada em formato de série, Verne narra as dificuldades enfrentadas por uma tripulação, que decide se isolar da humanidade e encarar o mar revolto, dentro de um submarino movido à eletricidade, e sobrevivendo somente com os suprimentos fornecidos pelo mar.

Isaac Asimov, conforme a biografia do autor, presente na segunda edição em português de sua obra *Eu, Robô* (1969), era russo, nacionalizado americano, e iniciou sua carreira como bioquímico, tornando-se conhecido quando largou sua profissão em 1958 para adentrar no mundo da literatura de ficção-científica como escritor. Na obra acima citada, a qual é caracterizada por ser o seu livro de maior influência neste gênero literário, Asimov descreve o comportamento dos robôs, narrando o processo de desenvolvimento dessas máquinas, desde os primeiros robôs inventados, que ainda eram incapazes de falar, até os superinteligentes, os quais possuem intelecto suficiente para tomar medidas que podem impactar toda a raça humana. Essa criação é um dos marcos da ficção-científica e foi adaptada para a cinematografia em 2004.

Outra obra de autoria de Asimov foi intitulada *O Homem Bicentenário* (1980), a qual relata a história da família do personagem chamado Sr. Martin, após a aquisição de um robô, apelidado de Andrew. O objetivo da compra dessa máquina era ajudar com afazeres domésticos; todavia, a história toma um curso diferente, quando Andrew, o robô, juntamente com seu dono, acaba por descobrir que possuía habilidades incríveis, as quais passaram de técnicas manuais, como esculpir madeira, ao despertar de sentimentos humanos, como inteligência e curiosidade. Habilidades estas que até aquele momento nenhum outro robô havia conquistado. A narrativa também ganhou as telas dos cinemas no ano de 2004. Segundo o website Omelete.com, o filme conta com 120 minutos de duração, e teve como roteirista Jeff Vintar, auxiliado por Akiva Goldsman.

Tendo escrito aproximadamente vinte e sete romances e ultrapassado a marca de seiscentos contos, não esquecendo todos os ensaios e poesias, de acordo

com Correia (2015), Raymond Douglas Bradbury foi um escritor americano que certamente ficou conhecido devido à abundância de obras publicadas, muitas delas também sendo adaptadas para o cinema. Sua obra, talvez a mais famosa de Bradbury, *Fahrenheit 451* (1966) narra um romance distópico deste gênero literário.

Na trama, os personagens vivem em um futuro incerto, mas próximo, no qual os livros são proibidos, a capacidade de pensamento crítico é anulada, e as opiniões e pontos de vista próprios são julgadas como antissociais e de caráter anedotista. Do original *The Martian Chronicles* (1950), traduzido para o português como *As Crônicas Marcianas*, Bradbury traz a história da colonização de Marte. Tal processo, no enredo, deu-se com o povoamento do planeta por humanos problemáticos, possíveis terráqueos que estavam vivendo em uma Terra perante a intimidação de uma guerra atômica.

Dando ênfase à temática alienígena deste trabalho, destaca-se também o pesquisador e escritor americano Jerome Clarke. Como relatado na revista *Alien Tales* (2018), Clarke dedica seus estudos à análise, interpretação e existência de objetos voadores não identificados, bem como os extraterrestres. Em 1998, Clarke publicou sua coletânea de maior notoriedade mundial, denominada *The Ufo Book: Encyclopedia of the Extraterrestrial*, totalizando mais de mil e quinhentas páginas, as quais relatam praticamente todo o material existente sobre estudos no campo da Ufologia.

Independentemente de todos estes renomados escritores internacionais e suas ilustres e respeitadas obras, que contribuíram com a propagação da literatura de ficção-científica ao redor do mundo, conquistando o prestígio dos leitores e despertando neles a ânsia pela tecnologia e ciência, não se pode omitir a colaboração de autores brasileiros em referência à disseminação deste gênero no Brasil.

Utilizando esta reflexão, Dutra (2009b, p. 3) afirma que o gênero de ficção-científica no Brasil surge isoladamente entre os séculos XIX e XX. Sendo sua propagação no país não imediata, reconhece Bourquignon (2009, apud DUTRA, 2009b, p.3) que:

[...] até o final da década de 30, não existia no Brasil um movimento literário em prol da ficção científica envolvendo escritores e leitores. Antes haviam surgido alguns textos casuais de autores da literatura, como: Gastão Cruis, Menotti del Picchia, Érico Veríssimo, Adazira Bittencourt e Monteiro Lobato. Mas ainda não havia uma tradição literária em ficção científica. Eram

apenas ambientados em universos remotos habitados por seres fantásticos além, é claro, de ambientes utópicos e de aventuras.

De acordo com Jeronymo Monteiro, foi somente entre as décadas de 1960 e 1970, que teve início um movimento de ficção-científica no país. Essa atividade ficou conhecida como “primeira onda”, que visava, além de publicar obras de autores já renomados, abrir oportunidades para escritores iniciantes e com interesse nesse gênero. Dessa maneira, conforme Causo (2009, apud DUTRA, 2009b, p.4):

A estratégia era agrupar autores que já tivessem um compromisso com o gênero (Monteiro, Scavone), e convidar figuras literárias estabelecidas (Queiroz, Olinto, etc.) e autores iniciantes no gênero (Carneiro, Cunha, etc.) a escrever FC como experimento.

Ainda de acordo com Dutra (2009b), a “segunda onda” da ficção-científica brasileira deu-se somente em meados das décadas de 1970 e 1980, mas foi somente nos anos 1990 que ocorreu o lançamento da revista *Isaac Asimov Magazine*, trazendo além de contos de autores brasileiros e estrangeiros, matérias, entrevistas e artigos sobre este gênero literário.

Analisando a evolução da ficção-científica no Brasil, pode-se inferir que este se caracteriza como um processo prolongado, que conquistou seu destaque no decorrer das décadas, avançando juntamente com a ascensão da cultura brasileira, no que afirma Dutra (2009b, p. 7):

Dito de outra forma, a elite cultural brasileira busca uma identidade nacional por meio de uma combinação da tradição erudita européia (calçada na estética realista) com a cultura popular brasileira (o carnaval, a música negra e nordestina, o cordel, etc.), pois é dessa combinação que a elite cultural mostra que está no mesmo “nível” de qualidade de seu principal referencial, a alta literatura européia, e que possui um diferencial em relação à mesma, esse diferencial seria a exploração de temas da cultura popular. Sendo assim, a ficção-científica termina por não se encaixar nesse projeto da elite cultural, pois trata-se de um gênero intimamente ligado à cultura de massa e a indústria de entretenimento, e cuja temática fantástica foge completamente do ideal de estética realista da literatura brasileira.

Ainda que muito difundidas internacionalmente, as obras dos autores brasileiros não contam com o mesmo reconhecimento dentro do âmbito nacional. Dutra (2009b, p. 9):

[...] se faz necessário repensar o cânone não apenas pela questão de dar o devido reconhecimento a um gênero (que, embora seja produzido no país há mais de um século, continua na invisibilidade), mas principalmente para

reavaliar e refletir sobre a construção da própria identidade nacional brasileira.

Partindo desse raciocínio, é fundamental rever a maneira como são escolhidas as criações que são assumidas como cânone brasileiro.

2.2 LITERATURA DE FICÇÃO ESPECULATIVA E SCI-FI

A partir do que já foi discutido sobre ficção-científica, evidencia-se aqui que o termo foi empregado primeiramente por Hugo Gernsback, em 1926. De acordo com Silva (2012, p. 10), Hugo era um dos editores da *Amazing Stories*, sendo esta a primeira revista destinada a este gênero.

Baseado nas definições da literatura de ficção-científica faz-se necessário enfatizar as principais diferenças entre ficção especulativa e científica, partindo do princípio do que reitera Saer (2012, p.322), “[...] a ficção não pede para ser crível enquanto verdade, e sim enquanto ficção”.

Analisando as considerações no que tange ao universo da ficção científica, este pode ser distribuído em quatro diferentes aspectos, sendo eles alotopia, utopia, ucronia e metatopia, conforme explicado por Eco (1989, apud SILVA, 2012, p.10):

A ficção científica pode ser observada sob quatro possibilidades: alotopia, utopia, ucronia e metatopia (ECO, 1989). Na alotopia, o enredo é construído a partir de um ambiente próprio em que não há interesse quanto às suas relações com o mundo real. Este seria o caso de *Avatar* (2009), em que podemos observar leis e fenômenos próprios do planeta Pandora que não são verificados na Terra, como a forma de conexão entre o povo nativo Na'vi e a natureza. Na utopia, o enredo projeta uma sociedade ideal que pode ser concebida dentro de nosso próprio mundo, mediante algumas modificações. Trata-se apenas de um lugar não-definido, como a ilha do hospital psiquiátrico Aschecliffe em *Shutter Island* (2009). Já a ucronia é o que sustenta a ficção científica soft ao criar cenários alternativos, como em *The Man in the High Castle* (1962), que coloca a Alemanha, Itália e o Japão como vencedores da Segunda Guerra Mundial ao invés dos países aliados. Contudo, o sentido mais característico da ficção científica seria aquele encontrado na metatopia, que mostra uma situação futura imaginada a partir das tendências verificadas no mundo real, como em *The Day After Tomorrow* (2004), que retrata também os efeitos catastróficos do aquecimento global na Terra. (Ficção científica e o discurso ambiental da ciência contemporânea: um exemplo com Operação buraco de minhoca – Daniela Ludviger Ingui.

Posteriormente ao estudo sobre as definições e origens da literatura de ficção-científica, destaca-se agora que, anos mais tarde do surgimento da ficção-

científica, cunhava-se um rumor a respeito de uma nova divisão desse gênero, a então denominada ficção especulativa.

Tal surgimento deu-se ao fato de que a ficção-científica, por si só, é plausível de erros científicos, justamente pelo fato de ser uma ficção. Embora estes erros, de acordo com Coutinho (2008, p.21), são os responsáveis pelos elementos da ficção-científica aproximarem-se da realidade, tornando-se uma ciência, e caracterizando a obra como verossímil.

Esta nova ramificação buscava explicar que mesmo os elementos inventados da ficção-científica partem da realidade, passando assim, a refletir a existência e as possibilidades dos fenômenos narrados na ficção-científica, conforme admite Coutinho (2008, p.17):

[...] critica-se então a “não existência” e o “não possível”. Reproduz-se como discurso o “isso não existe”, “isso é impossível” e tal discurso esbarra realmente na inverossimilhança e desvela um universo de tal forma “inventado” que não há mais como assemelhá-lo à existência, embora seja importante sempre lembrar que, por mais que se crie o que “não existe”, essa “criação” parte sempre do que “existe”.

Com o objetivo de ressaltar a diferença entre as ficções científica e especulativa, mais uma vez cita-se Coutinho (2008, p.20), quando salienta:

[...] a ficção especulativa ultrapassa as nossas possibilidades científicas, ultrapassa nossas leis físicas, não há lei da gravidade, o som se propaga no vácuo, envolve criaturas de outros planetas e um arsenal bélico difícil de inventar. Há alienígenas, personagens que circulam pelo espaço, desafiando nossas possibilidades temporais como num passe de mágica. A ficção científica envolve tecnologias de que dispomos, ou que nos são possíveis desenvolver. Não há monstros, não há guerras implodindo mundos. Tudo se passa num futuro possível que requer pesquisa e provoca uma excelente análise de nossa construção social.

Contudo, Coutinho (2008, p. 22) profere que a ficção-científica se baseia no que é real, ou no que pode se tornar realidade no futuro, levando em consideração aqui o fato de a humanidade ainda não usufruir de conhecimento ou tecnologias necessárias para este avanço.

Desta forma, ainda segundo Coutinho (2008, p. 23-24), o termo ficção-científica encontra-se na marginalidade literária, afinal os assuntos abordados por essa temática são, muitas vezes, associados a obras de qualidade duvidosa, ainda que dispusesse de inúmeras criações internacionalmente respeitadas por suas críticas e notabilidade.

Análogo a esta reflexão encontra-se um público-alvo juvenil, que busca por uma literatura de fácil interpretação. Por esse fato, muitas vezes a literatura de ficção-científica é vista como marginal. Porém é interessante evidenciar que este gênero literário se trata de uma literatura instigante, escrita por grandes e importantes autores (já mencionados anteriormente), e que vêm ganhando cada vez mais a atenção de um público-alvo de diferentes faixas etárias.

Como foi possível perceber, a literatura de ficção-científica apresenta um histórico com autores notáveis, e ganhou seu espaço desde a Revolução Industrial, que foi o marco da evolução tecnológica evidenciada nas suas narrativas.

Também foi possível perceber como este gênero literário tornou-se opção de lazer e entretenimento para as pessoas, conquistando a simpatia dos leitores por meio das suas temáticas, elementos e personagens.

Cabe agora analisar a obra de ficção-científica, foco deste trabalho, *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), trazendo toda sua concepção, detalhes e curiosidades sobre a sua narrativa e autores.

Ademais, as teorias e procedimentos de tradução, bem como explicações sobre a análise e tradução de um dos capítulos da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017) também estão abordados.

3 HISTÓRICO E ANÁLISE DO PROTOCOLO BLUEHAND

Esse capítulo é destinado para a apresentação da obra que foi analisada neste projeto: *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), abordando sua concepção, os autores, temáticas, personagens, além das características e gênero literários presentes no livro.

Ademais, as teorias e processos de tradução aplicados na análise também são abordados, destacando os procedimentos técnicos macro e microtextuais, transposições culturais, polissistemas e paratextos.

Por fim, encontram-se as explicações sobre a análise tradutória do capítulo 5 da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

3.1 AUTORES E OBRA

Em conformidade com o que foi relatado anteriormente, este trabalho tem como principal objetivo analisar e realizar a tradução de um dos capítulos da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017). É válido destacar ainda que, para realização deste projeto, utiliza-se a terceira edição da obra supracitada.

Eduardo Spohr, Alexandre Ottoni e Deive Pazos são os desenvolvedores da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017). Esta criação refere-se a um manual de sobrevivência a um fenômeno de dimensões cataclísmicas. Evento esse caracterizado por um possível ataque extraterrestre, o qual exporia toda a humanidade à beira da extinção. De acordo com o próprio autor, Spohr (2017), “O Protocolo Bluehand é um conjunto de diretrizes e conhecimentos que farão a diferença na subsistência e resistência contra os mais diversos perigos ignorados pelo senso comum social”.

Conforme o *website* Conceito.de (2012), “um manual é uma publicação que inclui o mais substancial, isto é, o essencial de uma matéria. Trata-se de um guia que ajuda a entender o funcionamento de algo”.

Partindo desta definição, pode-se salientar que a obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017) nada mais é do que um guia que norteará a população humana na maneira como esta deverá agir durante uma ameaça alienígena. *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017) classifica-se como um livro do gênero de ficção-

científica, abordada mais adiante, e sua temática é acerca dos alienígenas, seres extraterrestres.

Alienígenas são, de acordo com Adriano Messias (2016, p.344), “diversos seres provenientes de outros planetas”. Esses seres despertam nas pessoas sentimentos de medo e pavor, pois estão ligados à ideia de que são seres capazes de raptar e abduzir humanos. A possível existência desses seres extraterrestres circula na internet, na televisão e em jornais. Em concordância com Messias (2016, p.364):

Todas as sortes de seres vindos do espaço sideral expressam medos contemporâneos e nos devolvem a estranheza que comumente sentimos em relação a nós mesmos. Para os crédulos, eles não só raptam e abduzem pessoas – como as fadas e os bichos-papões faziam há séculos – mas vão além: com parafernálias biogenéticas, são capazes de realizar cirurgias, às vezes obstétricas, e sua suposta presença povoa a internet, os canais de TV, os periódicos sensacionalistas.

Ressaltando o destaque das mídias sociais para a existência dos alienígenas, é necessário salientar que o surgimento desses seres na literatura ganhou força a partir da década de 1950, na Guerra Fria, que acabou por incentivar o aparecimento de monstros mais chamativos, os quais seriam os extraterrestres e seres radioativos, criados como consequências do conflito. Foi assim que a temática alienígena ganhou cada vez mais espaço e prestígio, conforme salientado por Messias (2016, p. 305):

Estudiosos afirmam que a Guerra Fria incentivou a criação de seres mais atraentes para o público frustrado com os fracos e pouco expressivos monstros do decênio anterior: extraterrestres e seres radioativos diziam muito às gerações do pós-guerra, e pode-se afirmar que as duas frentes norteadoras do cinema fantástico dos anos de 1950 foram: a) os perigos radioativos, que faziam de invertebrados seres gigantescos (*Tarântula; Tarantula*, Jack Arnold, 1955), ou que despertariam monstros reptilianos adormecidos no seio do planeta (*Godzilla, o rei dos monstros; Godzilla, king of the monsters!*, Terry Morse/ Inoshiro Honda, 1956); b) o medo das invasões comunistas, encarnado em homenzinhos ou monstros vermelhos (*O planeta vermelho ameaçador; The angry red planet/ Invasion of Mars*, Ib Melchior, 1959). [...] No ano seguinte, Robert Wise dirigiu *O dia em que a Terra parou (The day the Earth stood still)*, em que o robô Gort e outros extraterrestres chegaram à Terra para fazer com que a humanidade desistisse das armas nucleares.

Considerando a temática alienígena de *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), é relevante destacar que, além dos seres extraterrestres, a obra igualmente

apresenta como personagem principal, que também é o comentarista do manual, Bluehand. Referenciado no guia de sobrevivência como BH, Bluehand é o codinome para Caio Boiteux, que teve sua origem no website Jovem Nerd, endereço eletrônico criado pelos desenvolvedores de *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017). Boiteux, de acordo com Jovem-nerd.fandom, “[...] recebeu seu code-nome "Bluehand", por conta de sua habilidade de criar protocolos de sobrevivência, baseados na suposição de guerra contra a humanidade”.

Bluehand caracteriza um ser humano curioso, observador e indagador, além de ser bastante misterioso, ou seja, um *nerd* (pessoa inteligente, sábia e detentora de um raciocínio lógico rápido). Partindo da temática do livro, o qual trata sobre uma ameaça alienígena, possuindo todos esses atributos e habilidades, Bluehand seria o tipo perfeito de pessoa que ajudaria toda a raça humana a sobreviver de tamanho conflito.

Spohr, Ottoni e Pazos são três amigos, e juntos elaboraram este manual. Eduardo Spohr, o autor, é brasileiro e reside em Copacabana, no Rio de Janeiro. Além de escritor, ele é jornalista, blogueiro, participante do NerdCast (podcast do site Jovem Nerd), e professor do curso de “Estrutura Literária – A Jornada do Herói no Cinema e na Literatura”, na faculdade Hélio Alonso, também do Rio de Janeiro.

Seu primeiro livro publicado, que o tornou celebridade literária no Brasil, foi *A Batalha do Apocalipse* (2007). A partir de então vieram várias obras, tais como a saga *Filhos do Éden* (2011), e a obra norteadora deste trabalho, *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017). Atualmente, Spohr ajuda no gerenciamento do selo editorial NerdBooks, uma editora focada na publicação de literatura do gênero de ficção-científica. NerdBooks também é a editora da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

Ottoni, também conhecido como Jovem Nerd, e Pazos, apelidado na mídia digital como Azaghal, são sócios da empresa Jovem Nerd. Esta corporação possui o website Jovem-nerd.com, e comanda a editora NerdBooks. Os proprietários também têm um podcast, denominado NerdCast, ao qual Eduardo Spohr já contribuiu com inúmeras participações, conforme já mencionado anteriormente.

Quando desenvolveram o endereço eletrônico Jovem Nerd, Ottoni e Pazos tinham o intuito de divulgar, para a população, as suas convicções sobre o provável apocalipse e, fundamentalmente, expor dicas e orientações de como sobreviver ao fim do mundo, como afirma Spohr (2017): “Alexandre Ottoni e Deive Pazos criaram o

site Jovem Nerd com um objetivo maior. O de divulgar a toda uma comunidade de nerds suas paranoias e psicoses exageradas sobre o fim do mundo, e como sobreviver a ele”.

Assim, esses três amigos, Ottoni, Pazos e Spohr uniram-se e publicaram, a fim de realizar um grande desejo, a tão sonhada obra, o *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017). O manual de sobrevivência remete ao gênero de literatura sci-fi, igualmente intitulado de literatura de ficção-científica.

A literatura de ficção-científica, como já mencionada previamente, tem seu surgimento datado na Revolução Industrial, meados do século XIX, durante os conflitos sociais ocorridos nessa época. Conseqüentemente, esse gênero literário tem por objetivo representar o avanço da ciência e a evolução tecnológica, a fim de gerar uma reflexão sobre o impacto que essas renovações causam na sociedade atual e no futuro da raça humana.

Na obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), este progresso tecnológico pode ser analisado devido à possibilidade de seres alienígenas conquistarem o espaço terrestre. Essa ação, segundo os autores, primeiramente demanda alto nível científico e tecnológico para que a viagem intergaláctica seja realizável.

A ponderação a respeito de como o avanço tecnológico pode afetar a vida dos seres humanos, da forma como está descrita no manual de sobrevivência analisado neste trabalho, é novamente justificável, conforme Harrison (1969, p.116, apud DUTRA, 2009a, p.15), que “[...] A ficção-científica é mais ou menos o impacto da ciência sobre as pessoas”.

Como uma ramificação da literatura de ficção-científica, encontra-se a literatura especulativa, em que há seres superpoderosos, monstros, alienígenas, ou seja, todas as criaturas as quais podem ser grandes ameaças da paz humana no planeta Terra. Portanto, é crível ressaltar as principais propriedades da ficção especulativa, segundo Coutinho (2008, p.20), como já mencionado anteriormente, que salienta:

[...] a ficção especulativa ultrapassa as nossas possibilidades científicas, ultrapassa nossas leis físicas, não há lei da gravidade, o som se propaga no vácuo, envolve criaturas de outros planetas e um arsenal bélico difícil de inventar. Há alienígenas, personagens que circulam pelo espaço, desafiando nossas possibilidades temporais como num passe de mágica.

Baseado na possível ameaça alienígena relatada no manual de sobrevivência *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), a qual dá ênfase à existência de seres extraterrestres, naves espaciais e tecnologia alienígena capazes de aniquilar a raça humana da Terra, é possível declarar que o gênero literário desta obra se apresenta como uma literatura de ficção-científica de característica especulativa.

3.2 TEORIAS E PROCEDIMENTOS DE TRADUÇÃO

Com o objetivo de nortear a análise da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017) no âmbito da pesquisa intercultural, utilizou-se a teoria dos polissistemas, explicada de acordo com o seu criador, Even-Zohar (2013, p.3):

[...] se as ideias de estruturação e sistematicidade já não necessitam ser identificadas com a homogeneidade, um sistema semiótico pode ser concebido como uma estrutura heterogênea e aberta. Raramente é, portanto, um monossistema, mas que se trata necessariamente de um polissistema: um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas com interseções e sobreposições mútuas, que usa diferentes opções concorrentes, mas que funciona como um todo estruturado, cujos membros são interdependentes.

Sob a perspectiva de que um polissistema é um sistema múltiplo, dinâmico e heterogêneo, e que suas obras lutam para ocupar o âmbito literário discutido na obra de Even-Zohar como centro literário, e considerando que suas periferias sempre estão em constante movimentos centrífugo e centrípeto, pode-se reiterar que a obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017) é parte de vários polissistemas.

Os movimentos centrífugo e centrípeto mencionados acima são tratados por Even-Zohar (2013, p.6) da seguinte maneira:

Neste movimento opostamente centrífugo e centrípeto, os fenômenos são arrastados do centro à periferia, enquanto, no sentido contrário, certos fenômenos podem abrir passo para o centro e ocupá-lo. Um polissistema, no entanto, não se deve pensar em termos de um centro apenas e somente uma periferia, posto que teoricamente se supõem várias dessas posições.

Acredita-se que a obra analisada, atualmente encontra-se no âmbito da periferia, afinal seu gênero de literatura de ficção-científica, seu autor Eduardo Spohr e sua temática alienígena ainda não estão conceituados como uma escrita canônica,

pois não se encontram enraizadas na cultura literária da forma como afirma Shklovskij (1921-1923, apud EVEN-ZOHAR, 2013, p.7), em seu texto:

[...] por “canonizadas” entendemos aquelas normas e obras literárias (isso é, tanto modelos como textos) que nos círculos dominantes de uma cultura são aceitas como legítimas e cujos produtos mais marcantes são preservados pela comunidade para que formem parte de sua herança histórica. “Não-canonizadas” quer dizer, pelo contrário, aquelas normas e textos que esses círculos rejeitam como ilegítimas e cujos produtos, em longo prazo, a comunidade esquece frequentemente (a não ser que seu status mude).

Consoante ao destacado na citação acima, não se deve julgar uma obra como não canônica, tendo em vista que a teoria dos polissistemas ressalta que a literatura não é estática, estando ela sempre em movimento. Desta forma, o que hoje é canônico, amanhã pode deixar de ser e vice-versa.

Assim, o gênero literário abordado aqui, tanto quanto a sua temática, se tornam necessários para o estudo e aumento do prestígio e reconhecimento em decorrência do que é estudado sobre o gênero de ficção-científica.

A fim de obter uma tradução de maior qualidade de um capítulo da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), este trabalho utiliza-se dos estudos de Lambert (2011, p.221), que propõem um Esquema para a Análise de Traduções, o qual trata a respeito do macro e micronível de uma tradução:

2. Macronível: – divisão do texto (em capítulos, atos e cenas, estrofes) – título dos capítulos, apresentação dos atos e cenas – relação entre os tipos de narrativa, diálogos, descrição; entre diálogo e monólogo, voz solo e coro – estrutura narrativa interna (enredo episódico? final aberto?); intriga dramática (prólogo, exposição, clímax, conclusão, epílogo); estrutura poética (por exemplo, contraste entre quartetos e tercetos em um soneto) – comentário autoral, instruções de palco Esses dados macroestruturais devem levar a hipóteses sobre as estratégias microestruturais. 3. Micronível (isto é, mudanças nos níveis fônicos, gráficos, microssintáticos, léxico-semânticos, estilísticos, elocucionários e modais): – seleção de palavras – padrões gramaticais dominantes e estruturas literárias formais (metro, rima) – formas de reprodução da fala (direta, indireta, fala indireta livre) – narrativa, perspectiva e ponto de vista – modalidade (passiva or ativa, expressão de incerteza, ambiguidade) – níveis de linguagem (socioleto; arcaico/popular/dialeto; jargão) Esses dados sobre estratégias microestruturais deveriam levar a um confronto renovado com as estratégias macroestruturais, e daí a considerações em termos do contexto sistemático mais amplo.

Apesar da utilização dos estudos de Lambert (2011), esta tradução aborda também as teorias de Lawrence Venutti.

O projeto teve início com um dos estudos de Venutti (2002), sobre a valorização dos estudos das literaturas minoritárias, sendo o foco da tradução deixar as obras canônicas de lado e expor a importância de obras minoritárias para uma nova cultura. Segundo Venutti (2002, p.26):

“Prefiro traduzir textos estrangeiros que possuem status de minoridade em suas culturas, uma posição marginal em seus cânones nativos – ou que, em tradução, possam ser úteis na minorização do dialeto-padrão e das formas culturais dominantes no inglês americano. [...] O inglês é a língua mais traduzida em todo o mundo, mas para a qual menos se traduz.”

Com o objetivo de fazer com que uma obra minoritária se torne conhecida no exterior e mundialmente, é fundamental, neste momento, destacar as escolhas de tradução e como os processos de análise das traduções estão estruturados, pois este trabalho tem como principal objetivo a tradução para a língua inglesa, de um dos capítulos da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), a fim de torná-la conhecida não somente no Brasil, mas também em todos os países consumidores da cultura inglesa.

Para fomentar a análise tradutória, no que tange ao macronível da obra, tendo seus elementos citados anteriormente, utilizam-se como base os estudos de Lambert (2011) sobre a análise de textos e paratextos, juntamente com um esquema para a descrição da tradução.

Para auxiliar na análise da tradução, conta-se com o aporte teórico de Lanzetti *et al* (2009), que realizou e elaborou uma tabela contendo seu conteúdo em dois principais aspectos: procedimentos estrangeirizadores e procedimentos domesticadores de tradução, que são discutidos nos termos utilizados durante a análise do manual *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017). Neste projeto, optou-se por traduzir a obra com um predomínio de características mais estrangeirizantes do que domesticadoras, no que se refere à tradução deste protocolo de sobrevivência.

A tradução estrangeirizante busca por afastar o leitor da sua própria língua e zona de conforto, no qual ele encontrará vários termos e palavras que desconhece ou causa estranhamento à leitura, representando o que Venutti (2002, p.30) chama de “resíduo”:

O objetivo é, basicamente, alterar os padrões de leitura, forçando a um reconhecimento que não seja desprazeroso da tradução entre as comunidades que, apesar de possuírem valores culturais diferentes, compartilham, contudo, de uma antiga resistência em reconhecê-la.

Já a domesticação tende a deixar o texto mais intuitivo ao leitor, facilitando a leitura e deixando-o mais fluente e legível. Esse tipo de público-alvo, os quais buscam o gênero literário das GNs, não se preocupa com detalhes e não procura por uma obra mais fiel à original, além de considerar as notas de tradução um artifício que atrapalha o processo de leitura, também são leitores que se atêm mais à história da narrativa, e deixa os detalhes e análises para o público acadêmico.

Nessa análise de tradução, também são de proveito as ideias de Gérard Genette, a respeito da análise de textos e paratextos, presentes nos elementos visuais da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), como anotações, códigos de identificação, capa, contracapa, orelhas, marcações destacadas, apêndices, biografias e figuras. Genette (2009, p.14) define estes termos como:

O paratexto é um texto: se ainda não é o texto, pelo menos já é o texto. Mas deve-se pelo menos ter em mente o valor paratextual que outros tipos de manifestações podem conter: icônicas (as ilustrações), materiais (tudo que envolve, por exemplo, as escolhas tipográficas, por vezes muito significativas, na composição de um livro), ou apenas factuais. Chamo de factual o paratexto que consiste, não numa mensagem explícita (verbal ou não verbal), mas num fato cuja própria existência, se é conhecida do público, acrescenta algum comentário ao texto e tem peso em sua recepção.

Partindo dessa definição de Genette, é possível afirmar que um texto é definido como o conteúdo do livro em si, ou seja, sua trama, narrativa. Já o paratexto engloba todos os demais elementos que agregam valor, informações e entendimento à história que está sendo contada, facilitando desta maneira, sua interpretação. São alguns exemplos deles, as imagens, capa, contracapa, orelhas, epígrafes e prólogo.

Na obra analisada *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), os paratextos são empregados como o intuito de destacar as orientações principais contidas no manual de sobrevivência. Como exemplo, o índice está organizado em tópicos, no formato de um passo-a-passo, para que a localização das instruções necessárias no momento do ataque, sejam encontradas mais rapidamente.

Da mesma forma, em meio à narrativa, são utilizados recursos imagéticos a fim de exemplificar visualmente a ação dos indivíduos. Também, os subtítulos dos capítulos, que guardam as informações de maior valia, encontram-se destacados na cor amarela. Esses se caracterizam como elementos de paratexto.

Genette salienta, ainda, o uso de duas categorias de paratextos, denominadas de epitextos e peritextos. À união de ambas as divisões, dá-se o nome de paratextos. Segundo Genette (2009, p.12):

Um elemento de paratexto, se pelo menos consiste numa mensagem materializada, tem necessariamente um lugar, que se pode situar em relação àquela do próprio texto: em torno do texto, no espaço do mesmo volume, como título ou o prefácio, e, às vezes, inserido nos interstícios do texto, como os títulos de capítulo ou certas notas: chamarei de peritexto [...] Ainda em torno do texto, mas a uma distância mais respeitosa (ou mais prudentes), todas as mensagens que se situam, pelo menos na origem, na parte externa do livro: em geral num suporte midiático (conversas, entrevistas), ou sobre a forma de uma comunicação privada (correspondências, diários íntimos e outros). A essa segunda categoria eu batizo, na falta de um termo melhor, de epitexto, e que ocupará os últimos dois capítulos. [...].

Tendo conhecimento de todos os procedimentos de tradução acima citados, sendo eles os polissistemas, procedimentos técnicos, análise de cunho macro e microtextuais, e também dos paratextos, dar-se-á início à análise da tradução da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), levando em consideração as transposições culturais.

3.3 EXPLICANDO A TRADUÇÃO E ANÁLISE

Para dar início ao procedimento de análise da tradução toma-se como os estudos de Lanzetti *et al* (2009), no que tange aos procedimentos e às categorias empregadas na análise. Lanzetti *et al* (2009) aborda que existem dois tipos de tradução, sendo elas a tradução estrangeirizante e a domesticada. A primeira afasta o leitor do texto, tornando ele menos fluído à leitura. Já a tradução domesticada compreende a leitura mais próxima do leitor, usando termos direcionados a facilitar a leitura, tornando-a mais fluida e prazerosa.

É importante destacar que a análise feita aqui é em sua maioria, de origem domesticada, possuindo minoritariamente aspectos da tradução estrangeirizante. Sendo assim, a análise ocorre no âmbito do sistema linguístico, na domesticação do estilo e na realidade extralinguística. De acordo com Lanzetti *et al* (2009), estes aspectos da tradução domesticada se caracterizam por:

Os procedimentos de domesticação do sistema linguístico pressupõem mudanças na estrutura do texto-fonte ao traduzi-lo à língua-alvo para que se

adeque à estrutura sintática e lexical da língua de chegada. [...]Os procedimentos de domesticação do estilo pressupõem mudanças na estrutura estilística do texto-fonte para que se adeque à estrutura estilisticopragmática da língua-alvo. [...] Os procedimentos de domesticação da realidade extralinguística implicam mudanças ou substituições dos itens culturais e referências exóforas presentes no texto-fonte.

Na domesticação do sistema linguístico, enquadram-se as subcategorias de transposição, modulação, equivalência, sinonímia e paráfrase. A fim de explicar suas definições e características, utiliza-se agora, um quadro para análise tradutória, contendo parte da tradução desenvolvida da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

Quadro 1 – Análise do Sistema Linguístico (Transposição, Modulação e Sinonímia).

Texto-Fonte	Texto-Alvo
<p>As <u>comunidades humanas</u>, às vezes com <u>dificuldade</u> de encontrar mais sobreviventes, podem entender que tiveram sorte em resistir ao <u>ataque inicial</u> e que <u>não vale a pena enfrentar os ETs</u> – por falta de conhecimento, habilidade ou <u>vontade</u>.</p>	<p><u>Human communities</u>, sometimes <u>struggling</u> to find more survivors, may understand that they were lucky enough to resist the <u>initial attack</u> and that <u>ETs are not worth facing</u> - for lack of knowledge, skill or <u>will</u>.</p>

FONTE: Elaborado pelo autor com base nas informações disponibilizadas na página 263 da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

Na tradução do parágrafo presente no quadro acima, é possível identificar a presença de transposição nos termos “*human communities*”, “*initial attack*” e “*ETs are not worth facing*”, quando há a mudança da ordem sintática dos elementos do texto-fonte.

Ademais, a tradução sugerida para a palavra “vontade” foi “*stimulus*”, porém o tradutor preferiu optar pelo uso do termo “*will*”, configurando assim, uma sinonímia, que de acordo com Lanzetti *et al* (2009, p.10), “[...] é utilizada quando o tradutor traduz um elemento lexical do texto-fonte por um sinônimo na língua-alvo”.

Conclui-se a análise deste quadro destacando a utilização de uma modulação, quando a classe gramatical da palavra é alterada durante o processo tradutório, observado na tradução de “dificuldade” para “*struggling*”.

Também é possível analisar o contexto ao qual pertence a frase do quadro 1. Nele, os seres humanos optam, por consequência do ataque inicial, não vir a enfrentar os extraterrestres. Esse fato se associa à ficção especulativa, uma vez que

o instinto de sobrevivência é inato ao ser humano ao enfrentar o desconhecido (nesse caso, os alienígenas), e é caracterizado pelos mecanismos de luta ou fuga.

Quando escolhe lutar, o indivíduo está disposto a morrer pela causa; enquanto no mecanismo de fuga, o ser humano opta pela segurança de viver o máximo possível, evitando um ataque direto com o inimigo. Na narrativa citada no quadro 1, identifica-se o mecanismo de fuga, representado pela ação de evitar o combate com os extraterrestres, devido à falta de conhecimento e experiência ao lidar com esse tipo de criatura.

No quadro seguinte, são reconhecidas as demais subcategorias da domesticação do sistema linguístico: a paráfrase e a equivalência, esta última, caracterizada como uma equivalência funcional.

Quadro 2 – Análise do Sistema Linguístico (Paráfrase e Equivalência Funcional).

Texto-Fonte	Texto-Alvo
<p>“É só não perder a calma. Chegou a cobertura? Chegou! Sem afobação. <u>Pode estar o pau quebrando</u>, você vai fazer tudo com calma. Olha pra frente. Dá pra sair? Então vai embora.”</p>	<p>“Just stay calm. What do you do next? Wait. Is your cover here? Yes. <u>Hell can break loose</u>, but you stay calm. Eyes forward. You clear? Then go. If you can move, do it.”</p>

FONTE: Elaborado pelo autor com base nas informações disponibilizadas na página 257 da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

A paráfrase é indicada de modo geral durante a tradução da citação, visto que toda a fala foi alterada a fim de domesticá-la, adaptando-a melhor para o texto-alvo. É válido ressaltar também que a citação traduzida foi retirada da dublagem original em língua inglesa do filme *Elite Squad* (2007).

Já a equivalência funcional é percebida no provérbio “Pode estar o pau quebrando”, o qual foi modificado para o texto-alvo como “*Hell can break loose*”, que devido à falta de um ditado na língua-alvo, buscaram-se outros meios para chegar ao mesmo resultado semântico.

Iniciando o estudo da domesticação do estilo, pode-se afirmar que as subcategorias presentes nessa tradução são: omissão, generalização e especificação, reconstrução e mudança de registro. Para defini-los, novamente apresentam-se os quadros de análise tradutória na sequência.

Quadro 3 – Análise da Domesticação do Estilo (Omissão).

Texto-Fonte	Texto-Alvo
Qual é a grandeza da frota <u>estacionada</u> em nosso planeta?	What is the magnitude of their fleet on our planet?

FONTE: Elaborado pelo autor com base nas informações disponibilizadas na página 256 da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

A omissão, no quadro 3, evidencia-se na ausência da palavra “estacionada” no texto-alvo, e pode ser definida como a decisão do tradutor de não traduzir alguma parte estrutural do texto-fonte.

Quadro 4 – Análise da Domesticação do Estilo (Generalização e Especificação).

Texto-Fonte	Texto-Alvo
Pense no que cada pessoa passou para chegar até aqui, desde o <u>útero materno</u> .	Think about what each person has undergone to get here from the <u>womb</u> .

FONTE: Elaborado pelo autor com base nas informações disponibilizadas na página 227 da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

De acordo com Lanzetti *et al* (2009, p. 12), “os procedimentos de generalização e especificação ocorrem quando o tradutor utiliza, para traduzir um determinado item lexical do texto-fonte, hiperônimos e hipônimos, respectivamente”. Ou seja, é a troca de um termo geral para um específico, ou vice-versa. No quadro 4, identifica-se a característica de generalização, representado pela troca do termo “útero materno” para “*womb*”.

Além da análise da domesticação de estilo, é possível considerar que, desde o momento da concepção, o ser humano enfrenta uma batalha diária pela vida, seja nas dificuldades do dia-a-dia ou numa guerra em nível mundial. Nessa afirmação, presente no quadro 4, é plausível interpretar que, se o ser humano foi capaz de superar todos esses obstáculos, com a ajuda do manual *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), também terá condições de repelir o ataque alienígena.

Quadro 5 – Análise da Domesticação do Estilo (Reconstrução).

Texto-Fonte	Texto-Alvo
Na sociedade moderna ocidental, parece ridícula a ideia de selecionar fêmeas reprodutoras e machos varões.	In modern western society, the idea of selecting breeding females and <i>male males</i> seems ridiculous.

FONTE: Elaborado pelo autor com base nas informações disponibilizadas na página 240 da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

Analisando estruturalmente a tradução do quadro 5, nota-se a mudança na ordem sintática de toda a sentença, porém preservando o valor semântico do texto-fonte, uma vez que a voz ativa foi reconstruída para a voz passiva, no texto-alvo. A este processo inversão da estrutura da oração, dá-se a nomenclatura de reconstrução.

Como última subcategoria da domesticação do estilo presente na análise tradutória deste trabalho encontra-se a mudança de registro, a qual trata-se da adaptação da linguagem formal para a informal, ou vice-versa, com o objetivo de enquadrá-las nas normas e exigências mercadológicas de tradução.

Percebe-se no quadro 5, também, uma questão social de sobrevivência e continuação da espécie. Visto que no reino animal a extinção já é evidenciada em algumas espécies em decorrência das ações humanas de exploração da natureza, no caso de um ataque alienígena o ser humano também deverá pensar em soluções para evitar a extinção da raça humana.

Esse exemplo é percebido na afirmação ressaltada no quadro 5, onde é ridicularizada a ideia de preservar a espécie humana, selecionando indivíduos de forma estratégica (maior número de mulheres do que homens, visto que um homem pode fertilizar mais de uma mulher no mesmo espaço de tempo), visando assim uma rápida reprodução da espécie.

Obviamente, essa é uma questão polêmica no cenário social atual, uma vez que a humanidade não se encontra em extinção, porém é válido destacar aqui que está sendo evidenciado um possível ataque extraterrestre à espécie humana. E caso o combate venha a ocorrer, a continuação da espécie é uma questão prioritária, por isso se tornam importantes essas instruções presentes na obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

Retomando a análise da tradução, como exemplo de mudança de registro, apresenta-se nesse momento, o quadro 6 da análise tradutória do capítulo 5 da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

Quadro 6 – Análise da Domesticação do Estilo (Mudança de Registro).

Texto-Fonte	Texto-Alvo
Queria falar comigo?	You wanted to talk to me about?

FONTE: Elaborado pelo autor com base nas informações disponibilizadas na página 247 da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

Finalizando o conhecimento sobre os três aspectos da tradução domesticada, dar-se-á início à definição e exemplos da domesticação da realidade extralinguística, as quais implicam, segundo Lanzetti *et al* (2009, p. 17), “mudanças ou substituições dos itens culturais e referências exóforas presentes no texto-fonte”.

Dentre as subcategorias da domesticação da realidade extralinguística, a única presente nesta análise tradutória é a transferência. A fim de abordá-la, é agora apresentado o quadro 7.

Quadro 7 – Análise da Domesticação Realidade Extralinguística (Transferência).

Texto-Fonte	Texto-Alvo
Mesmo correndo risco de morrer a cada minuto, os moradores continuavam frequentando os cinemas, visitando os <u>cafés</u> , teatros e concertos nas noites de verão.	Despite being at the risk of dying by the minute, residents still frequented theaters, <u>coffee shops</u> , theaters, and concerts on summer evenings.

FONTE: Elaborado pelo autor com base nas informações disponibilizadas na página 228 da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

Faz-se importante destacar que a tradução literal da palavra “cafés”, referindo-se ao estabelecimento comercial, é “cafés”, porém este termo refere-se a um restaurante pequeno, no qual é servido apenas café. Partindo desse conceito, o tradutor preferiu utilizar a palavra “*coffee shops*”, a fim de buscar uma maior aproximação do sentido abordado no texto-fonte, dando referência às visitas nos cafés.

De acordo com Lanzetti *et al* (2009, p. 17), “transferência é a substituição de um item cultural do texto-fonte num item cultural de mesma função do texto-alvo”. Assim, é possível afirmar que o processo descrito no parágrafo acima categoriza-se como sendo uma transferência.

Novamente ressaltando os aspectos sociais presentes na obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), é possível abordar a preservação psicológica dos indivíduos durante o ataque alienígena, conforme afirmado na frase do quadro 7. Nela, é mostrada a importância de manter uma rotina normal, não permitindo que todo o trauma ocasionado pelo ataque interfira nas capacidades psicológicas e sociais das pessoas.

Para tal, é necessária alguma forma de entretenimento e lazer coletivo, a fim de que o estresse e a pressão vividos naquele momento não tomem conta da mente humana. Essas alternativas expressadas nas orientações do manual *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017) agem como ferramenta de escape e relaxamento psicológico.

Retomando neste momento o que foi estudado sobre deformidades nas traduções, relembra-se que elas são aspectos e elementos que empobrecem a estrutura da obra traduzida. Dessa forma, durante a tradução para a língua inglesa da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), tentou-se ao máximo evitar as deformidades de empobrecimento, que por consequência acaba por desviar também o alongamento. Outro aspecto evitado foi a destruição dos ritmos. As deformidades de empobrecimento, alongamento e destruição dos ritmos estão conceituadas por Berman (2007), respectivamente como:

Este desperdício pode perfeitamente coexistir com um aumento da quantidade ou da massa bruta do texto, com o alongamento. Pois este consiste em acrescentar uns "o", "a", "os", "as", uns "quem" e uns "que", ou ainda significantes explicativos e ornamentais que não têm nada a ver com o tecido lexical de origem. Tão bem que a tradução gera um texto ao mesmo tempo mais pobre e mais longo. [...] Quero dizer com isso que o acréscimo não acrescenta nada, que só aumenta a massa bruta do texto, sem aumentar sua falância ou sua significância. [...] como a tradução de um texto de Faulkner quebranta sua rítmica: enquanto o original conta com apenas quatro sinais de pontuação, a tradução apresenta vinte e dois, dentre os quais dezoito vírgulas!

Nos exemplos dos quadros abaixo, é possível perceber o esquivamento do uso dessas ocorrências.

Quadro 8 – Deformidade de Empobrecimento e Alongamento Evitada.

Texto-Fonte	Texto-Alvo
<p><u>As</u> comunicações devem ter caído, todas, mas você pode usar rádios, sinais luminosos, código Morse e outros artifícios para falar com seus amigos da vizinhança e observar a movimentação <u>nas</u> ruas.</p>	<p>Communications must all have dropped, but you can use radios, sign flares, Morse code, and other artifice to talk to your neighborhood friends and watch the streets movement.</p>

FONTE: Elaborado pelo autor com base nas informações disponibilizadas na página 231 da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

Ao evitar o uso das preposições “*the*” e “*in*” no texto-alvo, o processo de deformidade de empobrecimento e por consequência o de alongamento, por sua vez, não estão presentes nessa tradução.

A capacidade de comunicação está impregnada na essência do ser humano. Essa análise social está destacada na afirmação do quadro 8, onde se evidencia que os meios de comunicação usuais estarão indisponíveis no momento do ataque alienígena. Entretanto a necessidade de diálogo é tamanha que outras formas de comunicação serão encontradas, permitindo, assim, que mesmo os indivíduos escondidos estejam cientes dos acontecimentos.

No último quadro de análise tradutória, a deformidade por quebra de ritmo pode ser evitada, quando se optou por alterar o sistema de pontuação das vírgulas, utilizadas no texto-fonte.

Quadro 9 – Deformidade de Quebra de Ritmo Evitada.

Texto-Fonte	Texto-Alvo
<p>Seu objetivo, nessa fase, é sobreviver, então corra para o ponto mais seguro acessível.</p>	<p>Your goal at this stage is to survive, so run to the safest point available.</p>

FONTE: Elaborado pelo autor com base nas informações disponibilizadas na página 237 da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

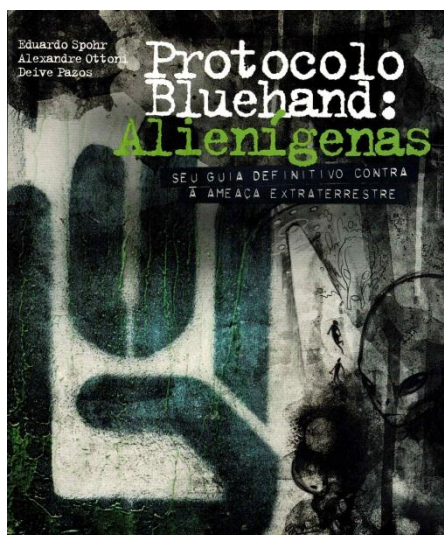
Tendo encerrado o processo de análise tradutória, dar-se-á início à análise paratextual e semiótica da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), a fim de retomar os estudos antes abordados sobre os teóricos Genette (2009) e Lambert (2011), que discorrem sobre macro e micronível textual.

A terceira edição da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas*, da editora NerdBooks, publicada em Curitiba, no ano de 2017, contém 6 capítulos. A arte da capa foi elaborada por André Carvalho e Márcio L. Castro. O projeto gráfico e diagramação do livro foi também elaborada pelo André Carvalho. Já as ilustrações contaram novamente com o trabalho de Márcio L. Castro. A revisão e a edição foram feitas respectivamente por Jair Barbosa e Deive Pazos Gerpe.

A capa leva o nome dos autores no canto superior esquerdo, ao lado do título da obra e o objetivo do livro. É válido destacar que o título e o subtítulo estão impressos em cores diferentes, evidenciando o verde, que remete o leitor à existência de seres alienígenas, já que é a cor popularizada para representar esses seres. Fato também ressaltado por meio da combinação dos tons de cores na capa, que compõem um aspecto sombrio, característico de uma GN.

A mão, impressa na capa, é a ilustração que representa o personagem Bluehand. Ao lado, encontram-se algumas figuras e elementos que caracterizam a temática alienígena da obra, conforme imagem abaixo.

Figura 10 – Capa de *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017)

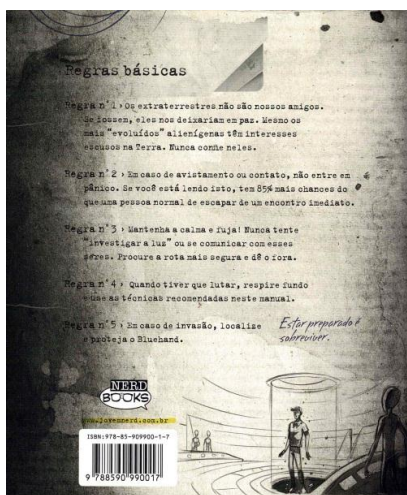


Fonte: Acervo do autor.

Discorrendo sobre outro paratexto, inclui-se a lombada do livro, que é uma versão simplificada da capa, contendo novamente o título da obra, a logotipo do Bluehand e o objetivo do manual, descrito por meio do lema, que se encontra logo abaixo do título.

Ademais, a contracapa da obra traz as regras básicas de sobrevivência ao ataque alienígena, além de uma ilustração no canto inferior direito. Esta imagem representa um ser humano sendo capturado pelos seres extraterrestres. Também há a presença de outros elementos padrões de identificação do livro.

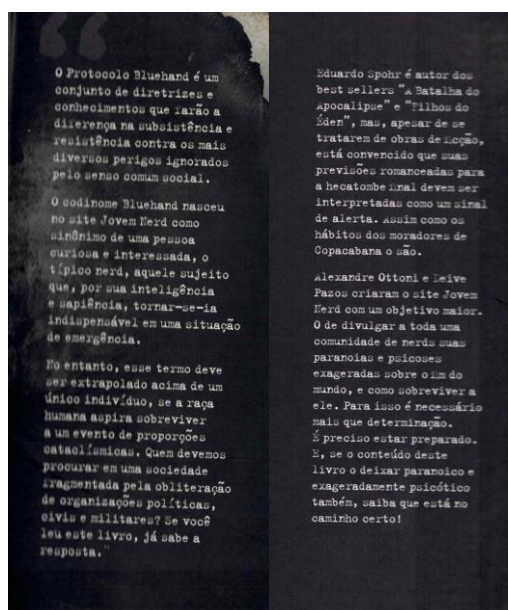
Figura 11 – Contracapa de *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017)



Fonte: Acervo do autor.

Outro elemento paratextual presente no livro são as orelhas. Essas se apresentam com um fundo preto, com grafias da cor branca. Na primeira orelha, a definição do personagem Bluehand é apresentada, e na segunda, uma breve biografia dos autores da obra é relatada. Conforme se observa nas imagens abaixo.

Figura 12 – Orelhas de *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017)



Fonte: Acervo do autor.

Considerando as definições já abordadas anteriormente de Lambert (2011) sobre elementos macrotextuais, a obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017) é narrada em 336 páginas, divididas em um prefácio, 6 capítulos e 2 apêndices. Cada capítulo e possui de 1 a 7 subtítulos. No que tange ao micronível dos paratextos da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), observa-se o uso de imagens, notas, comentários e observações realçadas. Como são possíveis analisar na próxima figura.

Figura 13 – Elementos de Micronível de *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017)



Fonte: Acervo do autor.

Como último elemento a ser analisado, é trazida agora a análise semiótica nas imagens usadas da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017). Para que isso seja feito, foram utilizados os estudos do teórico Pietroforte (2007), no que tange ao quadrado semiótico, já mencionado anteriormente, no capítulo 2.2.

O quadrado semiótico é composto por duas categorias semióticas, representadas por s1 e s2 e suas versões contrárias representadas como uma negação, apresentado no exemplo como vida vs. morte e não-vida vs. não-morte. Além do quadrado semiótico, usufrui-se de um dos níveis de análise semiótica utilizada por Greimas, descrito por Fiorin e Platão (2007, p. 37), e corroborado por Barros (2005):

Desse modo, pode se imaginar que o texto admite três planos distintos na sua estrutura: 1) uma estrutura superficial, onde afloram os significados mais concretos e diversificados. É nesse nível que se instalam no texto o narrador, os personagens, os cenários, o tempo e as ações concretas; 2) uma estrutura intermediária, onde se definem basicamente os valores com que os diferentes sujeitos entram em acordo ou desacordo; 3) uma estrutura profunda, onde ocorrem os significados mais abstratos e mais simples. É nesse nível que se podem postular dois significados abstratos que se opõem entre si e garantem a unidade do texto inteiro.

A análise contempla apenas o terceiro nível, o nível fundamental ou profundo. Com a intenção de demonstrar na prática o funcionamento da teoria, essa se aplica na figura 14, como observado abaixo.

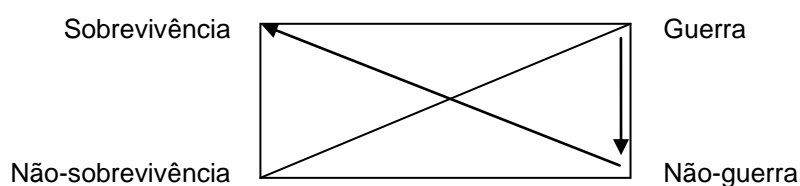
Figura 14 – Exemplo de análise semiótica, guerra vs. sobrevivência, presente na obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017)



Fonte: Acervo do autor.

Constata-se na figura acima, a seguinte relação do quadro semiótico: guerra, não-guerra e sobrevivência, não-sobrevivência, representados pelo ataque alienígena, causando a destruição de cidades vs. a sobrevivência do ser humano ao tentar combater o inimigo; esse último desempenhando o instinto do ser humano em busca da preservação da espécie.

Quadro 10 – Quadro Semântico.



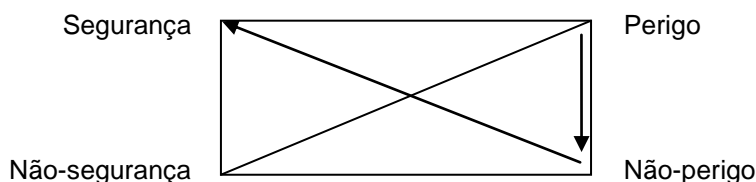
FONTE: O autor.

Afirma-se desse modo que há uma condição disfórica, a qual o ser humano encontra-se em guerra com o inimigo, que o levará para uma condição eufórica na qual fará com que a espécie humana tenha mais um dia de vida, e conseqüentemente acabe por interceptar os planos inimigos. Utilizam-se os termos eufórico e disfórico baseados no que foi dito por Pietroforte (2007, p15): “Chama-se euforia à sensibilização positiva e disforia, à negativa. Como termos contrários, *euforia* vs. *disforia* formam a categoria fórica que, ao lado da categoria semântica *s1* vs. *s2* estrutura o nível fundamental”.

Portanto se estabelece assim o percurso entre os termos *guerra* para a *não-guerra* que tem seu fim na *sobrevivência*. Observados na figura com o combate e a possível vitória da humanidade.

Na segunda análise semiótica, utiliza-se da imagem em que aparece uma explosão e um *bunker*, sendo representado pelo quadrado semântico como, segurança, não-segurança e perigo, não-perigo. Nota-se nessa situação que a exposição à bomba trará perigo às pessoas desabrigadas (situação disfórica), que apenas encontrarão segurança dentro da fortaleza (situação eufórica).

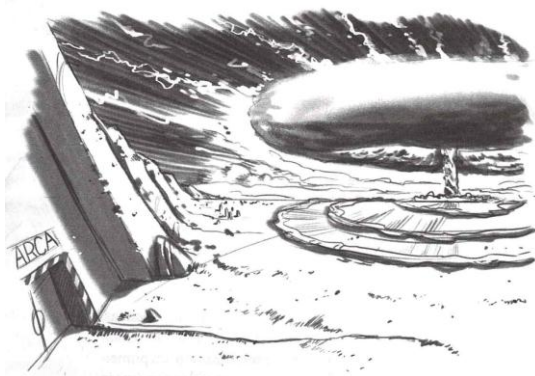
Quadro 11 – Quadro Semântico.



FONTE: O autor.

Para que isso aconteça o percurso narrativo acontece da seguinte maneira: perigo, não-perigo, segurança. A oposição semântica é representada pela explosão da bomba e traços mais escuros, com as ondas da explosão partindo em direção da arca, a qual representa a segurança e perpetuação da vida terrestre representados na figura 15.

Figura 15 – Exemplo de análise semiótica, segurança vs. perigo, presente na obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017)



Fonte: Acervo do autor.

Concluídas as análises tradutórias da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017) e semânticas das imagens é válido informar que a autorização do autor Eduardo Spohr para o uso do livro, e a tradução completa para a língua inglesa do capítulo 5 da obra citada acima, bem como, sua versão original, encontram-se respectivamente nos apêndices e no anexo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso teve como tema principal a *Graphic Novel* e sua importância para a literatura e análise tradutória. Também considerando o aumento das adaptações cinematográficas baseadas nesse gênero literário, e consequente popularização das GNs, essa pesquisa pretendeu analisar a relevância cultural do tema.

Utilizando da literatura de *Graphic Novel*, escolheu-se analisar e traduzir um dos capítulos da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), pertencente ao gênero de ficção-científica, e produzida pelo autor brasileiro Eduardo Spohr.

A obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017) foi inicialmente publicada em 2011, mediante a editora NerdBooks. A trama girou em torno de uma sociedade pós-apocalíptica, e trouxe um manual de sobrevivência, repleto de dicas e instruções de como permanecer vivo e revidar à possível ameaça de um ataque alienígena.

Com a análise tradutória apresentada neste trabalho, buscou-se tornar possível a difusão e aceitação de obras brasileiras no âmbito internacional, a fim de serem adquiridas por consumidores de literatura inglesa.

No âmbito social, o presente trabalho teve a importância de apresentar para a sociedade, toda a produção e análise desempenhada pelo tradutor, afinal, o público leitor da obra possui pouquíssimo conhecimento sobre a função exercida pelo tradutor, enquanto reescreve a obra para a língua alvo.

Para concretizar o objetivo maior do trabalho, conheceu-se o universo das GNs e suas peculiaridades, como se realizam as traduções de uma GN, e quais foram os teóricos que contribuíram para o processo dessa tradução e análise.

A fim de tomar conhecimento desse universo, apresentou-se um breve histórico do surgimento desse gênero literário e sua evolução ao longo do tempo. Para tal, alguns dos principais autores foram abordados, juntamente com suas obras, que foram renomadas criações de GNs, como *The Dark Night Returns* (1986), de Frank Miller, e *Watchmen* (1986), de Alan Moore.

Destacou-se que o surgimento desse gênero literário é datado da Revolução Industrial, meados do século XVIII, na Inglaterra, quando o avanço tecnológico foi proposto. Foi nesse mesmo cenário que a população buscou por uma literatura de fácil acesso, surgindo, assim, as primeiras GNs, que buscavam retratar justamente essas mudanças tecnológicas vividas pela sociedade.

Foi nesses cenários de conflito, que se fomentou a criação dos super-heróis das histórias em quadrinhos, famosos até os dias atuais, como *Superman* e *Capitão América*.

Por meio desses estudos sobre o universo das GNs, e analisando a obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), compreendeu-se que a narrativa do livro pertence ao gênero literário de ficção-científica. Sendo assim, buscou-se aporte teórico a respeito dessa literatura.

Observou-se que escritores notáveis como HG Welles, Júlio Verne, Bradbury e Asimov, todos apresentados anteriormente, já trabalhavam com a produção de obras de ficção-científica. Muitas delas, devido ao seu grande sucesso, ganharam reprodução cinematográfica.

Na sequência apresentou-se a literatura de ficção-científica especulativa e fantástica, destacando seu histórico e características, temáticas, elementos e personagens.

Novamente, contando com o conhecimento sobre o universo das GNs, e sabendo que elas pertencem ao gênero literário de ficção-científica, o presente trabalho buscou explorar os procedimentos tradutórios a fim de auxiliar a análise e tradução de um capítulo da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

Primeiramente, um estudo relativo à obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017) descreveu seus criadores, características, temáticas, gênero e apresentação dos personagens do manual.

Com o intuito de adentrar à tradução e análise, teorias e procedimentos tradutórios foram estudados e elencados para orientar o propósito principal deste trabalho, que é a análise e tradução de um capítulo da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

Durante este estudo, destacaram-se Even-Zohar, com suas teorias dos polissistemas; Berman, à respeito das deformidades nas traduções; Genette, que discorreu sobre a aplicação e importância do uso de paratextos para dar maior significado à interpretação da narrativa; Lambert (2011), que contribuiu com a análise macro e microtextual; e Lanzetti *et al* (2009), que é um dos mais importantes teóricos utilizados como parâmetro para a análise tradutória, uma vez que seus estudos a respeito dos procedimentos técnicos da tradução, e a transposição cultural, no que se refere à domesticação ou estrangeirização do texto, foram amplamente discutidos no decorrer da análise.

Juntamente as avaliações semióticas de duas imagens contidas na obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017) foram realizadas, sob a perspectiva Greimasniana, durante a análise das categorias semânticas de profundidade. Isso foi possível graças ao suporte dos teóricos Barros (2005), Fiorin e Platão (2007) e Pietroforte (2007).

Por fim, o trabalho apresentou as explicações referentes à tradução e análise propriamente dita de um dos capítulos da obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017).

Após todo o estudo realizado neste trabalho de conclusão de curso, é possível averiguar que a obra *Protocolo Bluehand: Alienígenas* (2017), traduzida para a língua inglesa, tem potencial de mercado para ser publicada internacionalmente.

Também é possível concluir que esse mesmo potencial, pode abrir espaço para que outros escritores brasileiros tenham suas obras publicadas e reconhecidas em diferentes âmbitos literários fora do Brasil.

Ademais, percebeu-se que houve um aumento das produções de análises tradutórias, porém trata-se de um pequeno nicho de pesquisa acadêmica, que ainda pode abranger muitos interessados nessa área.

REFERÊNCIAS

ALIEN TALES, Picasso film, 2018. Disponível em: <<https://bigmedia.tv/sites/default/files/film/pdf/ALIEN%20TALES.pdf>>. Acesso em: nov. 2019.

ALMEIDA, Maiara A. de. **As histórias em quadrinhos e a tradução**: o caso de sandman, romance gráfico de Neil Gaiman. Monografia (graduação). 2012. 84 f. Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2012.

AMAZON. **Acervo digital**. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Destiny-Novel-Pictures-Otto-Nuckel/dp/B001OXZXTU>>. Acesso em nov. 2019a.

_____. **Acervo digital**. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Done-Her-Wrong-Milt-Gross/dp/1560976942>>. Acesso em nov. 2019b.

_____. **Acervo digital**. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Batman-Dark-Knight>Returns-Anniversary/dp/1401263119>>. Acesso em nov. 2019c.

_____. **Acervo digital**. Disponível em: <<https://www.amazon.com/300-Comic-Print-Frank-Miller/dp/B000PGDKZG> 16/11/19>. Acesso em nov. 2019d.

_____. **Acervo digital**. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Vendetta-VF-NM-comic-book/dp/B07661MB92>>. Acesso em nov. 2019e.

_____. **Acervo digital**. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Watchmen-FN-DC-comic-book/dp/B07661VWFW/>>. Acesso em nov. 2019f.

_____. **Acervo digital**. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Sandman-First-issue-1988-Gaiman-comic/dp/B07YN2R236/>>. Acesso em nov. 2019g.

_____. **Acervo digital**. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Ghost-Shell-Dark-Horse-comic/dp/B07MC59K99/>>. Acesso em nov. 2019h.

AMAZON.UK. **Acervo digital**. Disponível em: <<https://www.amazon.co.uk/>> Acesso em: nov. 2019.

ANTONIO VICENTE SERAPHIM PIETROFORTE. Revista Pessoa. Disponível em: <<https://www.revistapessoa.com/autor/47/Antonio%20Vicente%20Seraphim%20Pietroforte/>>. Acesso em: nov. 2019.

ASIMOV, Isaac. **Eu, Robô**. 2 ed. Aliança OCR, 1969. Tradução de Luiz Horácio da Matta.

ASSIS, Diego. **Quadrinista norte-americano, criador de "Spirit" Will Eisner**. UOL. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/will-eisner.jhtm>>. Acesso em: nov. 2019.

BARROS, D. L. P. de. **Teoria Semiótica do texto**. 4 ed. São Paulo, Ática, 2005.

BERMAN, Antoine. 2007. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de M.-H. C. Torres, M. Furlan e A. Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET.

BRITTO, Diogo F. **Quem vigia os tradutores?** — Análise de uma tradução de Watchmen no Brasil. Monografia (graduação). 2009. 77 f. Departamento de Letras: Ênfase em Tradução, Faculdade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2009.

CONCEITO DE MANUAL DO UTILIZADOR. Conceito.de. 2012. Disponível em: <<https://conceito.de/manual-do-utilizador>>. Acesso em: nov. 2019.

CORREIA, Danielle C. R. **O estado totalitário e os cidadãos em Fahrenheit 451 de Ray Bradbury**. Monografia (pós-graduação). 2015. 108 f. Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.

COUTINHO, Andrea. Ficção Científica: Narrativa do Mundo Contemporâneo. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, v. 1, n. 1, p. 15-26, 2008.

DUTRA, Daniel I. **Literatura de ficção-científica no cinema: A Transposição para a mídia fílmica de A Máquina do Tempo de H.G. Wells**. Monografia (pós-graduação). 2009. 111 f. Departamento de pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009a.

_____. Ficção científica brasileira: um gênero invisível. **Letrônica**, Porto Alegre v.2, n.2, p. 222 - 232, dezembro 2009b.

EISNER, Will. **Comics & sequencial art**. 20 ed. Florida: Poorhouse press, 2000.

_____. **Narrativas gráficas**. São Paulo: Devir, 2005. Tradução de Leandro Luigi.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário**. Tradução de L. A. Braga. 2012.

_____. O sistema literário. Tradução de Luis Fernando Marozo e Yanna Karlla Cunha. Revisão Linguística: Raquel Bello Vazques. **Revista translation**, n. 4, p. 2-21, 2013.

FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. S. **Para entender o texto: leitura e redação**. Ática, 17 ed. São Paulo, 2007.

GENETTE, Gerard. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LAMBERT, José. **Literatura & tradução: textos selecionados de José Lambert**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

_____. **Literatura & tradução: textos selecionados de José Lambert**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

LANZETTI, Rafael et al. Procedimentos técnicos de tradução: Uma proposta de reformulação. In: **Revista do ISAT**, n. 7. São Gonçalo: ISAT, 2009.

LEMOS, André. Ficção científica cyberpunk: o imaginário da cibercultura. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 3, n. 6, p. 9-16, 2004.

MESSIAS, Adriano. **Todos os monstros da Terra: bestiários do cinema e da literatura** /Adriano Messias. – São Paulo: EDUC: FAPESP, 2016.

MOURÃO, Ronaldo R. de F. **Cem anos da morte de Júlio Verne**. Instituto Geográfico do Rio Grande do Sul, 2005.

Passionate-Journey-Vision-Woodcuts-History/dp/0486460185>. Acesso em nov. 2019.

PIETROFORTE, V. Antonio. **Semiótica Visual: os percursos do olhar**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SAER, Juan J. O conceito de ficção. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 9, p. 320 – 325, dezembro de 2012.

SILVA, Alyne do N. **Onde gatos e a máfia se encontram**: Traduzindo o romance gráfico “*LACKADASY*”. Monografia (graduação). 2014. 53 f. Departamento de Letras-Tradução, Universidade de Brasília, Brasília. 2014.

SILVA, José M. da. **A tradução das histórias em quadrinhos**: critérios de avaliação. Monografia (especialização). 2013. 45 f. Central de Cursos de Extensão e Pós-Graduação Lato Sensu, Rio de Janeiro. 2013.

SILVA, Suzana O. de. **Ficção científica literária e suas influências da sociedade**. Monografia (pós-graduação). 2012. 39 f. Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação – ESAP, Faculdades Integradas do Vale do Ivaí, Cascavel. 2012.

SPOHR, E.; OTTONI, A.; PAZOS, D. **Protocolo Bluehand**: Alienígenas. 3 ed. Curitiba: Nerdbooks, 2017.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 2 ed. Digital source, 1981.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. Bauru, SP: EDUSC, 2002. Tradução de Valéria Biondo, Marileide Dias Esqueda, Laureano Pelegrin e Lucinéia Marcelino Villela.

APÊNDICES

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO CONCEDIDA PELO AUTOR EDUARDO SPOHR,
PARA O USO E REPRODUÇÃO DE SUA OBRA, A FIM DE CUMPRIR COM A
ANÁLISE E TRADUÇÃO PRESENTES NESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO



Josiel Ecco • 19:39

Estou com um projeto de tradução, da obra Protocolo Bluehand: Alienígenas.

Gostaria de saber se você poderia liberar o uso da obra para o meu TCC.

Tenho como objetivo fazer e analisar minha própria tradução no gênero Graphic Novel, sendo a obra escolhida PBA.

12 DE NOV DE 2018



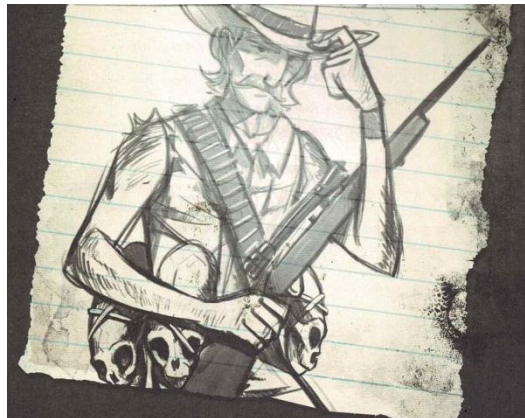
Eduardo Spohr • 08:25

Oi, Josiel. Sendo apenas para o TCC, sem fins lucrativos, não tem problema ;-)

APÊNDICE B – TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA INGLESA DO CAPÍTULO 5 DA
OBRA PROTOCOLO BLUEHAND: ALIENÍGENAS (2017)

PAGE 225

Chapter 5:
Invasion



PAGE 226

BH's Note: In this penultimate chapter, perhaps the most important of all, we will finally simulate a state of total invasion to know what would really happen if some alien race attacked the Earth. How to survive the initial heist? What should be done next? What would be the best way to resist and repel the attack?

PAGE 227

SURVIVING

Quotation: "God blessed them and said to them, "Be fruitful and increase in number; fill the earth and subdue it. Rule over the fish in the sea and the birds in the sky and over every living creature that moves on the ground."- Genesis - 1:28

Human beings are distinguished from other terrestrial species and alien races for their incredible adaptability and creativity. This unique trait translates into many religions under the name of free will, and it represents the emotional and rational choices we have made over the centuries, and which have helped us survive

the ice age, the great natural disasters and our own wars. In fact, many captured aliens seem to lack this creativity.

Therefore, do not doubt the survival and reproduction power of humanity. Think about what each person has undergone to get here from the womb. What a fascinating metamorphosis has transformed us from tiny aquatic creatures to complete mammals with intelligence and feelings.

PAGE 228

A story in World War II illustrates the persistence of our species well. The population of the former Soviet Union city of Leningrad lived for almost three years (1941 - 1944) under Nazi siege, being bombarded day and night without water, electricity or food. Despite being at the risk of dying by the minute, residents still frequented theaters, coffee shops, theaters, and concerts on summer evenings. This disturbing account reinforces our claim that man can (and will) adapt to any situation and live under any circumstances.

BH's Note: Keep this in mind when the alien attack begins. I understand that we are special and in many ways superior to all interplanetary races, and that you are one of the elements who will help this balance. Remember how our ancestors endured the icy prehistoric nights, did not bend to medieval plagues, and managed through the tense nuclear age alive.



PAGE 229

1. PHASE # 1: SURVIVAL

The initial phase of invasion is the most critical of all. You and your family will have to resist attacks, which can last from a few minutes to several months, depending on the purpose of the invasive species.

Note: Your chances of survival will increase by 80% if you are prepared, have a fully equipped base of operations (safe room), and a long-term food supply (see chapters 3 and 4). In order to go through the raid unharmed, first at all, it is necessary to find a refuge. Any shelter, no matter how thick its walls are, will be immediately disintegrated if it is in the firing line of a photonic charge. However, if your property is far from the attack epicenter, it can withstand the shockwave and escape the onslaught almost intact.

It is impossible to calculate the primary targets of alien aggression. The tip is to hide and pray. A smart decision would be to take shelter away from military bases, big industries, major urban centers - these are possibly the first locations to undergo a massive raid.

1.1 FINDING A SHELTER

If you already have a shelter, the suggestion is to start isolation when signals reach Level 2 (see Chapter 4: Strategic Attacks). Blackouts, military exercises, rationing, financial crisis, mass murder, telecommunications breakdown: by the time we get to that point, your family should be safe

PAGE 230

in the depth of garages or basements. If you need to leave home, send one person at a time. Never let pairs or trios venture out of the shelter - the attack could happen anytime and it wouldn't be smart for everyone to die at once. Maintain constant communication with the volunteer by cell phone, radio or walkie-talkie (review the paragraph on amateur radio in chapter 4).

If you have not prepared a shelter, you will need to find one in the last minute. In this case, do not waste time - seeking a shelter in the minute the photonic charges open may not be very efficient.

If there is no time to prepare a “safe room,” choose underground shelter options. The subway tunnels already saved thousands of English from German bombs in World War II, and that's where you should run. Depth, concrete and especially rock can, to certain degree, isolate shock waves and inhibit radiation. It is also a great place to confuse intruders with their multiple entrances and exits.

Another good idea is to look for families with already structured shelters and try to affiliate with them by offering water, food or a workforce. Show your skills and explain how you can be helpful. A doctor, for example, will always have guaranteed exile.

1.2 THE ATTACK

An alien attack can be fast and destructive or slow and painful. Photonic charges, like atomic weapons, have the power to destroy every city in the world and devastate the planet.

PAGE 231

Or they can aim at surgical targets and preserve half of the Earthlings that would be used as slaves or food. It is difficult to predict the intent of ETs.

Escaping the initial raid does not guarantee that you will survive long, but it is already the first step. Your next choices will determine the quality and duration of survival.

How long should I stay hidden?

Check the civil procedure in the previous chapter. Stay informed about what happens outside the shelter. Communications must all have dropped, but you can use radios, sign flares, Morse code, and other artifice to talk to your neighborhood friends and watch the streets movement.

Theoretically, you should be hidden until the attacks cease - another week. Take your time and don't get out of confinement before then. Use this time to analyze the invasion (with the information you already have) and prepare to evolve to the next step. Learn how to watch night and day flares (which indicate fires and explosions), and know how far they are from you.

The problem of corpses

If someone in your group dies as a result of the attack, certain precautions must be taken. A body begins to decompose in the first days after death, attracting insects, mice, and microorganisms harmful to human biology. The corpse must

PAGE 232

be covered by insulating material (plastic, rubber, metal), sealed and kept away from people and food.

If it is safe to go to the streets, bury the body and signal with a sign. Under no circumstances try to burn the remains - handmade cremation spreads toxic materials in the air and can draw the attention of aliens, bandits or animals (if you are in a rural area).

The Scout

If there are no explosions or shots in a week, a family member should venture into the streets. This is the function of the Scout.

The Scout's first mission is area reconnaissance. He does not need to find food, weapons or equipment - he will gather information, observe the dead, analyze the marks of the attack and especially find out if it is safe to leave the shelter. To do so, the Scout must be fully equipped with a radiation suit, Geiger counter, weapons and communication devices. In this first mission, he must walk alone - he will be almost like a guinea pig, exposing his body (albeit protected) to the dangers of an atmosphere possibly contaminated with radioactivity, disease or poisonous substances.

This is not the time to contact any other survivors. In fact, contact should be avoided! Other panicked people may attack you out of fear or madness. They could also be infected by an unknown virus or be aliens in disguise

PAGE 233

as men. Be careful to sneak away from any living being on this first journey.

Ideally, the Scout should bring clues about the nature of the aliens and their spacecraft. This is the first data you will get to come to future conclusions that will lead you to the counterattack.

Exploration Groups

If the path is clear, an exploration group must be formed within three days. What is certain is that this group is made up of three people, depending on the size of the family.

The task of the exploration group is to make a more thorough reconnaissance of the surroundings, to ascertain whether the authorities (police, army, local authorities) are still active and to find survivors - some should have been contacted by radio or other forms of communication. Do not try to bring anyone (yet) to your shelter. The goal here is to examine what really happened, what people saw, and how the attack went.

If you still have food stored, do not eat foods of unknown origin. Even supermarket canned goods can be infected in some way. Wait to see the reaction of those who have already eaten.

The key information the exploration group should look for is where the aliens are, who they are and what they plan. While Scouts work in the open, other family members within the refuge should write down and

PAGE 234

compare broadcasts to reach satisfactory conclusions about enemy activity. Make maps indicating what was destroyed and the areas that can still be used as shelter. Note the differences between rural and urban scenarios.

1.3 LEAVING INSULATION

What you need to do after exploring the area and making sure the streets are (to a certain degree) safe is to leave the shelter. If the authorities are still active, join them and offer your efforts. But beware of pseudo-authorities (soldiers without an officer, for example) - they can become a mob of thieves or a platoon of bandits.

Either way, physical contact with other remnants is necessary to recover the injured and to organize resistance. An inaccurate perspective estimates that this should occur about a month after the first offensive. After this time, you and your allies should have more accurate information about the enemy. It is crucial to know if the attacks have already stopped or if occasional raids continue - and how often. What are these attacks like? Do the invaders use air vehicles, war machines, robots, viruses, toxic substances, monsters or set off for battle themselves? Do they wear scuba, armor, or just ordinary clothes?

If the raids do not continue, or if you find no resistance-building authorities, return to the shelter and be prepared to survive for long periods in isolation.

PAGE 235

Establishing a Headquarters

The resistant must converge to a Headquarters, a central point that will serve as a small community, with medical supplies, a communications room, weapons and food. This HQ should be established in the safest area of the neighborhood - again, subway tunnels are almost always the most perfect option. Hospitals, schools, police stations, prisons and other fortified structures are good alternatives.

The existence of a headquarters does not mean that all modules (medical unit, armory, pantry, etc.) must be physically located at the same point. However, HQ needs to be a centralized basis of operations where orders come out and commands converge. It would be important that this was a secret location, and had better have a physical connection with the other modules.

Organizing the community

In addition to communication, the basis of operations has the primary function of organizing the activities of survivors according to their roles and hierarchical level. As in any community, there must be leaders, workers, soldiers and technicians.

Organizing a community, however small, is a daunting task and requires common sense. Each person should be separated by industry, according to his or her knowledge, skills and hobbies. Doctors, engineers and military personnel are always helpful in an emergency; lawyers and journalists, not so much. Use a piece of paper to discriminate the name of

PAGE 236

each individual with his or her primary (professional) and secondary (hobbies) skills. Then assign jobs and do not leave anyone out of work - mindfulness is essential in times of crisis.

Then comes the time to choose the leader or leaders. This task is not as complicated as it sounds. Born leaders will appear on the first days after the attack.

In addition, similar real-world situations have shown that most people refuse to assume the position of an empowered leader, for the sake of responsibility or simply to avoid annoyance. Theoretically, the military is always top priority in leadership, but you, whatever your profession is, have the obligation to take over at that moment. Demonstrate the knowledge and strategies learned in this book. Practice what you have memorized and pass these tactics on.

Once leaders are appointed, the hierarchy must be respected! You need to understand (and explain this to your allies) that the hierarchical line does not exist to foster power struggles, but to save lives. A single person must make the decision because sometimes there is no time for argument. If everyone does what they want, the group splits up and chaos sets in. That is why the military hierarchy is so rigid. Someone needs to organize the platoon in the middle of the shooting.

Field or city?

We have already spoken, in the previous chapter, about choosing to stay in the city or run to the countryside at the signs of alien invasion.

PAGE 237

But what about after the attack? Where should you and your small community take refuge?

The decision, in this case, is absolutely practical. You should settle as far away as possible from extraterrestrial bases or spacecrafts (if they are still on Earth). Your goal at this stage is to survive, so run to the safest point available.

The concept of “cells”

Another organizational technique is the implementation known as “cells”: groups of five to 15 individuals led by a team leader. The cells follow a concept similar to military platoons - traditionally the smallest army unit.

Cells can be composed of mixed groups, integrating various agents with different abilities, or individualized, with members specialized in a particular task (exploration, assault, medicine, communications, etc.).

Like the Armed Forces, the function of cells is socialization. It forces the resistant to work with their colleagues (and not just their family) and creates strong bonds of friendship, companionship and love. The basic idea is that you need to rely on others to survive.

Cells are also strategically recommended in critical circumstances. Since it is never safe for the entire community to leave the shelter at once, groups are sent out with predetermined missions (getting food, searching for new refuges, finding possible attacks, collecting injured people).

PAGE 238

1.4 COMMUNITY MAINTENANCE

Once the community with laws, functions, and leaders is established, it must be maintained. Only when the group is concise and acting to the best of its order can we think of counterattack - not before that.

Solidifying a community to the point where it can sustain itself and reproduce itself often takes years. But time is not so relevant here. The important thing is not to stop stimulating the longings of the group. No one wants to live forever hidden in smelly holes. Maintaining a society in a state of conflict requires setting short, medium and long term goals. The ultimate goal may be the expulsion of aliens or simply escape to an area to which aliens have no access (or no interest in) - this will depend on the aspirations of each cluster.

“Protected” individuals

A post-apocalyptic community does not differ much from a primitive society. The world outside the shelter is dangerous and there are no state forces to defend it. No wonder prehistoric women and children were forbidden to leave the caves. This has nothing to do with sexism - the attitude is related to the preservation of the species. Children are obviously fragile and one male can mate with many females. Therefore, the number of females must be numerically greater than males, who are indeed able to reproduce throughout their life cycle.

PAGE 239

Children (up to 15 years old)> Children should be considered “protected individuals” because they represent the continuity of the human race. The little ones, much more open to learning and adaptability, must be trained early to survive in this scenario of escape and persecution - and they will be smarter than us, for sure.

Women (16-40 years)> Rarely does a woman give birth to more than one baby per fertilization, and her gestation process lasts nine months - that is, more than a year to compose herself and give birth to another child. A male, on the other hand, can fertilize one female per night. Mathematics and biology push us to agree that women must be another class of protected individuals. Their activities in the community should be internal and your obligation is never to expose yourself to unnecessary risks.

Core Professions> Some people with skills that are very useful to the community cannot afford to lose their lives. These skills will vary according to the needs of each society, but doctors, scientists, spiritual leaders, technicians (engineers, mechanics, electricians, hackers) and psychologists are examples of essential professions.

Leaders> Not everyone has the ability to lead and make the right decisions that affect dozens, hundreds or thousands of lives. Those with the competence to organize and influence others effectively and intelligently should be preserved.

PAGE 240

Workers> known as “ordinary” individuals who do not need special protection and can be sent on risky missions. They usually assume the roles of soldiers, Scouts, hunters and explorers. In a post-apocalyptic community, they are men over 16 and women over 40.

Procreation

The term survival, quoted here, refers not only to individual survival but to the continuity of the human species. In an invasion scenario, your commitment, which initially boiled down to you and your family, now spans the entire community and then the surviving society. To prevent the extinction of our race, the breeding rate must be seriously intensified.

In modern western society, the idea of selecting breeding females and male males seems ridiculous. But in a post-apocalyptic community, the birth of strong and fit children is a determining factor in the continuation of life. Of course, the weak should not be forbidden to breed, but it is correct to estimate that at least 80% of the population is generated by selected individuals. Men especially useful for procreation should, regardless of age, be considered "protected".

A social leader must establish fertilization programs, stipulating that all 18 and over give birth from 5

PAGE 241

to 20 lifelong children. Taking 12 as an average and taking into account the high mortality in a cruel environment, we could quadruple the active population within 25 years, training armies and troops for the ultimate demand to defeat and expel the ETs.

As an example of human reproductive capacity, the present case is symbolic. According to the United Nations estimate, in the 1950s, the world population was 2.5 billion. The 2000 sense accused the figure of 6 billion humans on planet Earth.

Entertainment

Quotation: "The enemy had surrendered, but somehow men were still dying. But they did have plenty of weapons, alcohol and too much time on their hands. "- Major Richard Winters, Band of Brothers - Part 10: Points.

It has been said in many parts of this study how important it is to keep the minds of men and women busy in a conflicting community. In Stephen E. Ambrose's Band of Brothers - Company of Heroes, which tells the true story of the members of a group of American skydivers in World War II, Major Richard Winters said that when the war was over, the commands that remained in occupied territory they continued to die, either in car accidents or in shootings between themselves. For Winters, this was the result of the explosive mix of weapons, alcohol, and free time.

PAGE 242

Psychiatrists researching the great wars have also observed that humans need an "escape valve," no matter how terrible their situation is. A good leader would organize a calendar of holidays, free time, and parties, allowing individuals to vent their frustrations into artistic and cultural manifestations.

Promote plays, dance performances, text reading, games (physical and mental) and friendly disputes. These activities should take place at a time when citizens are resting from their daily obligations, and have the important function of keeping them entertained in times of boredom.

Spiritual help

Quotation: "Whether or not I invoke God will come." - Motto on the door of the house of psychoanalyst Carl Jung.

No matter what your opinion of religion - it is a valuable emotional food for most human beings, especially in adverse conditions. The need for spiritual support is not necessarily linked to institutional or state religions - new myths may arise, completely renewed, that one should assume the role of adapting and diffusing them.

Do not overlook the power of faith. Religion was once very useful as a weapon to control the uncontrollable and save humanity from barbarism. It can also be a powerful ideological tool

PAGE 243

on a hostile planet, driving society away from chaos and preserving certain norms of conduct.

CAI - Counter Alien Intelligence

Any time your community is "surviving" should be used to carefully observe alien behavior. It never hurts to remember that you will be at war and that your ultimate goal is to win back the planet. To this end, each territory must have an CAI (Counter Alien Intelligence) department, which will collect information, materials, weapons and extraterrestrial specimens for study. The better your data, the more chances your people will have to defeat the space invaders.

The CAI must work as a military unit, with platoons charged with observing the actions of aliens and performing risky assault and capture missions. This is not the time to act as a guerrilla group. Operations must have a practical purpose - invasion, material gathering and immediate escape.

Renewing the defenses

Do not settle down. Either one: either the aliens want to eliminate or subdue the human race. ETs will never let you live freely and they can attack again soon. To repeat: this is a war, sometimes with long periods of truce.

PAGE 244

The human refuges headquarters defenses should NEVER lower their guard! The counter-alien intelligence department should work with the soldiers defending the shelters to keep them informed of enemy movement as well as their new weapons.

If this is easy, change shelter from time to time. Avoid walking on the surface and never get out in packs.

Encrypted Communication

In a busy territory, communicating can be a big problem. Whether on land, in the air, or in orbit, spacecraft will have no difficulty monitoring electromagnetic waves of any length or frequency. This was not an obstacle for the Germans in World War II either, which forced the English to improve their encryption system. In other words: Since ETs can hear you, your challenge is to prevent them from understanding you.

There are hundreds of ciphers and codes used today and in the past by military and civilian sources - some easy to break, some more difficult. Caesar's famous figure was based on the simple displacement of letters. The Playfair code, popularized by Scottish Lyon Playfair in the 19th century, requires the use of keywords. Other figures, such as Beale's, which indicate hidden clues in the text of the American Declaration of Independence, remain undecipherable. There are also binary, hexadecimal languages and the numerous signs related to programming.

PAGE 245

Encrypted communication should not be used for radio messages only. If aliens had the ability to turn into humans, employ hybrids, or work with spies, it would be dangerous to trust anyone who appears to be your friend. This is where passwords come into play.

Even before the invasion, it is healthy to buy a code book and study it - there are a lot of good texts in bookstores and on the Internet. In addition to these, it is also possible to create own ciphers, more adapted to each community. Ideally, these numbers should be changed or modified once a month.

During the Cold War, the CIA used an old system of encrypted words that was later popularized by Hollywood films. The goal was to identify an ally without

raising suspicion of the agent's identity. The so-called "communication passwords" contained a text and a subtext that only those linked to the organization understood. Here are a few examples of what you can ask:



PAGE 246

Text	Sub Text
Paris is nice this time of year.	The agent has reached his destination.
I never refuse an apple pie.	New information available.
Time flies.	We are being watched.
My uncle ate like a pig.	We received supplies.
I hate being on time.	Allies killed or captured.
After the dog, the book is man's best friend.	Come armed.
I stopped believing in Santa Claus when I found out he was my grandfather.	High risk mission.
God is an artist, don't you think?	We found survivors.
I was a swimming champion. Years ago.	Head north.
My favorite animal is the snake.	Head south.
I never saw a hare again.	Head east.

PAGE 247

Text	Sub Text
Have you read The Odyssey?	Head toward west.
I have no candy to offer.	Supplies are gone.
Mom made me eat fruit all summer.	Suicide Order.
Do you smell roses?	Unknown territory.
The sun always rises in the east.	Nuclear attack.
Can you tell me where the nearest market is?	I ask to speak with the source.
Large oaks are born from small acorns.	Safe refuge located.
You wanted to talk to me about?	Communication post nearby.
Men fight, women argue.	Target destroyed.
See you tonight.	We were surrounded.
Here it gets dark earlier in the winter.	Abort the operation.

PAGE 248

1.5 PREPARATION FOR NEXT STAGE

Living forever like sewer rats, hiding here and there, fighting for food, sometimes without seeing sunlight for days, is not a valid prospect for the human species. As much as the community adapts well to the new environment, pure survival should never be a final aspiration.

It is man's nature to evolve, to seek better conditions, to dream that his children will have other opportunities. While isolation may take decades, sooner or later this situation should change - only then can society think of counterattack (see next section).

A leader must make it clear that there is a goal to be achieved - and set deadlines to meet them, however loose they may be. This will calm the yearnings of the average citizen and help the people to come together. No matter how far the beach is and thick the fog is, a ship should never sail the haul, but always use the compass to guide it to the harbor.

The most immediate goals need not be linked to confrontation. Take new areas of the city, build tunnels, improve the communication scheme, educate children, organize an assault troop... All of these are executable missions still in the survival phase. Internal espionage, sabotage, attacks, direct battles, moderate insurrections, widespread rebellion and total war would be more appropriate goals for the next stage.

PAGE 249

2. STAGE # 2: COUNTERATTACK

Quotation: "If you know the enemy and know yourself, you need not fear the result of a hundred battles. If you know yourself but not the enemy, for every victory gained you will also suffer a defeat. If you know neither the enemy nor yourself, you will succumb in every battle. "- Sun Tzu. The Art of War.

The ultimate goal of any post-apocalyptic community should be to organize the counterattack, expel the aliens and take back the planet. But the question we must ask is: When? When is it the right time to leave the underworld and begin the rematch?

To initiate any kind of confrontation - note this - two things are essential: Knowledge and Teamwork. In his celebrated book The Art of War, Sun Tzu stated 2,500 years ago that if you know yourself and the enemy very well, your victory is guaranteed - hence your teachings on the importance of using spies. It is absolutely crucial that the counter-alien intelligence department has decisive data about the aliens, otherwise it would be like sending your troops into battle against invincible ghosts.

Teamwork comes down to creating what we call Resistance. As well as your community is well protected and equipped, it is impossible to win a world war alone.

PAGE 250

To defeat the invaders, humanity must act together, establishing coordinated actions across the planet. Yes, this is not simple - the counterattack phase will take years to implement. Take your time or you will lose everything.

2.1 THE FOUNDATION OF RESISTANCE

First, you and your family hid in shelters. Then, you teamed up with other survivors and organized a self-reliant local community able to obtain water, food, and refuge during alien raids. Now you need to make contact with other groups around the world, creating a network of insurgents: The Resistance.

The formation of Resistance will happen gradually, with exploration groups traveling sneakily to other cities to discover more human outbreaks. Protected in their headquarters, these remnants will hardly leave their bases - the explorer's mission here should be to inform local forces about the existence of their community and propose an alliance. Over time, this alliance would evolve from weapons exchange, information, food, to joint missions. The same would happen in other parts of the planet and the natural way would be the development of a clandestine society, with autonomous communities that would share certain laws and attitudes.

The foundation of a solid Resistance will have its drawbacks. Often the embryos of this planetary society will be annihilated by internal strife, betrayal, politicking, or extraterrestrial attack on central bases. Obviously, establishing a

BH's Note: "If you are listening to this, you are the Resistance." - John Connor, Terminator: Salvation.

PAGE 251

network of interests will cause your previously closed community to expose itself, increasing the risk of being discovered and exterminated. Many will die and entire groups will be destroyed until the Resistance forms as a world bloc. But without it, there is no real chance of victory.

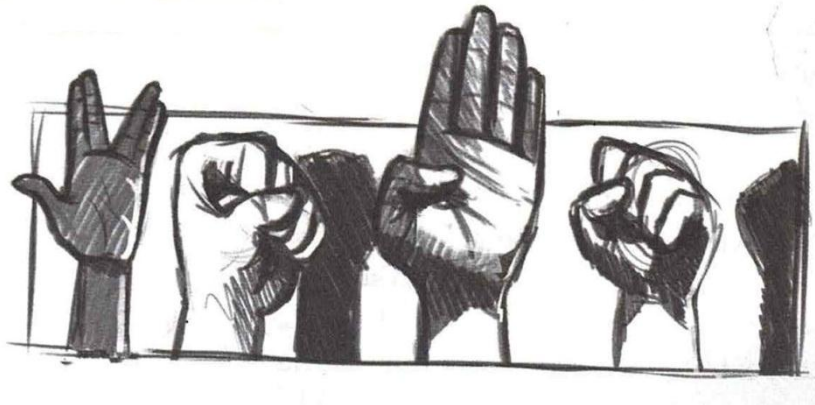
2.2 THE BLUEHAND NETWORK

Even more complex than creating Resistance is keeping it alive and cohesive. Rebels need to be in touch, exchange information, and be able to recognize each other, quickly understanding their skills, place of origin, and level of knowledge. For this, the use of identification codes is especially useful.

The Bluehand network is a recognition cipher that allows immediate understanding of certain data about the ally. It can be affixed to the refuge wall, sent by written message or be embroidered on service uniforms.

The code appears as follows:

PBHa +5541! 0703



PAGE 252

1) Studied manuals> The first part of the figure concerns the series of Bluehand Protocol (PBH) manuals studied by the resistant, followed by lowercase letters indicating the volume(s) already read. The letter "a" in this case means Aliens and refers to the book the reader has in his hand.

2) Country and city> The universal direct dialing code, followed by the "+" character, informs the city and country of origin. +5541 is related to Curitiba (41), Brazil (55).

3) Group position> In the sequence, the punctuation shows your hierarchical degree in the group to which you belong. "!" is used for leaders, while ":" says you are a mere member. Individuals without groups or acting alone use the "?".

4) Protected Individuals> All protected members of a community or even hermits who fit the classification of protected individuals (see above) must use the asterisk (*) after their hierarchical indication.

5) Skills: The last part of the code will tell your colleague what your main skills are. Are you a computer expert? Or are you more skilled at using weapons? Are you aware of medicine? Can you fly helicopters? Find your next aptitude code(s):

PAGE 253

01 Nursing/First Aid

02 Medicine

03 Veterinary

26 Flying Helicopters

27 Robotics

28 Electronic Repairs

04 Biology	29 Mechanical Repairs
05 Chemistry	30 Practice of Law
06 Physics	31 Advertising
07 Astronomy	32 Press
08 Psychology	33 Navigation
09 Geology	34 Boats and Sailboats
10 Library Science	35 Astronautics
11 Pharmacology	36 Martial arts
12 Natural History	38 Artillery
13 History	39 Firearms
14 Archeology	40 Melee weapons
15 Anthropology	41 Find trails
16 Audio and video	42 Occultism
17 Photography	43 Locksmith
18 Arts	44 Engineering
19 Accounting	45 Politics and social sciences
20 Climbing	46 Athlete
21 Computer skills	47 Statistics
22 Collecting Information	48 Geography
23 Religious Leader	49 Illusionism and sleight of hand
24 Driving	50 Weightlifting
25 Flying Propeller Airplanes	51 Nutrition

PAGE 254

52 Bows and Crossbows	76 Masonry
53 Wild Survival	77 Setting Traps
54 Explosives/Demolition	78 Ventriloquism
55 Police or Security Specialist	79 Cartography
56 Hunting and fishing	80 Herbs and Plants
57 Genetics	81 Encryption
58 Botany	82 Agriculture
59 Forensic Medicine	83 Typing

60 Paleontology	84 Document Forgery
61 Training animals	85 Hacker
62 Riding	86 Blacksmith
63 Interrogation Techniques	87 Dynamic Reading
64 Designer	88 Body Language
65 Flying Jets	89 Photographic Memory
66 Philosophy	90 Lipreading
67 Evaluation of Stones and Jewelry	91 Poisons and Toxic Substances
68 Driving Armored	92 Camouflage
69 Woodwork	93 Skydiving
70 Economy	94 Flying Submarines
71 Theology and Religion	95 Oratory
72 Diplomacy	96 Foreign Languages
73 Sewing	97 Internet User
74 Cooking	98 Speech Therapy
75 Gunsmith	99 Dentist
	00 Psychic Abilities

BH's Note:

PBHa + 5521?* 01020611131415161719212224252728

293033343738394042434445525354576163

6869737576777981828384858691949697

PAGE 255

2.3 INFORMATION IS POWER

Quotation: "All I am offering is the truth, nothing more." - Morpheus, Matrix

All information-gathering work during the survival period (and beyond) should be aimed at finding a single piece of data: What is the weakness of ETs?

The success of the alien invasion (and many human attacks) could certainly be attributed to the fact that the attackers knew a lot about us and we knew little about them - as Sun Tzu predicted. Now the situation needs to be reversed. Hidden

in underground strongholds, humans must hide their habits and activities as they gather elements about extraterrestrial nature.

In the counterattack phase, the search for valuable data should take on a more aggressive character. Specimen kidnappings, previously made when the opportunity arose, would take the form of real assault raids, carried out to capture, in addition to specimens, weapons, vehicles and various enemy equipment for use and study.

All this effort will converge onto intelligence services, which will use that material to infer the basics:

Who is the invader? What species does it belong to?

How does ET biology work?

What are their powers and vulnerabilities?

What is their social structure like? Who are their leaders?

PAGE 256

Where are they from? Do they have enemies? Which ones?

Do they have allies? Do they use hybrids, sympathetic humans or robots?

What is the alien contingent on earth?

What are their machines and how do they work?

What are their weapons and what are they capable of?

What is the magnitude of their fleet on our planet?

How many vehicles and weapons are there in each spacecraft?

Where are their bases? How are they defended?

Is there a central fortress? Or a mothership?

What is their routine of attacks? How do they act?

What is the purpose of the aliens on Earth?

What are their plans for the future of the planet?

What do they want from the human race?

What is the best counterattack method?

How are we to confuse them? What are their weaknesses?

How are we to beat them?

2.4 FIGHTING TACTICS

Quotation: "Just stay calm. What do you do next? Wait. Is your cover here? Yes. Hell can break loose, but you stay calm. Eyes forward. You clear? Then go. If you can move, do it." - Captain Nascimento. Elite squad.

Accurate knowledge of alien circulation will indicate the best combat tactics to the Resistance. For example, if

PAGE 257

aliens are vulnerable to bright light; attacks should always be carried out in the morning. If they are resistant to cold, all actions would be suspended in winter. The data obtained will show the best attack strategies.

First Step: Sabotage> Sabotage can be an effective method of undermining enemy power, but it has its consequences. Once the intelligence finds out what the aliens want, the Resistance should attack this object. Suppose ETs want to dredge fresh water from Earth: so sabotage initiatives will target dredging facilities. In the latter case, and if this is the only way to expel invaders, it may be necessary to destroy part of this natural resource to weaken the power and morale of the adversaries.

Second step: Attacks> Attacks are taken as a step beyond sabotage, always done by hidden individuals, which only damage and hinder a given process punctually. The attacks are surprise attacks, led by small groups, with missions as small as killing one specimen or as large as blowing up a spacecraft. The perpetrators are at greater risk because there is a clear chance of confrontation here - setting a bomb and returning to base is not enough. The regularity of such coordinated worldwide attacks could seriously erode the alien structure.

PAGE 258

Step Three: Direct Battles> Equipped with functional weapons and vehicles and proper training, Resistance troops can start thinking about attacking aliens on an equal footing. Don't imagine a group of ragamuffins shooting at old and used rifles. In this scenario, humans should already have pieces of alien technology in their possession, thus being able to adapt their weapons to ours. They would be able to

produce atomic weapons, toxic substances, and perhaps even raid robots in the laboratory. Battles can have positive results, such as the capture of more weapons, the destruction of an enemy contingent or the retaking of important territory - or they can end in failure, leaving hundreds or thousands dead.

Step Four: Insurrection> The success of attacks and battles would evolve into constant attacks by enemy targets, culminating in what we call insurrection. Offensives are no longer just occasional battles - humanity is slowly rising against the alien threat around the world. There will be bolder, more destructive and dangerous confrontations on both sides. Human society, with the exception of “protected individuals,” would begin to emerge from its hiding places and occupy bases on the surface.

Step Five: Rebellion> When insurrections are a simultaneous reality across the planet and successful, we will be at the level of rebellion. Rebellion will be in place when insurrections succeed in dislodging ETs

PAGE 259

from their bases, making them retreat, but not yet expelling them from the planet. Now humans deal the cards, showing that they have efficient ways to fight opponents.

Step Six: Total War Humanity must not only scare the aliens into allowing them to retreat and plan their counterattack: they must continue to advance in order to gain total victory and banishment of these creatures from the face of the earth. It is now that the attack comes to its critical moment, with men invading the alien bases and spacecrafts to take them or destroy them.



PAGE 260

The "superweapon" factor

Insurrections, rebellions, and total war can be considerably accelerated if humanity finds some supreme weapon against the aliens in the course of its studies. This weapon could be an ancient virus against which ETs have no defense, a chemical that exploits the vulnerabilities of the enemy, or traditional weaponry with a type of radiation especially lethal to invaders. In the classic 1953 War of the Worlds, aliens succumb to the diseases of the earth; In miniseries V - The Final Battle, the rioters produce a reptilian powder.

Fiction aside, it is prudent to accept that we are unlikely to have the help of a superweapon. It is certain to accept that the road to victory will be long and tortuous. Either way, we will remember that the greatest human quality is our creativity and adaptability. Take advantage of it!

2.5 THE WAR

Quotation: "Welcome to Earth!" - Captain Steven Hiller, Independence Day

What would a war between aliens and humans look like? Hard to predict considering all our scenarios are hypothetical. A war (not invasion, but counterattack), as we have seen, could take years to occur, and during that time humanity would undergo radical social, political, and perhaps even biological changes.

PAGE 261

The decision to face the extraterrestrials is not the only one, as we will talk later. But if this is the general choice, some situations should be considered.

Nuclear power

It is possible, though unlikely, that we will be able to fend off ETs already in the invasion phase by launching an unprecedented attack with atomic weapons. In the initial offensive or counterattack, realize that nuclear power, a technology the human race has mastered, is the most effective weapon against space enemies.

Prepare for cataclysm

A great battle between aliens and humans can be as devastating as the invasion itself, perhaps more so. In addition to fighting, victimizing thousands or

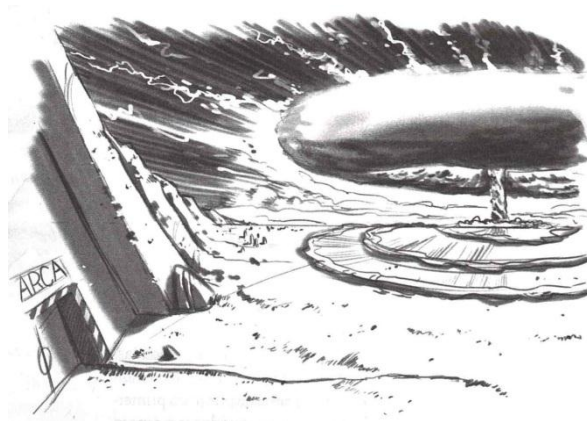
millions of lives, opponents, upon defeat, can resolve to blow up one of the great spacecraft, annihilating the Earth's atmosphere, for example. This is why human offensives need to be executed not only with force but with intelligence, aiming at strategic targets and nullifying the possibility of backtracking with aliens. These creatures are usually highly centralized, like bees commanded by a queen. Find the source and attack it mercilessly.

War, by any means, will be cruel and there is a risk that it will bring humanity to the edge of extinction again. Resistance leaders should keep this in mind and trigger a new Noah's Ark project, with sealed shelters where the

BH's Note: "If they lose, the mothership can turn into a nuclear device capable of destroying Earth." - Martin, V, The Final Battle.

PAGE 262

"protected" individuals, as well as a reasonable amount of animals, plants, minerals and, of course, supplies for several months or years, the difference is that this time we will not be caught off guard but will have time to build refuges and develop guidelines showing how survivors should act in the days to come.



PAGE 263



BH's Note: Obviously, counterattack may not be the only alternative. Sometimes the invaders' plan of conquest is so perfect, and their superiority so alarming, that there will simply be no gap for the fight. This can happen for sure - and it is a possibility that, unfortunately, must be considered. See other action options and how to manage them.

Survival

Human communities, sometimes struggling to find more survivors, may understand that they were lucky enough to resist the initial attack and that ETs are not worth facing - for lack of knowledge, skill or will. Some people (the minority) are content with what they already have and are accommodating, abandoning the will to evolve and seek a better situation.

Survival is a comfortable alternative at first, but dangerous in the long run.
Confined to a space

PAGE 264

restricted, whether or not underground, the community will eventually come into internal conflict over territory, food, or diverse interests - especially in an inhospitable and atrocious world. But there is still the remote possibility that this society can live in harmony and adapt to the new environment. If so, it might be really interesting to leave things as they are.

Live alone

Becoming a hermit is a perfectly acceptable option for many people - some would even appreciate it. Obviously, living alone, on the one hand, reduces your chances of being discovered, facilitates escape, and makes movement faster. On the other hand, a hermit cannot count on the help of his peers.

The choice for a lonely life should not be practiced by you, who hold the wisdom of this manual. Still, it would be reasonable to imagine an expert living in isolation, helping insurgent groups from a remote base.

Escape

Escape is traditionally the most logical alternative to combat. But run away to where?

Perhaps there are certain inaccessible places on the planet to aliens. If they are very vulnerable to bright light, you could set up your group in Antarctica (if you can get supplies), where there are six months of sunshine. If they are poorly adapted to the heat, their community should settle in the Sahara desert

PAGE 265

or on some tropical island. As always, everything will depend on the circumstances.

Escape does not exclude the first phase of action, survival. Don't risk traveling to faraway lands without ET information and don't leave the refuge until your community is perfectly prepared for it.

Escape has both positive and negative consequences. The good news is that it looks less dangerous than a counterattack - the community is more likely to survive. But the group may find it difficult to travel and to adapt to the new environment. Worst of all, there is always the possibility that attackers can locate them (either by spacecraft or robots) and attack them. Founding a new civilization in the "nooks of the planet" does not make it immune to a new apocalypse.

Surrender

BH's Note: "If you can't beat them, join them." - Popular saying.

In your research into alien motives, you and your community may conclude that attackers' intentions toward humans may not be so cruel. Working as slaves to a more advanced civilization may be better than spending eternity living in sewers and

hunting rats to eat. Examples of this are found in human civilization itself. The economy of the Roman Empire was based on slavery, and there were slaves of all levels - from whipped salt miners to cultured Greek teachers, treated as family members by some masters. As a rule, slaves are a commodity

BH's Note: N-E-V-E-R!

PAGE 266

valuable to those who capture them, and no one likes to see their possessions destroyed or destroyed early.

Even the most bizarre possibilities may be preferable in certain cases. If ETs are here looking for food, human society may decide to hand over some of its members in exchange for safe conduct to others. Such a sacrifice would imply a surrender of human interests to the needs of aliens.

If attackers want to use Earthlings for mass research (scientific or social), statistics can show that the captive death rate is softer than cruel life underground - and it would be better to put pride aside and surrender.

Peaceful coexistence

Believe me, things change, and our history proves it. Nations that suffered horrors when conquered in a space of two or three generations end up incorporating external influence and are often able to live peacefully. This has happened to many Roman provinces, the Saxons in Britain, the lands of the New World, and with the advance of imperialism in the nineteenth century. The idea is strange, but it can be repeated on the occasion of an alien occupation.

If the intention of ETs is to stay on Earth and use humans in some way, then the relationship between

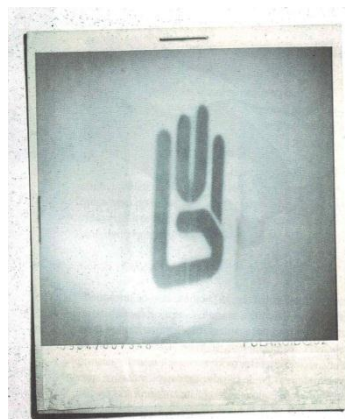
PAGE 267



two species evolve into peaceful coexistence if the Earthlings deem counterattack impossible.

A harmonious conviviality, however, would take many years to establish. Traditionally, generations suffering the trauma of invasion must be dead in order for hatred to calm down and any kind of compromise to agreement. It is even possible that, once this symbiosis is established, the two races will build a relationship that makes their dissociation very difficult in the future. In this bizarre (prominent) scenario, humans would need extraterrestrials to survive - and vice versa!

PAGE 268

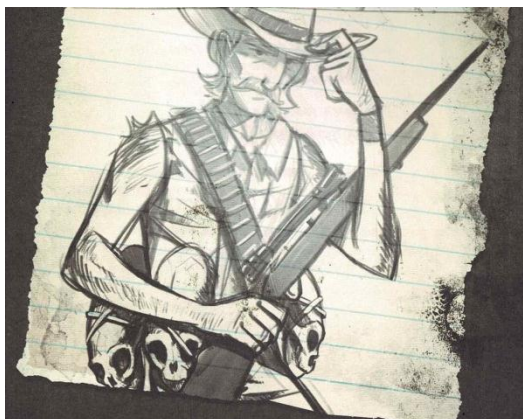


ANEXOS

ANEXO A – CAPÍTULO 5 ORIGINAL DA OBRA PROTOCOLO BLUEHAND:
ALIENÍGENAS (2017)

PÁGINA 225

Capítulo 5:
Invasão



PÁGINA 226

Nota do BH: Neste penúltimo capítulo, talvez o mais importante de todos, finalmente simularemos um estado de invasão total para saber o que realmente aconteceria se alguma raça alienígena atacasse a Terra. Como sobreviver ao assalto inicial? O que fazer depois? Qual seria a melhor forma de resistir e rechaçar a ofensiva?

PÁGINA 227

SOBREVIVENDO

Citação: “Abençoando-os, Deus disse-lhes: ‘Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra’.” – Gênesis – 1:28

O ser humano distingue-se das outras espécies terrestres e das raças alienígenas por sua incrível adaptabilidade e criatividade. Esse traço único se traduz em muitas religiões sob o nome de livre-arbítrio, e representa as escolhas

emocionais e racionais que fizemos ao longo de séculos, e que nos ajudaram a sobreviver à idade do gelo, às grandes catástrofes naturais e a nossas próprias guerras. De fato, muitos extraterrestres capturados parecem não apresentar essa criatividade.

Por isso, não duvide do poder de sobrevivência e reprodução da humanidade. Pense no que cada pessoa passou para chegar até aqui, desde o útero materno. Que fascinante metamorfose nos transformou de minúsculas criaturas aquáticas a mamíferos completos, com inteligência e sentimentos.

PÁGINA 228

Uma história acontecida na Segunda Guerra Mundial ilustra bem a persistência de nossa espécie. A população da cidade de Leningrado, na antiga União Soviética, viveu por quase três anos (1941 – 1944) sob cerco nazista, sendo bombardeada dia e noite, sem água, luz ou comida. Mesmo correndo risco de morrer a cada minuto, os moradores continuavam frequentando os cinemas, visitando os cafés, teatros e concertos nas noites de verão. Esse perturbador relato reforça nossa tese de que o homem pode (e irá) se adaptar a qualquer situação e viver sob quaisquer circunstâncias.

Nota do BH: Tenha isso em mente quando o ataque alienígena começar. Entendo que somos especiais e em muitos aspectos superiores a todas as raças interplanetárias, e você é um dos elementos que ajudará essa balança. Lembre-se de como nossos ancestrais aguentaram as geladas noites pré-históricas, não se curvaram às pragas medievais e passaram vivos pela tensa era nuclear.



PÁGINA 229

1. FASE #1: SOBREVIVÊNCIA

A fase inicial da invasão é a mais crítica de todas. Você e sua família terão de resistir ao ataque, que pode durar de alguns minutos a vários meses, dependendo do objetivo da espécie invasora.

Perceba: suas chances de sobrevivência aumentarão em 80% se você estiver preparado, possuir uma base de operações equipada (quarto seguro) e estoque de comida para muitos dias (ver capítulos 3 e 4). Para atravessar ileso ao assalto, é necessário, antes de tudo, encontrar refúgio. Qualquer abrigo, não importa a espessura de suas paredes, será imediatamente desintegrado se estiver na linha de fogo de uma carga fotônica. Mas se sua propriedade estiver longe do epicentro do ataque poderá, sim, aguentar a onda de choque e escapar quase intacta à investida.

É impossível calcular os alvos primários de uma agressão alienígena. A dica é se esconder e rezar. Uma decisão inteligente seria se abrigar longe de bases militares, grandes indústrias, centros urbanos importantes – essas serão, possivelmente, as primeiras localidades a sofrer um assalto massivo.

1.1 ENCONTRANDO ABRIGO

Se você já tem um abrigo, a sugestão é iniciar o isolamento quando os sinais passarem ao Nível 2 (ver Capítulo 4: Ataques estratégicos). *Black-outs*, exercícios militares, racionamento, crise financeira, homicídios em massa, pane nas telecomunicações: quando chegarmos a esse ponto, sua família já deverá estar segura

PÁGINA 230

na fundura de garagens ou porões. Caso precise sair de casa, envie uma pessoa de cada vez. Nunca deixe duplas ou trios se aventurarem fora do refúgio – o ataque pode acontecer a qualquer instante e não seria inteligente que todos morressem de uma vez. Mantenha constante comunicação com o voluntário por telefone celular, rádio ou *walkie talkie* (releia o parágrafo sobre rádio amador, no capítulo 4).

Caso você não tenha preparado um abrigo, terá de achar um de última hora. Nesse caso, não perca tempo – buscar esconderijo no minuto em que as cargas fotônicas se abrirem pode não ser muito eficiente.

Se não houver tempo de preparar um “quarto seguro”, escolha opções de refúgio sob a terra. Os túneis do metrô já salvaram milhares de ingleses das bombas alemãs na Segunda Guerra Mundial e é pra lá que você deveria correr. A profundidade, o concreto e principalmente a rocha podem isolar, até certo ponto, as ondas de choque e inibir a radiação. Também é um ótimo lugar para confundir invasores, com suas múltiplas entradas e saídas.

Outra boa ideia é procurar famílias com abrigos já estruturados e tentar se afiliar a elas oferecendo água, comida ou força de trabalho. Mostre suas habilidades e explique como você pode ser útil. Um médico, por exemplo, terá sempre exílio garantido.

1.2 O ATAQUE

Um ataque alienígena pode ser rápido e destruidor ou lento e doloroso. As cargas fotônicas, tal qual as armas atômicas, têm o poder de destruir todas as cidades do mundo e devastar o planeta.

PÁGINA 231

Ou então podem mirar alvos cirúrgicos e preservar metade dos terráqueos, que seria aproveitada como escravos ou comida. É difícil prever a intenção dos ETs.

Escapar ao assalto inicial não garante que você sobreviverá por muito tempo, mas já é o primeiro passo. Suas próximas escolhas determinarão a qualidade e a duração da sobrevivência.

Quanto tempo devo ficar escondido?

Verifique o procedimento civil do capítulo anterior. Mantenha-se informado sobre o que acontece fora do abrigo. As comunicações devem ter caído, todas, mas você pode usar rádios, sinais luminosos, código Morse e outros artifícios para falar com seus amigos da vizinhança e observar a movimentação nas ruas.

Teoricamente, você deveria ficar recluso até que os ataques cessassem – mais uma semana. Não tenha pressa e não saia do confinamento antes disso. Use esse tempo para analisar a invasão (com as informações que você já tem) e preparar-se para evoluir ao próximo passo. Aprenda a observar os clarões noturnos

e diurnos (que indicam incêndios e explosões), e saiba calcular a distância que eles estão de você.

O problema dos cadáveres

Se alguém de seu grupo falecer em decorrência do ataque, é preciso tomar certos cuidados. Um corpo começa a se decompor já nos primeiros dias após a morte, atraindo insetos, ratos e microrganismos prejudiciais à biologia humana. O cadáver deve

PÁGINA 232

ser coberto por material isolante (plástico, borracha, metal), vedado e mantido afastado das pessoas e da comida.

Se for seguro ir às ruas, enterre o corpo e sinalize com uma placa. Em hipótese nenhuma tente queimar os restos – a cremação artesanal espalha no ar materiais tóxicos e pode chamar a atenção de alienígenas, bandidos ou animais (se você estiver numa área rural).

O batedor

Se não houver explosões ou disparos em uma semana, um membro da família deve se aventurar nas ruas. Essa é a função do batedor.

A primeira missão do batedor é o reconhecimento da área. Ele não precisa achar comida, armas ou equipamentos – ele vai recolher informações, observar os mortos, analisar as marcas do ataque e principalmente descobrir se é seguro deixar o abrigo. Para tal, o batedor deve estar totalmente equipado com uma roupa antirradiação, contador Geiger, armas e aparelhos de comunicação. Nessa primeira missão, ele deve caminhar sozinho – será quase como uma cobaia, expondo seu corpo (ainda que protegido) aos perigos de uma atmosfera possivelmente contaminada com radioatividade, doenças ou substâncias venenosas.

Ainda não é a hora de contatar mais sobreviventes. Na verdade, o contato deve ser evitado! Outras pessoas, em pânico, podem atacá-lo, por medo ou loucura. Poderiam, ainda, estar contagiadas por algum vírus desconhecido ou serem alienígenas disfarçados

PÁGINA 233

de homens. Tenha o cuidado de ser furtivo e se desviar de qualquer ser vivo nessa primeira jornada.

O ideal é que o batedor traga pistas sobre a natureza dos alienígenas e suas naves. Esses são os primeiros dados que você vai obter para, no futuro, chegar às conclusões que o levarão ao contra-ataque.

Grupos de exploração

Se o caminho estiver livre, um grupo de exploração deve ser formado dentro de três dias. O certo é que esse grupo seja composto por três pessoas, dependendo do tamanho da família.

A função do grupo de exploração é fazer um reconhecimento mais apurado das redondezas, averiguar se as autoridades (polícia, exército, poderes locais) ainda estão ativas e encontrar sobreviventes – alguns já deveriam ter sido contatados por rádio ou outras formas de comunicação. Não tente trazer ninguém (ainda) para seu abrigo. O objetivo aqui é examinar o que realmente aconteceu, o que as pessoas viram e como foi o ataque.

Se você ainda tiver comida estocada, não consuma alimentos de procedência desconhecida. Até os enlatados dos supermercados podem estar infectados de alguma forma. Espere para ver a reação daqueles que já comeram.

As principais informações que o grupo de exploração deve buscar são: onde estão os extraterrestres, quem são eles e o que planejam. Enquanto os batedores trabalham a céu aberto, os outros membros da família dentro do refúgio devem anotar e

PÁGINA 234

cruzar as transmissões para chegar a conclusões satisfatórias sobre a atividade inimiga. Faça mapas indicando o que foi destruído e as áreas que ainda podem servir de abrigo. Observe as diferenças entre os cenários rural e urbano.

1.3 DEIXANDO O ISOLAMENTO

O que você precisa fazer após explorar a região e ter certeza de que as ruas estão (até certo ponto) seguras é deixar o isolamento. Se as autoridades ainda estiverem ativas, junte-se a elas e ofereça seus esforços. Mas tome cuidado com as

pseudoautoridades (soldados sem um oficial, por exemplo) – elas podem se converter em uma turba de ladrões ou um pelotão de bandidos.

De qualquer maneira, é necessário estabelecer contato físico com outros remanescentes para recuperar os feridos e organizar a resistência. Uma perspectiva imprecisa avalia que isso deveria ocorrer cerca de um mês após a primeira ofensiva. Após esse tempo, você e seus aliados já deveriam ter informações mais apuradas sobre o inimigo. É crucial saber se os ataques já pararam ou se continuam ocorrendo incursões ocasionais – e com que frequência. Como são esses ataques? Os invasores utilizam veículos aéreos, máquinas de guerra, robôs, vírus, substâncias tóxicas, monstros ou partem para a batalha eles mesmo? Usam escafandros, armaduras ou apenas trajes comuns?

Não eventualidade do prosseguimento dos assaltos, ou caso você não encontre autoridades que fomentem uma resistência, retorne ao abrigo e esteja preparado para sobreviver por longos períodos no isolamento.

PÁGINA 235

Estabelecendo um quartel-general

Os resistentes devem convergir a um quartel-general, um ponto central que servirá como uma pequena comunidade, com suprimentos médicos, sala de comunicações, armas e alimentos. Este QG deveria ser estabelecido na área mais segura da vizinhança – novamente, os túneis do metrô são quase sempre a mais perfeita opção. Hospitais, escolas, delegacias, penitenciárias e outras estruturas fortificadas são boas alternativas.

A existência de um quartel-general não significa que todos os módulos (unidade médica, arsenal, despensa, etc.) devam estar fisicamente localizados no mesmo ponto. Mas o QG precisa ser uma base centralizada de operações de onde saem as ordens e convergem os comandos. Seria importante que esse fosse um local secreto, e melhor tivesse ligação física com os demais módulos.

Organizando a comunidade

Além da comunicação, a base de operações tem a função primária de organizar as atividades dos sobreviventes segundo suas funções e seu nível hierárquico. Como em qualquer comunidade, deve haver líderes, operários, soldados e técnicos.

Organizar uma comunidade, por menor que seja, é uma tarefa difícil e exige bom senso. Cada pessoa deve ser separada por ramo de atividade que exerce, segundo seus conhecimentos suas perícias e seus *hobbies*. Médicos, engenheiros e militares são sempre úteis numa emergência; advogados e jornalistas, nem tanto. Use uma folha de papel para discriminar o nome de

PÁGINA 236

cada indivíduo, com suas habilidades primárias (profissionais) e secundárias (*hobbies*). Em seguida, distribua funções e não deixe ninguém sem trabalho – ocupar a cabeça é imprescindível em momentos de crise.

Na sequência, chegará a hora de escolher o líder ou os líderes. Essa tarefa não é tão complicada como parece. Líderes natos aparecerão já nos primeiros dias seguintes ao ataque. Além disso, situações semelhantes do mundo real já mostraram que a maioria das pessoas se recusa a assumir a postura de líder empossado, por medo da responsabilidade ou simplesmente para evitar aborrecimentos. Teoricamente, os militares sempre são prioridade na liderança, mas você, seja qual for sua profissão, tem a obrigação de assumir as rédeas nesse momento. Demonstre os conhecimentos e as estratégias aprendidos neste livro. Ponha em prática o que memorizou e passe essas táticas adiante.

Uma vez designados os líderes, a hierarquia deve ser respeitada! Você precisa entender (e explicar isso a seus aliados) que a linha hierárquica não existe para fomentar disputas de poder, e sim para salvar vidas. Uma única pessoa deve tomar a decisão porque às vezes não há tempo para argumentações. Se todos fazem o que querem, o grupo se divide e instaura-se o caos. Esse é o motivo pelo qual a hierarquia militar é tão rígida. Alguém precisa organizar o pelotão no meio do tiroteio.

Campo ou cidade?

Já falamos no capítulo anterior sobre a escolha de ficar na cidade ou correr para o campo aos sinais da invasão alienígena.

PÁGINA 237

Mas e depois do ataque? Onde você e sua pequena comunidade deveriam se refugiar?

A decisão nesse caso é absolutamente prática. Você deve se estabelecer o mais longe possível das bases ou naves extraterrestres (se elas ainda estiverem estacionadas na Terra). Seu objetivo, nessa fase, é sobreviver, então corra para o ponto mais seguro acessível.

O conceito de “células”

Outra técnica de organização é a implementação das chamadas “células”: grupos de cinco a 15 indivíduos comandados por um líder de equipe. As células seguem um conceito semelhante aos pelotões militares – tradicionalmente, a menor unidade do exército.

As células podem ser compostas de grupos mistos, integrando vários agentes com habilidades diferentes, ou individualizados, com membros especializados em uma determinada tarefa (exploração, assalto, medicina, comunicações, etc.).

Igual às Forças Armadas, a função das células é a socialização. Ela força os resistentes a trabalharem com seus colegas (e não só com a família) e cria fortes laços de amizade, companheirismo e amor. A ideia básica é que você precisa confiar no próximo para sobreviver.

As células também são estrategicamente recomendadas em circunstâncias críticas. Como nunca é seguro toda a comunidade deixar o abrigo de uma vez, grupos são enviados com missões predeterminadas (conseguir alimento, pesquisar novos refúgios, averiguar possíveis ataques, recolher feridos).

PÁGINA 238

1.4 MANUTENÇÃO DA COMUNIDADE

Depois de estabelecida a comunidade, com leis, funções e líderes, é preciso mantê-la. Somente quando o grupo estiver conciso e agindo no melhor de sua ordem podemos pensar em contra-ataque – antes disso, não.

Solidificar uma comunidade a ponto de que ela possa se autossustentar e se autorreproduzir geralmente leva anos. Mas o tempo não é tão relevante aqui. O

importante é não deixar de estimular os anseios do grupo. Ninguém deseja viver para sempre escondido em buracos fedorentos. A manutenção de uma sociedade em estado de conflito requer o estabelecimento de metas no curto, médio e longo prazos. O objetivo final pode ser a expulsão dos extraterrestres ou simplesmente a fuga para uma área à qual os alienígenas não têm acesso (ou interesse) – isso vai depender das aspirações de cada agrupamento

Indivíduos “protegidos”

Uma comunidade pós-apocalíptica não difere muito de uma sociedade primitiva. O mundo fora do abrigo é perigoso e não há forças estatais para defendê-lo. Não é à toa que mulheres e crianças pré-históricas eram proibidas de sair das cavernas. Isso não tem nada a ver com o machismo – a atitude está relacionada à preservação da espécie. Crianças são obviamente frágeis e um só macho pode acasalar com muitas fêmeas. Portanto, a quantidade de fêmeas deve ser numericamente superior a de machos, que, aliás, estão aptos à reprodução durante todo o seu ciclo de vida.

PÁGINA 239

Crianças (até 15 anos) > As crianças devem ser consideradas “indivíduos protegidos” porque representam a continuidade da raça humana. Os pequenos, muito mais abertos ao aprendizado e à adaptabilidade, devem ser treinados desde cedo para sobreviver nesse cenário de fuga e perseguição – e eles serão mais espertos do que nós, tenha certeza.

Mulheres (16-40 anos) > Raramente uma mulher dá à luz mais de um bebê por fecundação, e seu processo de gestação dura nove meses – ou seja, mais de um ano para se recompor e gerar outro filho. Um homem, por outro lado, pode fecundar uma fêmea por noite. A matemática aliada à biologia nos empurram a concordar que as mulheres devem ser outra classe de indivíduos protegidos. Suas atividades na comunidade devem ser internas e sua obrigação é nunca se expor a riscos desnecessários.

Profissões essenciais > Algumas pessoas com habilidades muito úteis à comunidade não podem se dar ao luxo de perder a vida. Essas habilidades vão variar segundo as necessidades de cada sociedade, mas médicos, cientistas, líderes

espirituais, técnicos (engenheiros, mecânicos, eletricitistas, *hackers*) e psicólogos são exemplos de profissões essenciais.

Líderes > não é todo mundo que tem a capacidade de liderar e tomar decisões certas que afetam dezenas, centenas ou milhares de vidas. Aqueles com a competência para organizar e influenciar os outros de forma eficaz e inteligente devem ser preservados.

PÁGINA 240

Peões > Assim são chamados os indivíduos “comuns”, que não necessitam de proteção especial e podem ser enviados em missões de risco. Eles geralmente assumem funções de soldados, batedores, caçadores e exploradores. Em uma comunidade pós-apocalíptica, são eles os homens com mais de 16 anos e as mulheres acima dos 40.

Procriação

O termo sobrevivência, aqui citado, não se refere apenas à sobrevivência individual, mas à continuidade da espécie humana. Em um cenário de invasão, seu compromisso, que inicialmente se resumia a você e a sua família, passa a se estender por toda a comunidade e posteriormente por toda a sociedade de sobreviventes. Para evitar a extinção de nossa raça, a taxa de procriação deve ser seriamente intensificada.

Na sociedade moderna ocidental, parece ridícula a ideia de selecionar fêmeas reprodutoras e machos varões. Mas, numa comunidade pós-apocalíptica, o nascimento de crianças fortes e mais aptas é um fator determinante para o prosseguimento da vida. É claro que os fracos não devem ser proibidos de procriar, mas o correto é calcular que pelo menos 80% da população seja gerada por indivíduos selecionados. Os homens especialmente úteis à procriação deveriam, independentemente da idade, ser considerados “protegidos”.

Um líder social deve estabelecer programas de fecundação, determinando que todos os maiores de 18 anos gerem de cinco

PÁGINA 241

a 20 filhos ao longo da vida. Tomando 12 como média e levando em conta a alta mortalidade em um ambiente cruel, poderíamos quadruplicar a população ativa em um espaço de 25 anos, treinando exércitos e tropas para a demanda final de derrotar e expulsar os ETs.

Como exemplo da capacidade de reprodução humana, o caso atual é simbólico. Segundo estimam as Nações Unidas, na década de 1950, a população mundial era de 2,5 bilhões. O senso de 2000 acusou a cifra de 6 bilhões de seres humanos no planeta Terra.

Diversão

Citação: “O inimigo havia se rendido, mas os homens continuavam morrendo. O que eles tinham de sobra eram armas, álcool e muito tempo livre.” – Major Richard Winters, *Band of Brothers* – Parte 10: Pontos.

Já foi dito em várias partes deste estudo como é importante manter ocupada a mente dos homens e das mulheres numa comunidade em estado de conflito. No livro *Band of Brothers – Companhia de Heróis*, de Stephen E. Ambrose, que conta a história real dos membros de um grupo de paraquedistas americanos na Segunda Guerra Mundial, o major Richard Winters disse que, quando a guerra acabou, os comandos que permaneceram em território ocupado continuavam morrendo, seja em acidentes de carro ou em tiroteios entre eles mesmos. Para Winters, esse era o resultado da mistura explosiva entre armas, álcool e tempo livre.

PÁGINA 242

Psiquiatras que pesquisam as grandes guerras também observaram que os seres humanos necessitam de uma “válvula de escape”, por mais terrível que seja a situação em que estejam afundados. Um bom líder organizaria um calendário com folgas, feriados e festas, permitindo que os indivíduos extravasem suas frustrações em manifestações artísticas e culturais.

Promova peças de teatro, apresentações de dança, leitura de textos, jogos (físicos e mentais) e disputas amigáveis. Essas atividades deveriam acontecer nos instantes em que os cidadãos estivessem descansando das obrigações diárias, e teriam a importante função de mantê-los entretidos nos momentos de tédio.

Ajuda espiritual

Citação: “Seja ou não invocação, o deus virá.” – Lema sobre a porta da casa do psicanalista Carl Jung.

Não importa qual seja a sua opinião sobre a religião – ela é um valioso alimento emocional para a maioria dos seres humanos, especialmente em condições adversas. A necessidade de apoio espiritual não está necessariamente ligada às religiões institucionais ou estatais – novos mitos podem surgir, completamente renovados, e alguém deveria assumir a função de adaptá-los e difundi-los.

Não menospreze o poder da fé. A religião já foi muito útil como arma para controlar os incontrolláveis e salvar a humanidade da barbárie. Ela também pode ser uma poderosa ferramenta

PÁGINA 243

ideológica em um planeta hostil, afastando a sociedade do caos e preservando certas normas de conduta.

ICA – inteligência contra-alienígena

Todo o tempo em que sua comunidade estiver “sobrevivendo” deve ser usado para observar cautelosamente o comportamento alienígena. Nunca é demais lembrar que vocês estarão em guerra e que sua meta final é reconquistar o planeta. Para tal, cada território deve ter um departamento de ICA (inteligência contra-alienígena), que recolherá informações, materiais, armas e espécimes extraterrestres para estudo. Quanto melhor forem seus dados, mais chances sua gente terá de derrotar os invasores do espaço.

A ICA deve trabalhar como uma unidade militar, com pelotões encarregados de observar as ações dos aliens e executar missões arriscadas, de assalto e captura. Ainda não é hora de agir como um grupo guerrilheiro. As operações devem ter um objetivo prático – de invasão, obtenção de material e fuga imediata.

Renovando as defesas

Não se acomode. Das duas uma: ou os extraterrestres desejam eliminar a raça humana ou subjugar-la. Os ETs nunca vão deixá-lo viver livremente e poderão voltar a atacar em breve. Repetindo: isso é uma guerra, às vezes com longos períodos de trégua.

PÁGINA 244

As defesas do quartel-general ou dos refúgios humanos não devem baixar a guarda, nunca! O departamento de inteligência contra-alienígena deve atuar em conjunto com os soldados que defendem os abrigos para mantê-los informados sobre a movimentação inimiga, bem como suas novas armas.

Se houver facilidade para isso, mude de esconderijo de tempos em tempos. Evite caminhar na superfície e nunca saia em bandos.

Comunicação cifrada

Em um território ocupado, comunicar-se pode ser um grande problema. Ficadas em terra, no ar ou em órbita, as naves espaciais não terão dificuldade para monitorar ondas eletromagnéticas de qualquer comprimento ou frequência. Isso também não era um entrave para os alemães na Segunda Guerra Mundial, o que obrigou os ingleses a aprimorar seu sistema de criptografia. Em outras palavras: já que os ETs podem ouvi-lo, seu desafio é evitar que eles o compreendam.

Existem centenas de cifras e códigos usados, hoje e no passado, por fontes militares e civis – alguns fáceis de serem quebrados, outros mais difíceis. A famosa cifra de César se baseava no simples deslocamento das letras. Já o código de Playfair, popularizado pelo escocês Lyon Playfair, no século XIX, requer o uso de palavras-chave. Outras cifras, como a de Beale, que indica pistas ocultas no texto da Declaração de Independência americana, permanecem indecifráveis. Há ainda as linguagens binárias, hexadecimais e os inúmeros signos relacionados à programação.

PÁGINA 245

A comunicação cifrada não deve ser usada apenas para mensagens de rádio. Se os extraterrestres tiveram a habilidade de se transformar em humanos, empregar híbridos ou trabalhar com espões, seria perigoso confiar em qualquer um que aparente ser seu amigo. É aí que as senhas entram em ação.

Mesmo antes da invasão, é salutar comprar um livro de códigos e estudá-lo – há vários bons textos nas livrarias e na internet. Além destes, também é possível criar cifras próprias, mais adaptadas a cada comunidade. O ideal é que essas cifras sejam trocadas ou modificadas uma vez por mês.

Durante a Guerra Fria, a CIA utilizou um antigo sistema de palavras cifradas que acabaram, mais tarde, sendo popularizadas pelos filmes de Hollywood. O objetivo era identificar um aliado sem levantar suspeitas da identidade do agente. As chamadas “senhas de comunicação” continham um texto e um subtexto que apenas aqueles ligados à organização compreendiam. Alguns exemplos:



PÁGINA 246

Texto	Subtexto
Paris é agradável nesta época do ano.	O agente chegou ao destino.
Eu nunca dispenso uma torta de maçã.	Novas informações disponíveis.
O tempo voa.	Estamos sendo observados.
Meu tio comia como um porco.	Recebemos mantimentos.
Odeio ser pontual.	Aliados mortos ou capturados.
Depois do cão, o livro é o melhor amigo do homem.	Venha armado.
Deixei de acreditar em Papai Noel quando descobri que ele era meu avô.	Missão de alto risco.
Deus é um artista, não acha?	Encontramos sobreviventes.
Fui campeão de natação. Há anos.	Siga na direção do norte.
Meu bicho preferido é a serpente.	Siga na direção sul.
Nunca mais vi uma lebre.	Siga na direção leste.

PÁGINA 247

Texto	Subtexto
Já leu A Odisseia?	Siga na direção peste.
Não tenho nenhum doce para oferecer.	Suprimentos acabaram.
Mamãe me obrigava a comer frutas todo o verão.	Ordem de suicídio.
Está sentindo cheiro de rosas?	Território desconhecido.
O sol sempre nasce no leste.	Ataque nuclear.
Sabe me dizer onde fica o mercado mais próximo?	Solicito falar com a fonte.
Grandes carvalhos nascem de pequenas bolotas.	Refúgio seguro localizado.
Queria falar comigo?	Posto de comunicação nas redondezas.
Os homens brigam, as mulheres discutem.	Alvo exterminado.
Vejo você à noite.	Fomos cercados.
Aqui escurece mais cedo no inverno.	Abortar missão.

PÁGINA 248

1.5 PREPARAÇÃO À PRÓXIMA FASE

Viver para sempre como ratos de esgoto, escondendo-se aqui e ali, lutando por comida, às vezes sem ver a luz do sol por dias, não é uma perspectiva válida à espécie humana. Por mais que a comunidade se adapte bem ao novo ambiente, a pura sobrevivência nunca deveria ser uma aspiração final.

É da natureza do homem evoluir, buscar melhores condições, sonhar que seus filhos terão outras oportunidades. Ainda que o isolamento possa levar décadas, cedo ou tarde essa situação deveria mudar – só então a sociedade poderá pensar em contra-ataque (ver seção seguinte).

Um líder deve deixar claro que há objetivo a alcançar – e estabelecer prazos para cumpri-los, por mais folgados que estes sejam. Isso acalmará os anseios do cidadão comum e ajudará a população a se unir. Por mais que a praia esteja

distante e o nevoeiro cerrado, um navio nunca deveria navegar ao léu, mas sempre usar a bússola para guiá-lo ao porto.

Os objetivos mais imediatos não precisam estar ligados ao confronto. Tomar novas áreas da cidade, construir túneis, melhorar o esquema de comunicação, educar as crianças, organizar uma tropa de assalto... Todas essas são missões executáveis ainda na fase de sobrevivência. Já espionagem interna, sabotagem, atentados, batalhas diretas, insurreições moderadas, rebeliões generalizadas e guerra total seriam metas mais adequadas à próxima etapa.

PÁGINA 249

2. FASE #2: CONTRA-ATAQUE

Citação: “Se você conhece a si mesmo e ao inimigo, não precisa temer o resultado de uma centena de combates. Se nos conhecemos, mas não ao inimigo, para cada vitória sofreremos uma derrota. Se não nos conhecemos nem ao inimigo, sucumbiremos em todas as batalhas.” – Sun Tzu. A Arte da Guerra.

A meta final de qualquer comunidade pós-apocalíptica deve ser organizar o contra-ataque, expulsar os alienígenas e retomar o planeta. Mas a pergunta que devemos fazer é: quando? Qual é o momento certo para deixar o submundo e principiar a desforra?

Para iniciar qualquer tipo de confronto – anote isso – duas coisas são essenciais: conhecimento e trabalho em equipe. Em seu celebre livro A Arte da Guerra, Sun Tzu afirmava, há 2.500 anos, que, se você conhecer muito bem a si mesmo e ao inimigo, sua vitória está garantida – daí surgiram seus ensinamentos sobre a importância do uso de espões. É absolutamente fundamental que o departamento de inteligência contra-alienígena tenha dados determinantes sobre os extraterrestres, caso contrário seria como enviar suas tropas para uma batalha contra fantasmas invencíveis.

O trabalho em equipe se resume em criar o que chamamos de Resistência. Por mais que a sua comunidade esteja bem protegida e equipada, é impossível vencer uma guerra mundial sozinho.

PÁGINA 250

Para derrotar os invasores, a humanidade deve agir em conjunto, estabelecendo ações coordenadas em todo o planeta. Sim, isso não é simples – a fase de contra-ataque vai levar anos para ser implementada. Não tenha pressa ou porá tudo a perder.

2.1 A FUNDAÇÃO DA RESISTÊNCIA

Primeiro, você e sua família se esconderam em abrigos. Depois, uniram-se a outros sobreviventes e organizaram uma comunidade local autossuficiente, capaz de obter água, comida e se refugiar durante as incursões alienígenas. Agora, é preciso estabelecer contato com outros grupos ao redor do mundo, criando uma rede de insurgentes: a Resistência.

A formação da Resistência acontecerá aos poucos, com grupos de exploração viajando sorrateiros a outras cidades para descobrir mais focos de humanos. Protegidos em seus quartéis-generais, esses remanescentes dificilmente deixarão suas bases – a missão do explorador, aqui, deveria ser informar às forças locais sobre a existência de sua comunidade e propor aliança. Com o tempo, essa aliança evoluiria na troca de armas, informações, comida, até a execução de missões conjuntas. O mesmo ocorreria em outros pontos do planeta e o caminho natural seria o desenvolvimento de uma sociedade clandestina, com comunidades autônomas que compartilhassem certas leis e atitudes.

A fundação de uma sólida Resistência terá seus percalços. Por muitas vezes, os embriões dessa sociedade planetária serão aniquilados por conflitos internos, traições, politicagem ou ataque dos extraterrenos às bases centrais. Obviamente, estabelecer uma

Nota do BH: “Se você está ouvindo isto, você é a Resistência.” – John Connor, Exterminador do Futuro: A Salvação.

PÁGINA 251

rede de interesses fará com que sua comunidade, antes fechada, exponha-se, aumentando o risco de ser descoberta e exterminada. Muitos morrerão e grupos inteiros serão destruídos até que a Resistência se forme como um bloco mundial. Mas, sem ela, não há chances reais de vitória.

2.2 A REDE BLUEHAND

Ainda mais complexo que criar a Resistência é mantê-la viva e coesa. Os rebeldes precisam estar em contato, trocar informações e saber reconhecer uns aos outros, percebendo rapidamente as habilidades do comparsa, local de procedência e nível de conhecimento. Para tal, o uso de códigos de identificação é especialmente útil.

A rede Bluehand é uma cifra de reconhecimento que permite a imediata compreensão de certos dados acerca do aliado. Ela pode ser afixada na parede dos refúgios, enviada por mensagem escrita ou bordada nos uniformes de serviço.

O código aparece na seguinte forma:

PBHa+5541!0703



PÁGINA 252

1) Manuais estudados > A primeira parte da cifra diz respeito à série de manuais Protocolo Bluehand (PBH) estudados pelo resistente, seguido por letras minúsculas que indicam o(s) volume(s) já lido(s). a letra “a”, nesse caso, quer dizer Alienígenas e se refere ao livro que o leitor tem em mãos.

2) País e cidade > o código universal de discagem direta, seguido ao caractere “+”, informa a cidade e o país de procedência. +5541 está relacionado a Curitiba (41), Brasil (55).

3) Posição no grupo > Na sequência, a pontuação mostra seu grau hierárquico no grupo ao qual pertence. “!” é usada para os líderes, enquanto “.” diz que você é um mero integrante. Indivíduos sem grupos ou que agem solitariamente utilizam a “?”.

4) Indivíduos protegidos > Todos os membros protegidos de uma comunidade ou mesmo eremitas que se encaixem na classificação de indivíduos protegidos (ver acima) devem usar o asterisco (*) após a indicação hierárquica.

5) Aptidões: A última parte do código dirá a seu colega quais são suas principais aptidões. É um especialista em informática? Ou é mais hábil no uso das armas? Tem conhecimento de medicina? Sabe pilotar helicópteros? Encontre seu(s) código(s) de aptidão(ões) ao lado:

PÁGINA 253

01 Enfermagem/Primeiros socorros	26 Pilotar helicópteros
02 Medicina	27 Robótica
03 Veterinária	28 Reparos eletrônicos
04 Biologia	29 Reparos mecânicos
05 Química	30 Advocacia
06 Física	31 Propaganda
07 Astronomia	32 Imprensa
08 Psicologia	33 Navegação
09 Geologia	34 Barcos e veleiros
10 Biblioteconomia	35 Astronáutica
11 Farmacologia	36 Artes marciais
12 História natural	38 Artilharia
13 História	39 Armas de fogo
14 Arqueologia	40 Armas brancas
15 Antropologia	41 Encontrar rastros
16 Áudio e vídeo	42 Ocultismo
17 Fotografia	43 Chaveiro
18 Artes	44 Engenharia
19 Contabilidade	45 Política e ciências sociais
20 Escalar	46 Atletas
21 Informática	47 Estatística
22 Coletar informações	48 Geografia
23 Líder religioso	49 Ilusionismo e prestidigitação

24 Dirigir
25 Pilotar aviões à hélice

50 Halterofilismo
51 Nutrição

PÁGINA 254

52 Arcos e bestas
53 Sobrevivência selvagem
54 Explosivos/Demolição
55 Policial ou especialista em
segurança
56 Caça e pesca
57 Genética
58 Botânica
59 Medicina forense
60 Paleontologia
61 Treinar animais
62 Cavalgar
63 Técnicas de interrogatório
64 Desenhista
65 Pilotar jatos
66 Filosofia

67 Avaliação de pedras e joias

68 Conduzir blindados
69 Marcenaria
70 Economia
71 Teologia e religião
72 Diplomacia
73 Costurar
74 Culinária
75 Armeiro

76 Alvenaria
77 Preparar armadilhas
78 Ventriloquismo
79 Cartografia
80 Ervas e plantas
81 Criptografia
82 Agricultura
83 Digitação
84 Falsificação de documentos
85 *Hacker*
86 Ferreiro
87 Leitura dinâmica
88 Linguagem corporal
89 Memória fotográfica
90 Leitura labial
91 Venenos e substâncias
tóxicas
92 Camuflagem
93 Paraquedismo
94 Pilotar submarinos
95 Oratória
96 Linguagens estrangeiras
97 Internauta
98 Fonoaudiologia
99 Dentista
00 Habilidades psíquicas

Nota do BH:

PBHa + 5521?* 01020611131415161719212224252728

293033343738394042434445525354576163

6869737576777981828384858691949697

PÁGINA 255

2.3 INFORMAÇÃO É PODER

Citação: “Tudo o que eu ofereço é a verdade, nada mais.” – Morpheus, Matrix

Todo o trabalho de coleta de informações durante o período de sobrevivência (e além) deveria ter o objetivo de descobrir um único dado: qual é o ponto fraco dos ETs?

O sucesso da invasão alienígena (e de muitas ofensivas humanas) poderá, certamente, ser atribuído ao fato de que os atacantes sabiam muito sobre nós e pouco conhecíamos deles – conforme previu Sun Tzu. Agora, a situação precisa ser invertida. Escondidos em fortalezas subterrâneas, os humanos devem ocultar seus hábitos e suas atividades, à medida que recolhem elementos sobre a natureza extraterrestre.

Na fase de contra-ataque, a busca por dados valiosos deve assumir um caráter mais agressivo. Os raptos de espécimes, antes efetuados quando a oportunidade surgia, tomariam a forma de verdadeiras incursões de assalto, levadas a cabo para capturar, além de espécimes, armas, veículos e variados equipamentos inimigos para utilização e estudo.

Todo esse esforço convergirá aos serviços de inteligência, que utilizarão o material para inferir o básico:

Quem é o invasor? A qual espécie pertence?

Como funciona a biologia dos ETs?

Quis são seus poderes e suas vulnerabilidades?

Como é a sua estrutura social? Quem são os líderes?

PÁGINA 256

De onde eles vêm? Têm inimigos? Quais?

Têm aliados? Usam híbridos, humanos simpatizantes ou robôs?

Qual é o contingente alienígena na Terra?

Quais são suas máquinas e como funcionam?

Quais são suas armas e do que são capazes?

Qual é a grandeza da frota estacionada em nosso planeta?

Quantos veículos e armas há em cada nave espacial?

Onde estão suas bases? Como são defendidas?

Existe uma fortaleza central? Ou uma nave-mãe?

Qual é a rotina de ataques? Como eles agem?

Qual é o objetivo dos extraterrestres na Terra?

Quais são seus planos para o futuro do planeta?

O que desejam da raça humana?

Qual é o melhor método de contra-ataque?

Como confundi-los? Quais são seus pontos fracos?

Como vencê-los?

2.4 TÁTICAS DE COMBATE

Citação: “É só não perder a calma. Chegou a cobertura? Chegou! Sem afobação. Pode estar a pau quebrando, você vai fazer tudo com calma. Olha pra frente. Dá pra sair? Então vai embora.” – Capitão Nascimento. Tropa de Elite.

O conhecimento preciso da circulação alienígena indicará à Resistência as melhores táticas de combate. Por exemplo, se

PÁGINA 257

os aliens são vulneráveis à luz forte, as ofensivas deveriam ser conduzidas sempre na parte da manhã. Se forem resistentes ao frio, todas as ações seriam suspensas no inverno. Os dados obtidos mostrarão as melhores estratégias de ataque.

Primeiro passo: sabotagem > A sabotagem pode ser um método eficiente de minar o poderio inimigo, mas tem suas consequências. Assim que a inteligência descobrir o que os extraterrestres desejam, a Resistência deverá atacar esse objeto. Suponhamos que os ETs queiram dragar a água doce da Terra: então as iniciativas de sabotagem mirarão as instalações de dragagem. No último caso, e se esta for a

única maneira de expulsar os invasores, pode ser necessária a destruição de parte desse recurso natural para enfraquecer o poder e o moral dos adversários.

Segundo passo: atentados > Os atentados são tidos como um passo além da sabotagem, feita sempre por indivíduos ocultos, que apenas danificam e impedem pontualmente determinado processo. Os atentados são ataques-surpresa, conduzidos por grupos reduzidos, com missões tão pequenas como matar um espécime ou tão grande como explodir uma nave espacial. Os autores de atentados se expõem a riscos maiores porque aqui há chance clara de confronto – não basta montar uma bomba e voltar à base. A regularidade de ataques coordenados desse tipo, em nível mundial, poderia desgastar seriamente a estrutura alienígena.

PÁGINA 258

Terceiro passo: batalhas diretas > Equipados com armas e veículos funcionais e treinamento adequado, as tropas da Resistência podem começar a pensar em atacar os extraterrestres de igual para igual. Não imagine um grupo de maltrapilhos dando tiros com fuzis velhos e usados. Nesse cenário, os humanos já deveriam ter em seu poder peças de tecnologia alienígena, podendo adaptar suas armas às nossas. Seriam capazes de produzir em laboratório armas atômicas, substâncias tóxicas e talvez até robôs de assalto. As batalhas poder ter resultados positivos, como a captura de mais armas, a destruição de um contingente inimigo ou a retomada de um território importante – ou podem acabar em fracasso, deixando centenas ou milhares de mortos.

Quarto passo: insurreição > O sucesso dos atentados e das batalhas evoluiria para ataques constantes de alvos inimigos, culminando no que chamamos de insurreição. As ofensivas agora não mais se resumem a batalhas ocasionais – a humanidade está aos poucos se levantando contra a ameaça alienígena ao redor do mundo. Ocorrerão confrontos mais ousados, destrutivos e perigosos para os dois lados. A sociedade humana, à exceção dos “indivíduos protegidos”, começaria a sair de seus esconderijos e ocupar bases na superfície.

Quinto passo: rebelião > Quando as insurreições forem uma realidade simultânea em todo o planeta e alcançarem sucesso, estaremos no nível da rebelião. A rebelião estará instaurada quando as insurreições conseguirem desalojar os ETs

PÁGINA 259

de suas bases, fazendo-os recuar, mas ainda sem expulsá-los do planeta. Agora os humanos dão as cartas, mostrando que têm meios eficientes de combater os adversários.

Sexto passo: guerra total > A humanidade não deve apenas assustar os alienígenas, permitindo que eles se recolham e planejem o contra-ataque: é preciso continuar avançando de forma a obter a vitória total e o banimento dessas criaturas da face da Terra. É agora que a ofensiva chega a seu momento crítico, com os homens invadindo as bases e naves alienígenas para tomá-las ou destruí-las.



PÁGINA 260

O fator “superarma”

Insurreições, rebeliões e guerra total podem ser consideravelmente aceleradas se a humanidade encontrar, no curso de seus estudos, alguma arma suprema contra os alienígenas. Essa arma poderá ser um vírus antigo, contra o qual os ETs não têm defesa, uma substância química que explore as vulnerabilidades do inimigo ou um armamento tradicional, com um tipo de radiação especialmente letal aos invasores. No clássico *A Guerra dos Mundos*, de 1953, os extraterrestres sucumbem às doenças da Terra; na minissérie *V – A Batalha Final*, os revoltosos produzem um pó de composição mortal aos répteis.

Ficção à parte, é prudente aceitar que dificilmente contaremos com o auxílio de uma superarma. O mais certo é aceitar que o caminho para a vitória será longo e

tortuoso. De qualquer maneira, lembraremos que a maior qualidade humana é a nossa criatividade e adaptabilidade. Tire proveito disso!

2.5 A GUERRA

Citação: “Bem-vindo à Terra!” – Capitão Steven Hiller, Independence Day

Como seria uma guerra entre alienígenas e humanos? Difícil prever, considerando que todos nossos cenários são hipotéticos. Uma guerra (não a invasão, mas o contra-ataque), como vimos, poderia demorar anos para ocorrer e, durante esse tempo, a humanidade passaria por radicais mudanças sociais, políticas e, quem sabe, até biológicas.

PÁGINA 261

A decisão de enfrentar os extraterrestres não é a única, conforma falaremos adiante. Mas, se essa for a escolha geral, algumas situações deveriam ser consideradas.

O poder nuclear

É possível, embora improvável, que nós consigamos rechaçar os ETs já na fase de invasão, lançando um assalto sem precedentes com armas atômicas. Na ofensiva inicial ou no contra-ataque, perceba que o poder nuclear, tecnologia que a raça humana já domina, é o armamento mais efetivo contra os inimigos espaciais.

Prepare-se para o cataclismo

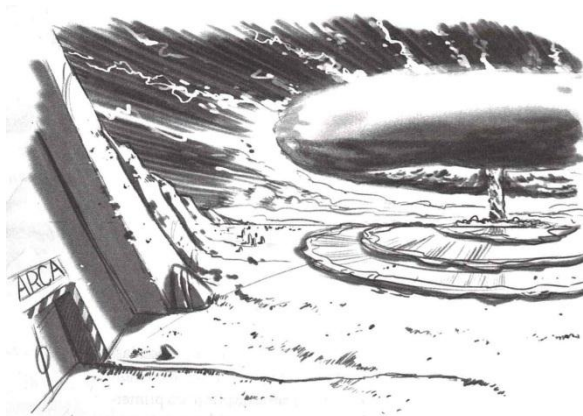
Uma grande batalha entre alienígenas e seres humanos pode ser tão devastadora quanto a própria invasão, quiçá mais. Além de os combates vitimarem milhares ou milhões de vidas, os adversários, ao serem vencidos, podem resolver explodir uma das grandes naves, aniquilando a atmosfera da Terra, por exemplo. É por isso que as ofensivas humanas precisam ser executadas não só com força, mas com inteligência, objetivando alvos estratégicos e anulando a possibilidade de retuque com aliens. Essas criaturas, em geral, são altamente centralizadas, como abelhas comandadas por uma rainha. Encontre a fonte e assalte-a sem piedade.

A guerra, em qualquer opção, será cruel e haverá o risco de levar a humanidade à beira da extinção, de novo. Os líderes da Resistência devem ter isso em mente e acionar um novo projeto Arca de Noé, com abrigos lacrados onde serão escondidos os

Nota do BH: “Se eles perderem, a nave-mãe poderá se transformar em uma bomba termonuclear com poder suficiente para destruir a Terra.” – Martin, V, A Batalha Final.

PÁGINA 262

indivíduos “protegidos”, bem como uma quantidade razoável de animais, plantas, minerais e, lógico, mantimentos para vários meses ou anos, a diferença é que, desta vez, não seremos pegos de surpresa, mas teremos tempo para construir refúgios e elaborar diretrizes mostrando como os sobreviventes deverão agir nos dias que virão.



PÁGINA 263



Nota do BH: Obviamente, o contra-ataque pode não ser a única alternativa. Às vezes o plano de conquista dos invasores é tão perfeito, e sua superioridade tão

gritante, que simplesmente não haverá brecha para a luta. Isso pode ocorrer sim – e é uma possibilidade que, infelizmente, deve ser considerada. Veja outras opções de ação e como manejá-las.

Sobrevivência

As comunidades humanas, às vezes com dificuldade de encontrar mais sobreviventes, podem entender que tiveram sorte em resistir ao ataque inicial e que não vale a pena enfrentar os ETs – por falta de conhecimento, habilidade ou vontade. Algumas pessoas (a minoria) se contentam com o que já têm e ficam acomodadas, abandonando o estímulo de evoluir e buscar uma situação melhor.

A sobrevivência é uma alternativa confortável em um primeiro momento, mas perigosa no longo prazo. Confinada a um espaço

PÁGINA 264

restrito, seja ou não sob a terra, a comunidade acabará entrando em conflito interno, por território, comida ou interesses diversos – especialmente num mundo inóspito e atroz. Mas ainda existe a remota possibilidade de essa sociedade conseguir conviver em harmonia e se adaptar ao novo ambiente. Nesse caso, talvez seja mesmo interessante deixar as coisas como estão.

Viver sozinho

Tornar-se um eremita é uma opção perfeitamente aceitável para várias pessoas – algumas delas até agradeceriam por isso. Obviamente, viver sozinho, por um lado, reduz suas chances de ser descoberto, facilita a fuga e torna o movimento mais rápido. Por outro lado, um ermitão não pode contar com a ajuda de seus pares.

A escolha pela vida solitária não deve ser praticada por você, que detém a sabedoria deste manual. Ainda assim, seria razoável imaginar um especialista morando isolado, ajudando os grupos insurgentes a partir de uma base afastada.

Fuga

A fuga é tradicionalmente a alternativa mais lógica ao combate. Mas fugir para onde?

Talvez existam certos lugares no planeta inacessíveis aos extraterrestres. Se eles forem muito vulneráveis à luz forte, você poderia estabelecer seu grupo na Antártida (caso haja como obter suprimentos), onde há seis meses de sol. Se forem pouco adaptados ao calor, sua comunidade deveria se fixar no deserto do Saara

PÁGINA 265

ou em alguma ilha tropical. Como sempre, tudo vai depender das circunstâncias.

A fuga não exclui a primeira fase de ação, a sobrevivência. Não se arrisque a viajar para terras distantes sem ter informações sobre os ETs e não saia do refúgio até que sua comunidade esteja perfeitamente preparada para isso.

A fuga tem consequências positivas e negativas. O lado bom é que parece menos perigosa do que um contra-ataque – há mais chances de a comunidade sobreviver. Mas o grupo pode encontrar dificuldades na viagem e para se adaptar ao novo ambiente. E o pior: sempre há a possibilidade de os invasores localizá-los (seja por meio de naves ou robôs) e atacá-los. Fundar uma nova civilização nos “recantos do planeta” não o torna imune a um novo apocalipse.

Rendição

Nota do BH: “Se não pode vencê-los, junte-se a eles.” – Ditado Popular.

Em suas pesquisas sobre as motivações alienígenas, você e sua comunidade podem concluir que as intenções dos atacantes para com os seres humanos talvez não sejam assim tão cruéis. A hipótese de trabalharem como escravos de uma civilização mais avançada pode ser melhor do que passar a eternidade vivendo em esgotos e caçando ratos para comer. Exemplos disso são encontrados na própria civilização humana. A economia do Império Romano era baseada na escravidão, e havia escravos de todos os níveis – desde trabalhadores chicoteados nas minas de sal até cultos professores gregos, tratados como membros da família por alguns senhores. Via de regra, os escravos são uma mercadoria

Nota do BH: NUNCA!

PÁGINA 266

valiosa para quem os captura, e ninguém gosta de ver suas posses destruídas ou precocemente inutilizadas.

Até as possibilidades mais bizarras podem ser preferíveis em certos casos. Se os ETs estiverem aqui à procura de comida, a sociedade humana pode decidir entregar alguns de seus membros em troca do salvo-conduto aos demais. Esse

sacrifício implicaria uma rendição dos interesses humanos em prol das necessidades dos aliens.

Se os atacantes quiserem usar os terráqueos para pesquisas em massa (científicas ou sociais), as estatísticas podem mostrar que a taxa de mortalidade em cativeiro é mais branda do que a vida cruel nos subterrâneos – e seria melhor deixar o orgulho de lado e entregar as armas.

Convivência pacífica

Acredite, as coisas mudam, e nossa história prova isso. Nações que sofreram horrores ao serem conquistadas em um espaço de duas ou três gerações acabam incorporando a influência externa e não raro conseguem conviver pacificamente. Isso aconteceu com muitas províncias romanas, com os saxões na Grã-Bretanha, com as terras do Novo Mundo e com o avanço do imperialismo no século XIX. A ideia é estranha, mas pode se repetir na ocasião de uma ocupação alienígena.

Se a intenção dos ETs for permanecer na Terra e usar os humanos de alguma forma, a tendência é que a relação entre as

PÁGINA 267



duas espécies evolua à convivência pacífica, caso os terráqueos julguem ser impossível o contra-ataque.

Um convívio harmonioso, entretanto, levaria muitos anos para se estabelecer. Tradicionalmente, as gerações que sofrem os traumas da invasão devem estar mortas para que o ódio se acalme e fique viável qualquer tipo de acordo. É possível, inclusive, que, instituída essa simbiose, as duas raças construam

uma relação que torne, no futuro, muito difícil sua dissociação. Nesse panorama bizarro, os humanos necessitariam dos extraterrestres para sobreviver – e vice-versa!

PÁGINA 268

